**QUEM MATOU CALDWEL?**

**C. Vilaça**

**PRÓLOGO**

A Primeira Guerra Mundial foi uma carnificina. Os Soldados saíam das trincheiras para serem dilacerados por projéteis enormes e mal feitos. O combate corpo a corpo era comum, pois a munição não era farta e não podia ser desperdiçada em tiros imprecisos, com armas rudimentares, se comparadas ao armamento de hoje.

Eram levas e levas de combatentes a cair ao solo, mortos, atingidos por todo tipo de artefato, desde minas até metralhadoras e obuses. Era a guerra de trincheiras e quem as desprezasse morreria. Por isso foi uma guerra em que milhões de soldados sucumbiram, vítimas da falta de cuidado, da má estratégia, da conduta errônea. Foi uma guerra de erros, no ar, no mar, na terra. Os equipamentos individuais pesavam muito nas costas dos homens. Faziam muito barulho e pouco protegiam. Além disso, atrapalhavam a necessária velocidade do combatente durante o assalto final. Eles então se prostravam bem próximos do objetivo, para ali serem alvejados e darem sua vida. Não era nunca foi um combate objetivo e de resultados. Era quase uma briga de rua. Faltava ainda o conhecimento da estratégia, o conhecimento do inimigo. Entretanto...

Era uma guerra honesta. Os motivos, o estopim do conflito, eram amparados em fatos reais, tolos ou não, mas que envolviam toda nação participante do embate. Era uma guerra ideológica, que precisava ser vencida. A Primeira Guerra Mundial não foi uma cortina de fumaça, a esconder fatos vergonhosos de governos ou governantes, como outras que vieram depois.

A Segunda Guerra Mundial foi a guerra das descobertas. Estuda-se até hoje todas as artimanhas utilizadas, os planos, o armamento e equipamento envolvidos. Para essa guerra, pensou-se no homem, no seu bem-estar, sua segurança. Os capacetes realmente eram capazes, em algumas situações, de deter um projétil e salvar a vida do Soldado. Pensou-se na alimentação e se procurou criar produtos que fornecessem ao Soldado as energias de que precisava para o combate. O Soldado dessa guerra estava mais protegido do frio e usava uniformes que às vezes, o confundia com o terreno em volta. O serviço de informações foi fartamente utilizado e muitas vitórias se deveram aos dados obtidos por esse sistema. Nunca houve tantos espiões nos quatro cantos do mundo. Milhões foram canalizados para o aprimoramento do armamento e dos transportes. A utilização da penicilina, ausente na guerra anterior salvou muitas vidas. A anestesia aliviou muito sofrimento. Os avanços da medicina trouxeram à vida homens que na primeira guerra não resistiriam aos ferimentos. Podemos dizer sem medo de errar que esta guerra foi mais humana, mais justa por ser o anseio de grande parte da humanidade e não teve votos contrários de quem não participou, as nações ditas neutras.

E assim acabaram as grandes guerras. Depois delas, tudo foi menor, em extensão, em importância, mas, sobretudo, em ideais. A chamada guerra da Coreia não merece maiores comentários e os conflitos em diversas partes do mundo foram pulverizados em ações diversificadas, intermitentes, em locais diferentes e até ficou difícil determinar se os conflitos haviam ou não terminado, tantos foram os grupos que se mantiveram lutando, contra governos ou situações que não eram de seu agrado.

Mas então veio o Vietnam. Para o Vietnam foram os Soldados negros, pobres, ou ambos. Como era necessário haver comando, foram também para o Vietnam os Oficiais não apadrinhados ou que por qualquer razão não conseguiram se omitir, ou aqueles com especialização em algum tipo de operação. Além disso, a grande maioria do povo americano era contra a guerra do Vietnam. Ocorreram diversos atos contra esse conflito e viu-se que era uma guerra perdida, porque nunca foi uma guerra ideológica e os estudiosos um dia explicarão claramente o que os americanos foram fazer tão longe de casa. Foi uma guerra feia, abominável, onde os valores foram esquecidos e os vícios saciados. Essa guerra é a vergonha dos americanos. A história os mostrará arrependidos dessa empreitada e dará razão aos pacifistas. Essa guerra foi a vergonha para os americanos, mas fez a fortuna de Caldwel.



CAPÍTULO I

CHEGANDO AO VIETNAM



O avião descreveu uma curva enorme e iniciou a aproximação da Base. Era preciso muito cuidado na chegada, pois os “congs” marcavam a trajetória dos aviões e assim podiam atirar neles com maior precisão. Por isso as pistas se abriam em leque, permitindo ao avião descer em três situações diferentes, variando os ângulos de ataque de acordo com a pista escolhida. Mas era sempre perigosa qualquer aterrissagem. O trem de pouso era baixado no último momento, permitindo primeiro que o avião chegasse com mais velocidade, livre do atrito do ar com as rodas e segundo porque dava a falsa impressão de que não desceria naquele momento. Se o tempo permitisse, o piloto podia optar por descer pelo lado oposto das pistas, o que diminuía suas alternativas, mas lhe dava a chance de escapar de um ataque que o esperasse do outro lado. Os aviões chegavam em horários diversos e raramente ocorriam dois pousos em mesmo horário. Os aparelhos sempre procuravam a pista em voo rasante, o que dificultava sua localização, acompanhamento e... mira. Não foram poucos os aviões que desceram em chamas ou explodiram um pouco antes de tocar o solo. Aos pilotos que conhecessem o local, o rasante propiciava certa segurança. Os que faziam o voo pela primeira vez naquele local, tinham que chegar em altitude elevada, identificar o local de pouso e depois de circular a região, descer abruptamente e vir baixo em direção à Base. Esses eram apenas alguns, de dezenas de estratagemas que visavam proteger o piloto e a tripulação. O transporte de Oficiais Generais se revestia de certos procedimentos que dificultavam a identificação, rota e horário de chegada do avião. Nesses casos ocorriam manobras diversionistas.

Essas manobras consistiam em diversas atividades visando confundir os “congs”. Numa delas vários aviões eram designados para outras bases, mas antes de seguirem destino, davam algumas voltas em torno do local. O inimigo tinha então dificuldade em saber que aviões estavam chegando ou saindo.

A Base Charlie tinha o formato retangular, pois abrigava o aeroporto. Nesse perímetro havia pelo menos três cercas, separadas por aproximadamente 4 metros. Para se chegar dentro dela era preciso vencer as três cercas, as minas colocadas entre elas, os alarmes e as sentinelas. Havia holofotes permanentemente acesos à noite e outros que podiam ser acionados em segundos. A energia vinha de geradores a diesel ou bateria. O arame farpado das cercas, além de articulado com diversos alarmes antipessoal, era separado por não mais de vinte centímetros um do outro. A Base era inexpugnável a um ataque, mas não à visão aguda do inimigo. Este não usava uniforme e se confundia facilmente com a população civil local. Podia se postar junto à cerca externa e observar calmamente o movimento de pessoal e material da Base. Acompanhava o desembarque da tropa e avaliava o material que chegava. Pela quantidade de homens, sabiam quanta munição estava chegando e pela quantidade de munição chegando, tinha uma ideia do efetivo presente, ou a chegar. Montava dessa forma sua estratégia de combate. Sempre recorrendo a emboscadas, às armadilhas de diversos tipos que fazia utilizando o material encontrado no terreno, ou criando obstáculos intransponíveis para o Soldado. O perímetro da base, em geral possuía um acerto de terreno que permitia a circulação de viaturas. Como a Base possuía sempre uma única entrada, quando uma patrulha chegava, com feridos ou fugindo de um ataque, era possível enviar jeeps ou ambulâncias para auxiliar a entrada do grupo.

O avião vinha baixo, ainda sem baixar os trens, procurando a melhor pista para sua posição de descida. Embaixo, grupos se preparam para um eventual acidente, movimentando ambulâncias e homens próximos ao local do pouso. A segurança é reforçada, para prevenir um ataque no solo. As guaritas, com dois Soldados cada, giram suas potentes armas para as áreas circundantes e esperam. Finalmente as rodam surgem sob o aparelho e logo ele está tocando a pistas e deslizando suavemente, antes de aplicar os freios. Traz quarenta homens e muito equipamento. Estaciona e baixa a rampa, permitindo o desembarque. São jovens Oficiais e muitos Soldados, na maioria, negros, como sempre. Entre eles está Marcus Alexander Caldwel, o Cap Caldwel, que tem a missão de assumir a Companhia D, cujo comandante anterior retornará no mesmo avião, num “bodybag”, ou “saco de corpos”. A troca de comando tem que ser rápida, urgente, ou a Companhia, acéfala, sofrerá forte abalo no moral, prejudicando a missão.

Paralela às pistas de pouso, corre uma rua enlameada, em cuja margem oposta às pistas estão barracões enormes, identificados apenas com uma tabuleta onde se pode ver a letra correspondente àquela Companhia, ou o Rancho, ou o cassino dos Oficiais, ou o comando da Base. O Cap Caldwel nada tem a ver com os homens que com ele chegaram no avião. Ele veio substituir um colega morto e os Soldados vieram fazer o mesmo, nas diversas companhias da Base. Não se conhecem. Por isso, Caldwel é conduzido, junto com outros Oficiais que com ele chegaram, até ao Comandante Geral. Os Soldados seguem, para onde foram designados, para cada uma das Companhias.

Caldwel se apresentou ao seu Comandante, o Coronel Kurt, que lhe dá as primeiras diretrizes. Informa as condições em que morreu seu antecessor e como ele deverá conduzir a Companhia D, pois é a primeira vez que Caldwel vem ao Vietnam e precisa saber certas coisas que nunca lhe foram ditas. Descobre então, através do próprio Comandante Geral, que a disciplina militar vem depois da disciplina de combate, que o uniforme e a apresentação dos homens não devem ser uma preocupação de Caldwel e que ele não vai ganhar uma guerra. Vai apenas cumprir seu tempo ali e com sorte, retornará à sua pátria, inteiro. Caldwel observa aquele homem, com aspecto muito cansado que está sentado à sua frente. Não há brilho em seus olhos, não há determinação em suas palavras, não há convicção no que diz. Ele apenas fala. É um homem vencido e isso assusta Caldwel.

O Coronel Kurt parece adivinhar os pensamentos do jovem Capitão. Sente que precisa dizer algo, entretanto sente mais, que precisa ser inteiramente honesto com o homem que tem enormes possibilidades de morrer em poucos dias, pois no Vietnam nunca houve garantia de vida, de segurança, para ninguém. Só então convida Caldwel a sentar-se e abrindo sua gaveta pega uma garrafa e serve a ambos uma dose farta. Oferece charutos de uma caixa, mas o capitão delicadamente recusa. Ele não fuma. O Coronel vai até a janela de onde vê as pistas de pouso e sonha com o dia em que deixará aquele lugar maldito e voltará para sua família. Começa então sua preleção habitual a todos os novos Comandantes

(os outros oficiais aguardavam sua vez de se apresentar a ele). Depois de engolir meio copo da bebida, começa a falar, de pé, apoiado em sua mesa e de frente para Caldwel, sentado numa pequena cadeira de braços e atento:

- Meu caro Capitão. Nós vamos perder essa guerra. A nossa missão é nos mantermos vivos. Não temos mais nada a fazer aqui. Somos um alvo que os vietcongs buscam o tempo todo. Conseguimos com sorte eliminar alguns, mas sempre surgem mais e mais, não sabemos de onde. Se nos distrairmos, eles sairão de túneis, dentro dessa Base. E se matarão a si próprios e a nós. Eles são o próprio demônio. Eles avançam contra uma metralhadora ponto cinquenta, como se ela não existisse e são cortados ao meio. Os outros continuam como se aquela arma não os tivesse na mira. É difícil matar quem não teme a morte, quem a ignora.

* Sim Coronel, mas...

- Me deixe continuar, Capitão. Eu ainda não disse nada. Você me dirá que a conduta de combate deve ser isolar e destruir. No meio dessa maldita selva, você não vê ninguém, até que ele esteja sobre você e aí... Como podemos isolar a quem não podemos ver? Você não pode usar uma arma coletiva como o morteiro, de qualquer calibre, contra os congs. Eles nunca ficam tão juntos assim. Podem estar a vinte metros um do outro, desaparecer rapidamente e se encontrar sob a terra, em túneis. Não lhe falei dos túneis? São quilômetros e quilômetros de túneis em todas as direções, todos devidamente armadilhados. Você pode conseguir entrar num deles, mas será apanhado e morto e se achar a saída, haverá uma armadilha que o pegará. Aqui poucos de nós morrem de um tiro, uma facada. Morremos estilhaçados, aos pedaços. Chego a sentir uma mórbida felicidade quando consigo enviar alguém inteiro, embora morto, para casa. Esses pelo menos a família poderá velar. Quantas vezes damos como desaparecidos os Soldados que ficaram em pedaços? Como podemos enviar para a família duas pernas, ou um braço, uma cabeça?

Caldwel ouvia horrorizado o que lhe dizia o homem. O Comandante Geral voltou a encher seu copo e ofereceu ao subordinado, que mal tocara na bebida. Kurt bebeu e andou pelo aposento, voltou à janela e ficou alguns minutos em silêncio. Depois se virou:

* Capitão, não seja herói. Tire dessa guerra idiota o que puder

E volte vivo. Não se coloque em perigo, nem a seus homens. Eles sim, merecem que façamos tudo que pudermos para protegê-los. São vítimas de políticas insanas, como nós. Com a diferença que sabemos o que está acontecendo e eles não. Sabemos como as fábricas de armas, aviões, helicópteros, equipamentos, estão faturando com nossa desgraça. Nós sabemos. Por isso, entenda como quiser o que estou lhe dizendo, mas se for esperto, entenderá da forma correta: saia vivo dessa guerra.

Voltou a sentar-se e ficou longo tempo, cabeça baixa, a olhar para o tampo da mesa. Estaria bêbado? Tornou a falar:

- Creio que lhe disse tudo. Pelo menos o essencial. O major Roger lhe explicará o que não souber, lhe fará um estudo da situação que vivemos aqui e o apresentará aos outros Comandantes de Companhia, com os quais você deverá dividir informações.

Caldwel se levantou, empertigou-se e prestou a continência regulamentar. O Coronel Kurt olhou-o tristemente e nada disse, acenou com a mão para que saísse e pediu que fizesse entrar os Oficiais subalternos que haviam chegado no mesmo avião e aguardavam do lado de fora.

Um Cabo o conduziu então aos seus aposentos, onde deixou seus pertences e partiram ao encontro do Major Roger e dos outros Cmt de Cia. Apresentou-se ao Major e foi apresentado aos colegas de comando, Cap Frank Bannon, da Companhia A, Cap Alan Miers, da Companhia B e Mark Dobs, da C. Ali foi informado do quadro em que viviam as tropas americanas no Vietnam. Curiosamente não havia dificuldade logística, ou seja, tudo que era solicitado, prontamente era fornecido. O moral da tropa, em todas as Companhias, era baixo, mas havia espírito de corpo entre os Soldados, Sargentos e Oficiais. Em outras palavras, todos de alguma forma, se protegiam, mas não se interessavam pelo geral, pela segurança da base, pela correta conduta das patrulhas, pela conservação do material e equipamento, bem como do armamento utilizado. Difícil ver um Soldado prestando continência, fosse para quem fosse. O Major Roger explicou-lhe que o importante era sobreviver, que não se importasse com detalhes como hierarquia, conduta e disciplina dos Soldados e apenas fizesse com que suas ordens fossem cumpridas, como se isso não representasse algo natural e corriqueiro no convívio militar. Um mapa foi aberto sobre a mesa e a localização da Base foi claramente apontada pelo Major. Caldwel ficou sabendo também a localização das bases mais próximas, onde poderia se socorrer em caso de necessidade. Recebeu mapas, relatórios, fotografias e alguns manuais específicos sobre a situação local. Foi aconselhado a estar sempre armado, preparado para revidar qualquer ataque, dentro ou fora da Base. Dentro da Base?

- Sim Capitão – o Major Roger leu seus pensamentos – ande armado dentro da base, dentro de sua barraca e se achar conveniente, leve sua arma quando utilizar a latrina. O perigo pode vir de qualquer lugar ou pessoa – e embora todos rissem, Caldwel aceitou como verdadeiras as declarações do Major. Não se separaria de sua pistola.

A noite caiu rapidamente e uma nuvem de mosquitos inundou a Base. Caldwel passou parte de sua primeira noite ali estudando os mapas, relatórios, analisando as fotos locais e tomando conhecimento dos efetivos da Companhia que passaria a comandar no dia seguinte. Rapidamente se adaptou à nova situação. Conheceu os homens, fez um bom relacionamento com seus Oficiais e Sargentos e logo conhecia todos. Mas não podia negar que havia coisas que não sabia. Havia coisas que não lhe contavam e mais, que procuravam esconder. Muitas conversas cessavam logo que ele surgia. Alguns dos integrantes da Companhia o evitavam. E ele notou algumas trocas de olhares altamente suspeitas. Precisava descobrir o que o esperava naquele local, pois isso poderia ser crucial para sua sobrevivência. Com apenas uma semana naquela Base, no Vietnam, tinha muitas perguntas e poucas respostas. Havia algo e ele descobriria, de algum modo.

CAPÍTULO II

DESCOBRINDO O SEGREDO



O Cap Caldwel ficou atento aos acontecimentos. O primeiro indício a lhe chamar a atenção foi o fato de que às vésperas da chegada de um avião, havia um notável aumento na agitação. Mas por quê? Várias vezes por dia explodiam próximo da base, granadas, morteiros, mas nada tornava os homens mais agitados do que o aviso de que logo chegaria um avião. Ser designado para uma patrulha no horário em que chegasse um avião era visto como o fim do mundo pelos Soldados escalados. Intrigante.

O jantar no cassino dos Oficiais, quando possível, contava com a presença do Cmt da Base e todos os Oficiais. Alguns deles ficavam ali até mais tarde. Estudavam as operações do dia seguinte, conversavam, tomavam mais uma cerveja, café, ou simplesmente se entregavam a discussões acaloradas sobre os rumos dos campeonatos esportivos de sua terra. Caldwel fez boa amizade com Frank, Cmt da Cia A e bom de conversa. E foi a ele que, depois de jogar conversa fora por um bom tempo e contando com o efeito das cervejas ingeridas, perguntou:

- Frank, o que realmente está acontecendo por aqui e que eu não sei?

- Do que você está falando? O que você sabe, todos nós sabemos. A que você se refere?

- Não, Frank. Existe alguma coisa mais e isso eu sei. Não sou tolo, os indícios são fortes e parece que sou parte disso. As conversas mudam quando eu chego, noto troca de olhares que, a meu ver, não teriam qualquer sentido se não houvesse um segredo a ser guardado. Vejo certa cumplicidade entre vocês e não faço parte dela...

- Então me diga você, Capitão, por que um Oficial de Informações, com larga experiência em análise nessa área, tendo servido por mais de três anos na 2ª Seção do Estado Maior, é mandado repentinamente para cá, o fim do mundo, onde aparentemente nada precisa ser investigado? Pode responder a isso?

Caldwel ficou perplexo com o que acabara de ouvir. Frank parecia saber tudo a seu respeito. Era tudo verdade. Depois de três anos no setor de análise de informações estratégicas, no E/2 do Estado Maior, fora, para surpresa sua, retirado das funções e enviado para comandar uma Companhia no Vietnam. Mesmo o período de preparação e reavaliação de seu estado físico fora mínimo. Ele também achara estranho, mas cumpria ordens. Não teve o que responder a Frank. Olhou para o amigo e finalmente conseguiu dizer algo:

- Frank... como você soube disso tudo? Estou aqui há uma semana apenas...

- Simples: sua ficha está com o Cmt da Base e ele nos mostrou o que você fazia antes de ser mandado p’ra nós. Nenhum de nós sabe, nem Kurt, porque você está aqui... mas você vai nos contar, não é? Afinal, você não quer ficar isolado nesse fim de mundo, sem alguém em quem confiar. Roger lhe deu uma pista quando o aconselhou a estar sempre armado. Caso tenha vindo investigar a Base, sugiro que converse com Kurt, abra o jogo, e ficará em segurança. Não tema por mim, não lhe faria mal. Mas não posso responder pelos outros.

- Frank! Do que você está falando? Eu pertenci durante algum tempo ao Serviço de Informação, mas fui retirado de lá e mandado para esta Base, depois de rápido treinamento. Não recebi, lhe garanto, qualquer orientação sobre o que fazer aqui e não tenho qualquer ligação com o Serviço. Amanhã, logo cedo, cobrarei explicações ao Kurt. Ou ele me acusa de algo e prova, ou me coloca no rol de seus homens de confiança. A situação é insustentável. Quanto a você, me decepciona imaginando que eu possa estar aqui como espião americano, espionando americanos. Eu jamais aceitaria tal incumbência. O que você pensa que sou?

- Calma, Caldwel. Você perguntou e eu falei. Se você não fosse tão observador, tudo correria normalmente e acabaríamos descobrindo que você nada tem contra nós. Você atropelou o que eu não pretendia dizer. Não se ofenda, é que precisamos nos proteger.

- Proteger? Proteger do quê? Alguém aqui cometeu algum crime?

- E isso interessa a você? Em que nível?

- Frank, me diga o que está havendo ou o que ocorreu aqui. Quero ser parte disso, já que estou aqui. Não tenho outro interesse que não seja minha própria segurança e minha aceitação por todos.

- Fale com Kurt. Ele lhe dirá ou não, isso é com ele. – levantou-se e saiu, se despedindo com um seco “boa noite”.

Durante o tempo em que conversaram o Soldado Nelson andara arrumando e limpando as mesas, sempre perto deles. Com a saída repentina de Frank. A limpeza cessou e Nelson desapareceu nos fundos do cassino de Oficiais. Isso intrigou Caldwel que começou a relembrar a conversa e a presença dele. Sim, ele estivera ouvindo tudo, sem que fosse notado, pois ficava o tempo todo de cabeça baixa. Caldwel lembrou que ele limpou duas vezes o mesmo lugar e isso foi o que chamou sua atenção, além do fato da limpeza terminar com a saída de Frank. Havia algo, Frank sabia, o Soldado Nelson também e Kurt tinha as respostas, que provavelmente não lhe daria. Seria perda de tempo procurá-lo, sem ter sequer o que perguntar. Mas precisava descobrir, e logo.

Caldwel gritou pelo Soldado Nelson, pedindo outra cerveja. Quando o Soldado chegou, mandou que se sentasse. Começou a fazer perguntas sobre ele, de onde viera, quanto faltava para seu retorno, se pretendia continuar no Exército, se gostava do que fazia e o homem se mostrava cada vez mais arredio às perguntas. Não se podia observar sua palidez, pois ele era negro, mas seus olhos vez por outra se arregalavam. Ele sabia que o Capitão viera de um serviço de informações, poderia estar ali por conta dessa atividade e ele precisava se proteger. Mas Caldwel tinha experiência nos interrogatórios. Com o Soldado à sua frente, ofereceu cigarro e não tocou em assuntos sérios. Falou um pouco de sua vida, de como estava vivendo aqueles dias no Vietnam e pediu orientação ao Soldado sobre como devia agir com relação aos homens, suas necessidades. Passou assim um pouco de segurança ao Soldado Nelson, que se mostrou mais receptivo. Então passou habilmente a relacionar seus Oficiais e Sargentos, pedindo a opinião de Nelson sobre cada um deles. Observava atentamente a expressão dele e reparou que ele sorria sempre que via um engano por parte do Capitão.

- Quando o avião chega, o que ele traz de tão importante para vocês todos?

- Trazer? – o Soldado Nelson sorriu...

Na interpretação de Caldwel, não era “trazer”, mas “levar”. Assim, amparando-se nos sorrisos do Soldado que denunciavam os seus erros, ele foi aprofundando as perguntas. Perguntou o que o Soldado Nelson achava do Sargento Potts, do Sargento Wilson e quando falou do Sargento Walter, a fisionomia do Soldado mudou e ele pareceu triste.

- Eu gostava do Sargento Walter. – falou de modo enigmático.

- Mas o Sargento Walter ainda está conosco. Não gosta mais dele? – insistiu Caldwel.

- Sim, sim. É que ele tem uma licença e talvez não volte porque feriu o braço. Foi o que quis dizer. - Se corrigiu.

Dali pra frente, não conseguiu arrancar mais nada do Soldado, mas sentiu que ele mudou. Depois que falaram sobre o Sargento Walter, ele não conseguia mais conversar normalmente. Caldwel o dispensou e saiu do cassino, onde era o único àquela hora.

Fora, seguiu pela alameda que levava ao seu alojamento e notou que as luzes da Base estava apagadas, o ruidoso gerador fornecia agora energia apenas para os pontos estratégicos, as torres de vigia, os alarmes e os postes rústicos em torno de toda área. Assim, a parte central, onde ficavam os barracões, estava às escuras. Passava um pouco das dez e ele refazia suas observações. Notou que cerca de vinte metros à sua frente, vinha alguém. A silhueta se recortava contra as fracas luzes de um poste ao fundo. Abriu o coldre e continuou a caminhar. Atrás da silhueta do homem, viu um jeep com todas as luzes apagadas vindo em sua direção. O homem que vinha caminhando, continuou andando. Súbito Caldwel entendeu o que estava havendo: o motorista tinha intenção de atropelar aquele homem e ele não podia ouvir o ruído do carro por causa do barulho do gerador, próximo. O motorista do jeep, apesar da escuridão, via o homem, pois estava com luzes às suas costas e o homem estava bem no meio da alameda.

Pensando rapidamente, Caldwel correu e venceu os poucos metros que o separavam do homem. Saltou sobre ele e ambos rolaram para fora da alameda, enquanto o jeep passava à toda. O homem era o Sargento Walter. Ele agradeceu ao Capitão o que fizera e disse que não ouvira o jeep devido ao barulho do gerador e não entendia porque o carro estava com as luzes apagadas. Mas Caldwel sabia. Sabia que tentaram matar o Sargento, que o Soldado Nelson tinha conhecimento de que isso aconteceria e lamentava. E Walter sabia demais sobre alguma coisa. Rápido, foram na direção em que seguira o jeep. Chegaram ao pavilhão de viaturas e o Soldado de guarda informou que um jeep entrara há poucos instantes, mas estava com os faróis acesos por isso ele não pudera identificar o motorista, que não saíra depois disso. Caldwel e Walter sacaram as pistolas e entraram no pavilhão, depois de mandarem o Soldado acender todas as luzes. Logo constataram uma porta aberta nos fundos, por onde certamente se evadira o quase criminoso. Caldwel perguntou como estava o braço de Walter, na tipóia e que poderia ter sofrido alguma outra lesão durante a queda. Walter o tranquilizou informando que felizmente, caíra sobre o outro braço.

- Precisamos tomar alguma coisa e você me diga aonde ia naquela hora e porque, certo?

- Certo. – seguiram ambos até ao barracão onde ficavam os aposentos de Caldwel.

- Ambos tomaram algo forte e voltaram a sair. Paredes têm ouvidos e paredes de madeira, ouvidos melhores.

Walter explicou que por volta das oito da noite, recebeu recado de um Soldado de que o Ten Graham pedia que ele o procurasse às dez horas, levando o quadro de trabalho da semana seguinte. Fazia sentido porque logo de manhã, Walter viajaria para a licença ou dispensa. O Ten talvez quisesse ver como estava a programação das atividades da Cia na semana e era Walter quem preparava o quadro. A ordem viera pelo telefone de campanha e nem ele nem Caldwel conseguiriam determinar quem a deu. Procurado, o Ten Graham ainda meio dormindo, informou que tinha uma cópia do Quadro, por isso, não daria tal ordem a Walter. Ele tomara a iniciativa de obter uma cópia na Seção onde Walter trabalhava, presumindo de sua necessidade com a saída do Sargento. Sabia que teria que assumir a atividade do Sargento Walter, até a chegada de um substituto ou que Kurt designasse alguém para isso. Caldwel se desculpou por interromper o repouso do Ten Graham e olhou para Walter. Este entendeu que Caldwel desconfiava de algo e se manteve calado.

O Capitão achou que não teria melhor oportunidade que essa para saber o que se passava ali e porque poderia estar em perigo. Insistiu com Walter mencionando ainda que ele provavelmente não retornaria àquele local, estando portanto fora de perigo. Prometeu ao subordinado que ninguém jamais saberia do que eles conversassem naquele momento. Walter capitulou. Afinal, o homem acabara de salvar sua vida e ele estaria protegendo seus próprios assassinos. Resolveu falar. Sentados num tronco à beira da alameda totalmente às escuras, o Sargento contou a Caldwel tudo que sabia...

- Capitão, sou um Sargento especializado. Sou paraquedista, tenho cursos de demolição, montanhismo, prática em lutas marciais, entretanto, onde sou melhor é no preparo de homens. Sou um líder nato e amo minha profissão. Não saberia fazer nada além disso. Vim porque acreditava nessa guerra. Agora não acredito mais. Depois de tudo que vi, concluí que isso é um meio de vida. Um modo de ganhar dinheiro para depois da guerra, e não, a guerra por si só. Jamais venceremos o inimigo, porque ele não usa uniforme e, portanto, pode ser qualquer um fora dessa Base. Somente quando os encontramos em grupo e armados, sabemos que podem ser o inimigo. Mas eles têm túneis. São quilômetros por baixo da terra, saindo aqui e ali. Dizem que há túneis sob a Base e que um dia eles surgirão aqui dentro, destruindo tudo. Cercamos uns vinte deles, numa operação mais completa do que a

“Bigorna e Martelo” e eles se desfizeram no ar. Sequer achamos as entradas para os túneis. E mesmo que achássemos, como entrar? Estão armadilhados, sempre. Mas não é isso que o senhor quer saber. Se não tivesse salvado minha vida, eu deixaria como está. Mas vou lhe contar o que sei.

Caldwel puxou um cigarro e ofereceu outro a Walter. Acenderam e fumaram calmamente. Até que o Sargento, após organizar suas ideias, falou:

- Aqui no Vietnam tem muita cocaína. E tem diamantes e outras pedras preciosas. Quando pedimos uma metralhadora, eles mandam, sem discutir, e armas se perdem todo dia. Há dezenas de modos de se trocar armas, que mais tarde serão usadas contra nós, por tóxico ou por pedras preciosas com os locais. Acredite, há comércio entre os Soldados e os “congs”, uma espécie de trégua que minha formação não admite. Depois que os Soldados obtêm o material que trocaram ou compraram barato, existem vários modos de enviar isso para casa. O Soldado Jesse enviou para a namorada,

em Atlanta, uma caixa de chocolates das Forças Armadas. Um gesto bonito, romântico, mas que escondia um crime. Numa das barras, Jesse derreteu o chocolate e colocou cinco ou seis diamantes. À primeira vista, parecia um chocolate crocante, mas eram diamantes. Nesse caso, a encomenda segue normalmente sem atropelos, mas quando é algo maior, suspeito, todos vão ganhando no caminho. Os pilotos recebem aqui uns trocados de cada um que esteja enviando material. Em Saigon, alguém está encarregado de fazer vista grossa para o material e recebe algum, levado pelos pilotos. O processo pode ser controlado pelo rádio, evitando que alguns tentem qualquer golpe. De Saigon a encomenda seguirá direto para a terrinha, onde também temos alguém encarregado. Ele receberá das próprias pessoas a quem entregará as encomendas, o pagamento, mediante acordo prévio, em recados levados pelos pilotos e em bilhetes cifrados. A namorada de Jesse poderia ter engolido os diamantes se o portador final não a tivesse alertado de que alguns poderiam estar “empedrados” e que ela tomasse cuidado, mas guardasse o que encontrasse como lembrança. E é assim que a coisa funciona.

- Quem mais sabe?

- Quem mais? Só o senhor não sabia, Capitão. E somente porque o senhor é oriundo do sistema de informações e poderia estar aqui para fazer alguma investigação. A tentativa contra mim esta noite é porque estou indo embora e posso denunciar tudo. Mas não farei isso porque é bem provável que do outro lado haja muita gente interessada. Não me dariam crédito e isso poderia até prejudicar minha vida no Exército. Segundo creio, eles pensam: “eles estão lá pra morrer, deixemos que tirem daquilo algo de valor”. Em minha opinião o Coronel Kurt não concorda com isso, mas nada pode fazer e procura ignorar o que acontece. Esconde sua covardia numa garrafa.

Caldwel não deixou que Walter ficasse só aquela noite e conversaram pela madrugada a fora, com o Sargento passando todos os detalhes sobre datas, locais, valores, tipos de contato, etc. e quando o dia começou a nascer, Caldwel sabia tanto quanto todos. Assistiu à descida do avião na manhã que se seguiu e viu o embarque de Walter. Viu também a enorme quantidade de material que chegava, inclusive para a Cia D, e os pacotes e embrulhos que seguiam, alguns na cabina do piloto. Era muita coisa.

Após o café da manhã, houve a formatura e a dispensa. Caldwel esperou então que o avião chegasse e mais tarde levantasse voo para só então reunir seus Sargentos e Oficiais. Ostensivamente se desfez de seu cinto e do coldre com a pistola:

- Senhores, não preciso mais usar o tempo todo uma pistola. Ou os senhores confiam em mim, ou não. Não preciso falar mais nada além de que procurarei manter todos na base quando houver chegada de aviões. Pois é uma necessidade de todos poderem cumprimentar os pilotos. Sempre que possível, não os privarei disso. Somos uma equipe. Ou não somos nada.

Kurt soube da reunião e da posição de Caldwel. Quase vomitou seu drink, para comentar depois:

- Um corrupto a mais ou a menos, tanto faz... – e a partir daquele momento passou a dedicar a Caldwel enorme desprezo.

CAPÍTULO III

CALDWEL ENTRA NO ESQUEMA



Conhecendo o funcionamento do esquema, Caldwel finalmente mostrou ter mau caráter, aceitando que tudo funcionasse sem qualquer atropelo. Toda representação que fizera para Walter nada mais era do que a aplicação de seus conhecimentos de informações, aplicados a interrogatórios, onde se pode representar o bom moço ou o canalha. Agora era dono e senhor da situação e tiraria dela o que melhor pudesse. Começaria com uma porcentagem de tudo que fosse comercializado. Depois participaria ativamente fazendo seus próprios negócios, talvez com generais comandantes dos “congs”.

O Capitão e corrupto Caldwel iniciou lenta e inexorável pressão sobre todos os envolvidos no esquema de contrabando. Não queria saber de detalhes, mas exigia uma parte de tudo que era comercializado. Facilitava o aumento nos pedidos de material, depois de comparar seu pedido com o das outras Companhias. Para não chamar atenção, estas procuravam pedir sempre quantidades parecidas de material. No papel, criou-se missões de combate, patrulhas, emboscadas, que jamais existiram, simplesmente para justificar os pedidos de reposição de armas e material, incluindo-se aí explosivos e munição. A cada dia, os integrantes da Companhia D mais se surpreendiam com o comportamento de seu comandante. Mas ele pouco se importava. Chegara como um poço de honestidade e estava se revelando o rei dos corruptos. Não havia mais qualquer dúvida de que o homem nada tinha a ver com o serviço de informações e causava espanto que lá houvesse permanecido por tanto tempo sem ser descoberto. Era surpreendente como recebia das mãos dos Soldados, numa evidente quebra da hierarquia, propinas, afagos e subornos consentidos. Sabia que não tinha amigos, pois sua ambição desmedida os afastou logo no início. Mas seu esquema funcionava muito bem, apoiado nos esquemas de outros.

O tráfico de cocaína, enviada nos aviões sob os mais diversos disfarces, era ainda assim, perigoso. Por isso, ele preferiu se abster desse risco, mas cobrava sobre ele. Logo sabia avaliar quantidade e preço e sobre tudo que embarcava, levava dez por cento. Concentrou-se no contrabando de diamantes e outras pedras de valor. Tinha um esquema próprio para isso. Por um gordo suborno aos pilotos, preparou um tubo que ligava nada a coisa alguma na cabina dos aviões. Pelo menos cinco aviões estavam equipados com esse tubo. De Saigon aos Estados Unidos, outros aviões foram preparados da mesma forma, com o consentimento dos pilotos. No destino, bastava desenroscar o tubo de um avião e enroscar no outro. O cheio de diamantes era colocado no lugar de outro vazio e esse era trazido para o avião de onde saíra o primeiro. Era uma peça pequena, de não mais de vinte centímetros de comprimento por quatro centímetros de diâmetro. Na cabina, ficava coberto por um pedaço de nylon com presilhas, mas nunca foi descoberto por nenhum piloto não envolvido no esquema. Desse modo singelo, ele enviava para seu país grande quantidade de pedras. Estas chegavam até seu irmão Charles que se encarregava de transformar tudo em dólares, ações e aplicações que fugiam ao imposto de renda. Charles fazia o dinheiro dar tantas voltas que era difícil identificar enriquecimento ilícito. Dono de uma revendedora de carros usados, se utilizava da firma como fachada para lavar parte do dinheiro conseguido com a venda das pedras. Além disso, alugava cofres em diversos bancos, onde guardava grande parte dos lucros. Dessa forma, Caldwel no Vietnam, tinha no seu país de origem dinheiro vivo, ações, propriedades, aplicações, tudo em nome do irmão e sócio nos negócios.

O coronel Kurt convivia com o absurdo que ocorria em sua Base mas sabia que nas outras não era diferente e quem não se locupletava eram os ingênuos, os idiotas que, se quisessem, poderiam sair daquela guerra e nunca mais precisar trabalhar. Se a bebida ou os vietcongs não os matassem, voltariam pobres como foram para a guerra. Mas procuraria o Sargento Walter e o cumprimentaria por não ter jamais aceitado a conduta de seus companheiros. E aproveitaria para pedir desculpas por sua própria fraqueza.

Kurt evitava o contato com Caldwel, mas às vezes, era obrigado a chamá-lo e designar alguma missão para a Companhia D. Nessas ocasiões Kurt observava que o Capitão escolhia cuidadosamente os homens que iria escalar para a missão. Eram aqueles que nada lhe deviam, aqueles que apenas começavam no tráfico ou aqueles de quem não gostava. Kurt olhava com tristeza para o homem em quem imaginara poder confiar e agora se mostrava um mercenário. Nunca mais, depois da primeira vez em que falara com ele, voltou a lhe oferecer um charuto, uma bebida. Seus encontros eram puramente em razão do serviço. E o tempo passava lentamente, para alguns.

Mas o tempo parou para outros, como o Soldado Will, o mais querido da Base. Imitava quase todos os Oficiais, tocava guitarra com maestria e era impossível não gostar dele. Fazia favores para todos os integrantes da Base e uma noite, substituiu um Soldado que não viera para o serviço de sentinela. Um tiro vindo do nada o atingiu na cabeça e ele morreu na hora. Os primeiros a chegar ao portão onde ele estava de serviço, o encontraram de bruços e com a cabeça ensangüentada. Pobre Will, como muitos outros, deixou o Vietnam num “bodybag”. Logo depois desse incidente, Caldwel conseguiu sua dispensa para voltar ao Estados Unidos.

Caldwel passou quase dois anos inteiros no Vietnam. Foi tempo suficiente para amealhar uma fortuna incalculável e se achava pronto para voltar. Aguardava com ansiedade sua promoção a Major, sua transferência para os Estados Unidos ou, pelo menos uma das alternativas. Veio a transferência. E logo depois de chegar, a promoção a Major. Seu tempo no Vietnam acabara. Sem heroísmo, sem medalhas, apenas o retorno à pátria. Frank Bannon voltara às boas com ele e se tornaram amigos e confidentes. Frank participava de algumas manobras suas para enviar material de contrabando e levava alguma vantagem nisso. Cúmplices no desvio de material, voltaram juntos para os Estados Unidos. Ambos haviam tido bons ganhos naquela guerra e chegara a hora de usufruir. Kurt viu o avião que os levou e desejou que nunca mais precisasse conviver com gente assim. Voltou para seu gabinete e para sua garrafa. Reviveu o dia em que Caldwel se apresentara a ele. Alto, cabelos e olhos claros, parecia mais um alemão, com seu rosto vermelho e olhos inquisidores. De porte atlético, nunca se interessou pelos jogos realizados na Base. Preferia correr sozinho, ou com Frank, no perímetro do aquartelamento, no horário do treinamento físico. Kurt se enganara redondamente sobre seu subordinado. Mas finalmente estava livre dele. Ainda não tinha ideia das consequências da atuação nefanda dele na Base.

CAPÍTULO IV

DE VOLTA À CIVILIZAÇÃO



O avião que os levou era um C-119 Buffalo. Silencioso e confortável, proporcionava uma viagem tranquila e segura até certo ponto, pois que a qualquer momento, podiam ser atacados do solo. Chegaram em segurança à Saigon e de lá, foram embarcados para os Estado Unidos. Caldwel e Frank, ambos de Fort Bragg, se apresentaram ao Comandante e foram dispensados para o merecido gozo de férias remuneradas, afinal, estiveram em duro combate. Frank foi se reunir com a família e ele, solteiro, procurou o irmão para que este prestasse contas dos negócios. O irmão morava em Boston e Caldwel foi recebido com festas por Charles. Este, depois de um longo abraço, foi logo informando que os negócios não poderiam ser melhores. Tudo havia corrido como eles haviam planejado e ele mostraria os livros, onde anotara todas as operações realizadas, os lucros obtidos, os investimentos feitos, mas, sobretudo, a quanto montava a fortuna de ambos, pois a divisão entre eles, conforme haviam combinado seria meio a meio. Caldwel não tinha como saber em que dera tudo que enviara para o irmão, mas esperava que ele não o tivesse enganado. E não enganara. O irmão colocara tudo em seu próprio nome, em nome de sua firma, de sua esposa, ou da filha ou em dinheiro vivo, nos bancos, mas em cofres alugados. Guardou também para eventualidades, muitos diamantes, que não negociou. Estavam também em cofres alugados. O dinheiro era tanto, que ele nem se preocupou se o irmão o tinha roubado em alguns milhares de dólares, pois ali se falava em milhões.

Enquanto seu irmão se preparava para a vida militar, Charles se preocupara com o comércio, vendendo e comprando coisas. Acabou descobrindo que tinha realmente jeito para negócios e conseguiu abrir uma revendedora de carros usados, com anúncios em revistas, jornais e televisão. O negócio ia muito bem, devido principalmente à falta de concorrentes à altura. Os carros oferecidos sofriam uma rigorosa revisão antes de ser vendidos, o que acabou por dar boa fama ao negócio de Charles. Enquanto fazia sucesso nessa área, seu irmão se tornava Tenente, depois Capitão e finalmente, foi parar no Vietnam. E foi de lá que Charles recebeu correspondência do irmão. Primeiro veio uma carta, trazida por um Soldado, que continha um código e explicações de como utilizá-lo e depois, via correio, cartas confusas, mas que, lidas com auxílio do código recebido, se tornavam claras. A cada vez, Charles tinha que ir a um local, pegar um pacote, um embrulho, um envelope, usando nome falso, ou mandando a esposa. Raramente se utilizava o mesmo sistema para recebimento das encomendas, A tal ponto que certa vez Charles recebeu uma encomenda das mãos de um piloto de avião, em sua revendedora. Os cuidados eram necessários, pois qualquer falha podia impedir a continuidade das remessas.

Recebido o material, Charles esperava pelo menos uma semana para se movimentar. Era preciso que entre o recebimento e a troca, venda, depósito, etc. houvesse um tempo, de tal forma que um fato não ficasse relacionado a outro. Os receptadores eram vários e em vários locais da cidade. Charles jamais se identificou a qualquer deles. Sempre usou um nome falso e algumas vezes, colocava um bigode postiço, óculos, capa de chuva, tudo que fosse aceitável para salvaguardar sua identidade. Usava intermediários, quando achava que poderia haver perigo. Tudo que fazia era em razão de aconselhamento de Caldwel que, lá do Vietnam, orientava o irmão sobre as melhores condutas a adotar. Todo militar que voltava para os Estados Unidos era logo procurado por Charles que o cooptava para ajudá-lo na troca de material, ou venda de algum artefato porventura recebido. O militar, previamente avisado por seu ex-comandante na Base de que seria procurado para um serviço, aceitava as incumbências ganhava algum dinheiro, passando a fazer parte da rede que Caldwel, lentamente montava no país. Ao se aproximar a data de seu desligamento do Vietnam, começou a desfazer a rede. Apenas três ou quatro contatos, continuaram a trabalhar com ele, quando voltou.

Caldwel gostava de luxo e enquanto aguardava sua promoção a Coronel, que não tardaria, foi comprando e vendendo casas, acrescentando a cada troca, algum luxo, mais quartos, outro andar, de tal forma que depois de umas oito compras e posteriores vendas, estava morando numa enorme mansão. Fosse rastreada pela receita federal, sua compra estaria vinculada a uma venda, esta por sua vez, vinculada a uma venda anterior e assim, não haveria dificuldade em provar que seus rendimentos, somados às casas que comprou e vendeu, tudo muito bem documentado, explicavam como chegou àquela enorme mansão. Era preciso perder dinheiro, mas como ele o tinha em boa quantidade, valia a pena. Comprava uma casa por vinte mil dólares e vendia por oito mil a mais. Na verdade vendia pelos mesmos vinte mil, mas na documentação, apareciam os vinte e oito mil. Então, acrescentava mais cinco mil e comprava uma casa de trinta e três mil. Depois vendia por quarenta mil esta casa, recebendo apenas trinta e três mil, mas documentando o valor total de quarenta mil. Com uma boa banca de advogados a sustentar suas ações, Caldwel estava à salvo de investigações ou suspeitas. Donner era seu homem de confiança para isso. Mais tarde falaremos de Donner.

De volta ao trabalho, manteve conduta rígida até a promoção a Coronel e logo que terminou seu tempo de serviço, pediu passagem para a reserva do Exército. Era agora um Coronel da Reserva do Exército rico, muito rico. Mas essa fortuna só era visível na mansão. O carro era comum, as roupas também e Caldwel procurava não ostentar o dinheiro que tinha e o fazia muito bem. Comprou uma pequena chácara, a qual pagou em vinte quatro meses. Sempre comprava a crédito, embora pudesse quem sabe, comprar à vista a própria loja que o atendia. Atrás de sua mansão passava um riacho que fazia parte da propriedade. Como a outra margem do riacho também lhe pertencia, foi ao banco e solicitou um empréstimo para construir uma pequena ponte de madeira ornamental. Fazia isso orientado por seus advogados, que procuravam passar dessa forma a impressão de que ali estava um homem comum, com as mesmas dívidas que todos tinham.

Por volta de 1980, Caldwel tinha estabilizado sua vida. Mas estava cansado de viver recluso e acabou conhecendo alguém. Ela se chamava Judith Anderson e era publicitária.

Os anos oitenta foram um marco na propaganda. Grandes comerciantes descobriram na publicidade um veículo que os colocavam nas casas de seus fregueses. A publicidade enaltecia e alardeava a qualidade dos produtos, falseando um pouco a verdade, mas o importante é que o público ficava conhecendo e comprava o produto anunciado. Por volta dessa época surgiram centenas, talvez milhares de agências de propaganda, que viviam unicamente disso. Judith trabalhava numa dessas agências, em Boston, cidade onde viviam Caldwel e seu irmão.

Num belo dia, Judith procurou Caldwel, oferecendo os serviços de sua agência. Caldwel se encantou com ela. Havia dito primeiro que não iria recebê-la, pois não lhe interessava aparecer mais do que o necessário. Depois, aconselhado por seu escritório de advogados, concedeu conversar com ela, apenas conversar. Acontece que ao vê-la, Caldwel prontamente se interessou por propaganda. Convidou Judith para jantar, quando discutiriam o trabalho dela com os produtos que ele comercializava. Encontraram-se várias vezes, por vários dias, até que ele chegou à conclusão de que estava apaixonado. Conseguiu convencê-la a fazer uma viagem junto com ele e na volta estavam casados. Judith abandonou seu emprego na agência e passou a ajudar o marido no gerenciamento de alguns negócios. Caldwel nunca permitiu que ela soubesse mais do que o necessário. Sempre a manteve fora dos seus principais negócios, principalmente aqueles evolvendo atos desonestos. Judith jamais suspeitou ou, se suspeitou, nunca disse que algo estava errado. Sempre se manteve como a esposa do Coronel Caldwel, rico empresário. Mantinha em ótimas condições a mansão em Boston, cuidando para que tivesse sempre a aparência de uma casa nova. Infelizmente o casamento deles estava fadado ao fracasso, apesar da filha, que nasceu no mesmo ano em que se casaram. A relação entre eles foi se deteriorando, pois o Coronel, depois que obtinha alguma coisa, se desinteressava dela. Não seria diferente com a esposa. Dessa forma, o início dos anos 80 encontrara Caldwel separado da esposa e com uma filha pequena, da qual dividiam a guarda, mas ainda não haviam se divorciado, legalmente. Pouca coisa no mundo o interessava tanto quanto sua filha, a quem jamais permitiu que faltasse algo.

CAPÍTULO V

TODOS VOLTAM PARA CASA

O Soldado Nelson Gardner era um bom cozinheiro. Mas tinha o cérebro do tamanho de uma ameixa. Sabia cumprir ordens, mas não conseguia era guardá-las na memória. O simples cardápio do jantar era um desafio para ele, que sempre esquecia alguns ingredientes. Era preciso vigiá-lo junto ao fogão, pois poderia pôr fogo na Base. Nascido e criado em Atlanta, pouco sabia do resto do país. Nunca saíra de lá, a não ser para entrar no Exército. Sua viagem mais longa foi para o Vietnam. Sua esperança era voltar com dinheiro para ajudar a família, formada por seus pais e seus irmãos. Infelizmente, cumprido seu período no Vietnam, voltara com desgosto para sua terra. Não trazia nada de valor, pois o que ganhava lá remetia para os pais. Apenas mais um que nada ganhou com a guerra. Depois de quase 15 anos no Exército, nada.

Alguns anos depois de voltar, pediu baixa. Queria se livrar de tudo aquilo que o fazia sofrer no Vietnam: gente ferida, morta, gente com medo, gente corajosa que, por isso mesmo, morria rapidamente, por se achar invencível. Queria vestir novamente sua roupa leve de civil, vadiar pelas margens do Rio Alabama, como tanto fizera na infância, namorar as meninas da região, enfim, fazer as coisas nas quais pensara enquanto cozinhava, longe de casa. Não saíra antes do Exército na esperança de uma promoção, uma medalha, que pudesse ostentar na cidade natal. Como nada conseguiu porque cozinheiros, em geral, não são condecorados, voltou pra casa desiludido, sem algum dinheiro com o qual pudesse começar alguma coisa e com os pais sob sua responsabilidade de sustento. Mesmo assim, ficou muitos anos sem um trabalho fixo, ou vivendo de economias que os pais fizeram durante os anos que esteve fora. Finalmente, depois de uma briga, seu pai perdeu a paciência e o obrigou a decidir o que faria na vida. Nelson pensou, como sempre fizera no Exército, quando tinha um problema, em procurar alguém para resolver sua situação por ele. Pensou primeiro no Coronel Kurt, mas logo descartou essa possibilidade. Ouvira dizer que ele morrera. Depois pensou no Major Roger, mas onde o encontraria? Não era oriundo da mesma Unidade que ele. Não conseguiria localizá-lo facilmente, além do mais, provavelmente não estaria mais na ativa. Poderia estar em qualquer ponto do planeta.

Súbito, se lembrou de quem poderia ajudá-lo: Caldwel. E por muitas razões. Ele sempre dera cobertura a tudo que o Capitão fazia. Sempre o ajudara nos momentos em que era necessário. O Capitão, ele bem o sabia, ficara rico na guerra. Mas como faria para localizá-lo? Certamente este também não estaria mais na ativa. Ou estaria? Talvez achasse alguém que o conduzisse ao antigo Oficial. Lembrou-se do Sargento Walter e sabia onde estava servindo: Batalhão de Forças Especiais, sediado em Richmond. Isto mesmo. Iria procurá-lo. Ele o levaria ao Coronel Caldwel ou talvez o ajudasse a localizá-lo. O Sargento Walter, além de suas qualificações especiais, era formado em advocacia. Talvez tivesse acesso a algum tipo de informação que o levasse ao antigo companheiro. Tentaria.

Chegou sem dificuldade a Richmond e mais facilmente ainda localizou o Batalhão onde servia Walter. Havia a possibilidade de o Sargento Walter ter sido transferido, mas considerando que o Batalhão abrigava somente militares com especialização, dificilmente alguém era removido para Unidades de menor importância. Nelson estava certo. O Sargento Walter ainda servia no mesmo lugar. E foi com certa emoção que os dois se encontraram. Um abraço forte e ambos se puseram rapidamente a lembrar de tudo que acontecera, e havia muito lembrar.

Nelson foi levado para a cantina e com o amigo tomou algumas cervejas e comeu algo. Procurou saber, por educação, o que fizera Walter depois de retornar. Walter contou tudo que ocorrera desde sua saída daquela guerra.

- Tive duas razões para sair e as mesmas duas para não mais voltar. Primeiro o problema com meu braço. O ferimento não cicatrizava e o médico da Base começou a ficar preocupado com uma infecção que poderia me fazer perder o braço. Essa a primeira razão para sair de lá. A segunda, pela qual eu sairia mesmo com o braço em bom estado e mesmo que tivesse que atirar no comandante da Base, era o grau de corrupção com que eu tinha que conviver. A coisa chegou a tal ponto, que aquilo mais parecia um mercado persa. A guerra, a vitória, era o que menos importava. A gota d’água nessa situação foi um “brieffing” que fizemos antes da saída de uma patrulha, em que a documentação, o roteiro, o plano de fogos, a rota, horários, era tudo, tudo mesmo, de uma missão anterior, da qual eu participara. Alguém por desleixo, não fez planos novos para uma missão nova. Era demais. Conversei com Kurt sob os dois aspectos da necessidade de minha saída. Kurt era um homem íntegro, mas lamentavelmente fraco, para coibir o que ocorria em sua Unidade. Ele concordou com o que eu disse e mandou que eu tomasse as providências para minha partida. Ele faria um documento explicando a situação clínica, que o médico lhe daria também por escrito, recomendando o afastamento definitivo. Assim, retornei ao meu Batalhão de origem e continuo aqui, pois espero ainda duas promoções.

- E o braço, como ficou?

- Ah, muito bem. Com os recursos daqui, que não existiam lá, consegui me recuperar rapidamente. Terminei a faculdade e quando der baixa, quem sabe, poderei exercer advocacia. Tenho visitado algumas bancas, visando no futuro me empregar numa delas. Também tenho estudado processos que rolam nessas bancas, para me tornar conhecedor da matéria, de verdade. Logo, logo, estarei em casa, advogando e cuidando da família. Mas e você, o que tem feito, depois da baixa?

- Bom, como você sabe, não participei das jogadas feitas na Base. Fiquei de fora e por isso, não trouxe nada de valor. Então, tive dificuldades para tocar a vida e agora busco apoio para trabalhar, quem sabe, com alguns daqueles que enriqueceram com o Vietnam.

- O mais canalha deles, segundo eu soube, foi Caldwel. Ele deve a todos vocês, que foram sua cobertura o tempo todo. Ele está em Boston, desde que chegou. Mas não sei exatamente o lugar. Vou lhe dar um endereço que tenho e que poderá levar você até ele.

Depois de trocarem mais algumas palavras, se despediram. Walter gostava do rapaz, do qual sabia ter pouca inteligência, mas talvez não fosse mau sujeito. Quem pode saber? Ele o levou até ao portão do Quartel e mais uma vez se abraçaram, como sempre o fazem os veteranos se despedindo.

E lá se foi Nelson em direção a Boston. Com a informação que recebera de Walter, certamente acharia o que procurava. Mas a cidade de Boston é grande, muito movimentada, e daria trabalho a localização de Caldwel.

Em Boston existe a Avenida Prudence. Ela circula por parte da cidade e ao passar por Tower Park, o corta ao meio, dividindo a praça em duas partes. Prosseguindo, cruza a Rua Starling, depois passa em frente ao Trade Plaza e finalmente, vai diminuindo de importância e largura ao atingir a ponte sobre o Rio Hudson. Do outro lado, não menos importantes ou menores, surgem os edifícios do conglomerado Hudson Empreendimentos, uma sequência de prédios elegantes e sofisticados, onde funciona a nata do comércio da cidade. É num desses prédios que se localiza Donner & Donner Associados. Um rico escritório de advocacia com a peculiaridade de atender apenas um cliente, sendo raramente aceitos contratos de outras pessoas. Alfred Donner e seu filho James comandam as ações do escritório, sendo que existem diversas divisões, que tratam cada uma, de um aspecto ou carteira de seu cliente.

O setor onde trabalham Al e seu filho se dedica em tempo integral em manter a transparência de todos os negócios de seu único cliente. Qualquer visita inopinada da receita federal ou de qualquer outro órgão governamental encontrará toda documentação em dia e em ordem, no que concerne ao cliente, Coronel Caldwel. Para isso a banca é regiamente remunerada.

O escritório de Al é realmente luxuoso. Localizado no 5o andar do prédio, mais especificamente todo 5o andar, é dividido em diversas salas, hermeticamente fechadas e com proteção acústica onde é raro aparecerem visitas. E mesmo quando surge um representante de outra banca, este deve ser levado até Al, para que seu ingresso seja permitido. É preciso cautela com a possibilidade de colocação, por um estranho, de uma “escuta” em uma das salas. Ou o sumiço de um documento.

O acesso a qualquer um é através da porta em frente à sala de Al e dali, ele pode ver a mesa da sala de espera e as pessoas que aguardam para serem recebidas. Geralmente são pessoas conhecidas de todos, pois são sempre os mesmos a comparecer ao escritório. Nesse dia, no entanto, um negro de um metro e oitenta, aproximadamente, aguardava calmamente, que Al o recebesse. Falara em nome de Walter, conhecido ali, por isso, seria recebido e diria a que viera. Mas teria ainda que aguardar cerca de meia hora, pois Al e James discutiam uma determinada posição a ser tomada. O negro esperava, pacientemente.

Finalmente, Al pediu que Nelson entrasse. Convidou-o a se sentar e lhe ofereceu um café, depois de se apresentar.

- Senhor Donner, meu nome é Nelson Gardner e venho de Atlanta. Estou aqui porque meu amigo, Sargento Walter, aliás, o advogado Dr. Walter, me indicou seu nome e endereço. Procuro uma pessoa e acho que o senhor pode me ajudar nessa tarefa.

- Senhor Gardner, creio que o senhor foi mal orientado. Não fazemos esse tipo de busca, de pesquisa. Nosso trabalho...

- Senhor, sei exatamente onde estou e acredito estar falando com a pessoa certa. Peço que me deixe terminar.

- Por favor, me perdoe. Continue – desculpou-se Al.

- Durante alguns anos servi no Vietnam. Foi onde conheci várias pessoas e estas pessoas retornaram de lá, construindo suas vidas em diversas cidades dos Estados Unidos. Nunca soube do Coronel Kurt, nosso Comandante lá. Mas tive notícias de outros, como o Major Roger e mais recentemente, do Sargento Walter. Procurei o Sargento Walter e ele me contou que havia se formado em advocacia. Então perguntei sobre um Oficial que servira conosco e ele me disse que o senhor talvez o conhecesse e pudesse me encaminhar a ele.

- E este Oficial é ...

- Coronel Marcus Alexander Caldwel.

Donner avaliou rapidamente a situação. A primeira providência seria obter o máximo de informações sobre o sujeito à sua frente e depois descobrir se Caldwel queria realmente vê-lo. Além disso, antes de mais nada, precisava confirmar sua identidade com quem o enviara, que sabiamente ocultou o fato de que através de sua banca, era possível localizar o coronel, deixando essa decisão a cargo dele, Donner. Bom.

- Senhor Gardner, realmente existe a possibilidade de localizarmos para o senhor o Coronel Caldwel e se o senhor pudesse adiantar o teor do assunto que deseja tratar com ele, ao localizá-lo eu passaria essa informação. Isso facilitaria sem dúvida, o encontro de vocês, se tudo correr bem. O que me diz?

Nelson preferia falar apenas com Caldwel sobre suas dificuldades, mas por outro lado, se não dissesse a razão de sua procura, certamente não seria ajudado em sua busca. A única pista de que dispunha, era o escritório de Donner e se saísse dali sem qualquer informação, teria enorme dificuldade para encontrar Caldwel. E não tinha muito dinheiro. Logo Donner perguntaria onde poderia encontrá-lo e ele sequer se hospedara em algum hotel, indo direto da estação de ônibus para o escritório do advogado. Tinha que contar tudo. Precisava da ajuda e do apoio de Donner, que ele sentia saber como contatar o Coronel.

- Senhor Donner, conto com sua discrição. Estou certo de que se o senhor mencionar meu nome para o Coronel, ele concordará em me ver. Mas o senhor quer detalhes e vou dá-los. Depois que vim do Vietnam e após sair do Exército, passei alguns anos com meus pais e agora preciso de uma ocupação nova. Entre os amigos do Exército, me ocorreu que poderia contar com o Coronel Caldwel, pois se posso dizer assim, trabalhamos juntos no Vietnam. Diga a ele, se o localizar, que precisamos falar das lembranças minhas de nossa época na Base Charlie – isso era o máximo que a mente pobre de Nelson pudera criar como uma espécie de aviso, um alerta de que Caldwel deveria falar com ele. Ele sabia muita coisa e não correria o risco de deixar de ver Caldwel; usaria o que pudesse com essa finalidade. – por favor, não deixe de mencionar isso – completou.

O astuto Donner captou rapidamente o sentido do que dizia seu interlocutor, mas deixou que a decisão final ficasse a cargo do Coronel. Perguntou onde poderia localizar Nelson, mas este informou que ainda não havia se instalado e que procuraria o escritório de Donner no dia seguinte, se estivesse bem para ele. Donner concordou, pois poderia alcançar o patrão com um simples telefonema. Despediram-se e marcou-se novo encontro para o dia seguinte, após o almoço, quando se saberia da posição e localização de Caldwel. Talvez.

Nelson saiu do escritório e procurou uma pensão barata onde pudesse comer alguma coisa e dormir um pouco. Achou, com certa dificuldade, uma pensão dentro de seu orçamento. O lugar ficava a poucas quadras do escritório de Donner e isso lhe era conveniente. Jantou e procurou descansar, pois a viagem de ônibus o deixara meio enjoado. Pela manhã, depois do café, passou pelas bancas de jornal e viu que o mundo continuava a girar. Aproveitou a manhã livre para conhecer aquela parte da cidade e o Rio Hudson o levou de volta à sua infância. Ficou devaneando até o almoço. Comeu na pensão e esperou que o relógio marcasse uma da tarde. Saiu em direção ao escritório contando com boas notícias.

Mais uma vez, precisou esperar quase trinta minutos para ser atendido. Donner, ao recebê-lo se desculpou pela demora e lhe disse que tinha boas notícias.

- Pelo que pude entender, senhor Gardner, o senhor procura um emprego, certo? Podemos arranjar isso.

- Não, senhor Donner. Eu gostaria de falar com o Coronel Caldwel. Quanto ao emprego, isso somente o Coronel poderá decidir. Quisesse apenas me empregar, o posto de gasolina na esquina da minha rua tem vaga. Há outros assuntos que gostaria de tratar com o Coronel. Pensei ter deixado isso bem claro. Temos lembranças da guerra, que eu gostaria de dividir. Preciso ver o Coronel e talvez, apenas talvez, eu aceite uma ocupação.

Sem que Nelson percebesse, outra pessoa entrou na sala. Veio por trás dele e tocou seu ombro. Era Caldwel.

- Meu cozinheiro favorito. Como vai, garoto?

- Coronel! Que prazer revê-lo. – e se abraçaram efusivamente.

Caldwel se virou para Donner:

- Você nos deixaria a sós por alguns instantes, Al?

- Certamente Coronel, fique à vontade, pelo tempo que quiser. – e saiu rápido da sala, trancando a porta.

Caldwel se sentou na cadeira de Donner, com muita familiaridade e insistiu para que Nelson bebesse com ele, de uma garrafa que estava na mesa. Nelson aceitou e tomaram alguns goles antes de falarem. Brindaram ao Vietnam. Então, Nelson iniciou a conversa:

- Coronel, como o senhor bem sabe, não fui muito bem naquela guerra. Pra mim, foi apenas uma missão. Saí como entrei. Só aprendi realmente a cozinhar, fazer meu pé de meia, nem pensar. Por isso, ao voltar, depois de passar longo tempo com meus pais, resolvi procurar um serviço, entretanto, acho que posso ter um bom emprego com os amigos do Vietnam que estão bem de vida, embora eu não queira de forma alguma abusar da boa vontade e da amizade deles. O senhor está bem, eu sei, e pensei então que em nome dos velhos tempos, me conseguiria encaixar em algum dos seus negócios. Quem sabe? Pergunto-me quanto vale nossa antiga convivência na Base Charlie...- falou maldosamente.

Enquanto falava, Nelson era examinado minuciosamente por Caldwel. Imaginava o que poderia fazer para se livrar do homem, ou como poderia aproveitá-lo. Livre, poderia se constituir não num perigo imediato, mas num embaraço, ou em prejuízo financeiro. Na verdade, não tinha ideia do que Nelson sabia ou tinha em matéria de Base Charlie. Caso ele possuísse, além de conhecimentos, algum documento que o incriminasse, poderia chantageá-lo por muito tempo e por muito dinheiro. Era preciso mantê-lo por perto, por segurança.

O homem continuava a falar, embora ele não lhe prestasse muita atenção. Tudo que dizia agora era tedioso: falava da família, do tempo depois da guerra, de sua estupidez ao gerir seu dinheiro, das dificuldades, etc. Nada que interessasse de longe a Caldwel. Deixou que continuasse a falar, enquanto pensava em como poderia agir com Nelson. Súbito teve uma ideia que poderia resolver o problema: conseguiria um bom emprego para o homem, mas teria que ser algo que o mantivesse sob sua vista. E onde melhor do que em sua casa? O homem não era cozinheiro? Bastava não deixar que fizesse aquela comida horrível do campo. Bastava que o colocasse na supervisão apenas, da cozinha. Ele poderia ser seu mordomo. Isso mesmo, ali estava seu mordomo. Estava resolvido. Interrompeu aquela conversa comprida e sem sentido de Nelson e falou:

- Sim, sim, Nelson. Muito interessante tudo que você me diz. Realmente não posso deixá-lo em má situação. Nossa amizade é mais forte do que qualquer coisa. – como era falso o homem – se você quiser, poderá trabalhar comigo e fazendo o que você gosta. Que tal cozinhar para minha família? Que tal cuidar de nossa casa, gerenciar tudo? Seria bem pago, não teria problemas financeiros, eu lhe garanto. Tem carro? Não? Ganhará um de presente, apenas por aceitar minha oferta. O que me diz?

Nelson não conseguia falar. Quando abriu a boca, foi para agradecer ao Coronel, feliz com a possibilidade de ter seu carro, um lugar e ainda por cima com um cargo de gerenciamento, mesmo que fosse para gerenciar uma residência.

Após se despedir de Nelson lhe dando o endereço de sua casa, chamou o advogado:

- Al, preciso que você mande alguém tomar algumas providências. Avise alguém lá de casa, que este homem, Nelson, está indo para lá, para trabalhar como mordomo. Que lhe arranjem um aposento para ficar. Providenciem ainda para que ele coma alguma coisa, pois me pareceu fraco e abatido. Depois peça a alguém que o leve a uma revendedora de carros e que ele escolha algum carro decente. Os recibos devem ser em nome dele. Coloque-o na folha de pagamentos, veja quanto deve ganhar um mordomo e acrescente uns 30 por cento ao pagamento semanal dele. Anotou tudo? – é claro que Donner tinha anotado. – continuou: providencie também roupas novas para o rapaz e veja que se barbeie e corte o cabelo. Talvez precise de sapatos, cuide disso também. Alguém da casa deverá explicar a ele o que fazer, detalhes de cardápio, pratos especiais, etc. O que eu esqueci, por favor providencie, sei que posso contar com você. E agora as explicações...

Al Donner tinha uma ótima relação de trabalho com Caldwel e este confiava apenas nele, para seus negócios “especiais”. Essa relação era respaldada por um salário altíssimo, pago por Caldwel, e por todas as vantagens que o escritório tinha, por tratar de apenas um cliente. Por isso ele permitia que Al cuidasse de tudo, apenas dizendo o que desejava que fosse feito. Mas Donner precisava de explicações, como bom advogado que era. Tudo devia ter um motivo e poucas vezes Caldwel se furtou de informar Donner sobre as razões de determinado pedido. Dessa vez, ele fazia questão de que Donner ficasse inteiramente a par do que ele pretendia. Contaria com sua cumplicidade e ajuda naquilo que tinha em mente. Pediu a Donner que se sentasse e ambos tomaram um drink. Caldwel falou sobre o Vietnam, sobre os vietcongs, sobre os combates, mas queria chegar a Nelson. E sobre o que o assustava.

CAPÍTULO VI

PARA ONDE FORAM OS AMIGOS

Confortavelmente instalados no amplo escritório, tomando seu drink usual, os dois homens planejavam. E foi Caldwel quem iniciou a conversa de verdade:

- Al, somos amigos há muito tempo e você sabe praticamente tudo a meu respeito, com exceção de algumas coisinhas que preferi não mencionar. Poderiam ser um problema para você, na sua condição de advogado. Espero ansioso que seus homens localizem as pessoas relacionadas por mim, pois necessito saber onde estão, o que estão fazendo e o que planejam fazer, no futuro. Deixei de relacionar este último, Nelson, porque não imaginei que ele também pudesse estar no mesmo saco de gatos que os outros. Mas ele pode sim, estar na mesma situação dos outros. Pode saber o mesmo que eles e pode acabar comigo, de diversos modos. Por isso preciso mantê-lo junto de nós, sob nossas vistas, o tempo todo e o melhor modo de fazer isso, é lhe dar condições irrecusáveis de trabalho, um bom dinheiro e segurança. Se ele confiar em nós, as minhas preocupações quanto a ele, diminuem. Quanto aos outros, são eles o Coronel Kurt, de quem nunca mais tive notícias, só um boato de que tinha morrido, o Major Roger, o Cap Frank Bannon, o Cap Alan Miers, Cap Dobs ..

Enquanto falava, ele os via na memória, como tinham sido. Onde estariam agora?

- Mas Cal, eles realmente representam perigo? Por que? Sabem de algo que eu não sei? Como podem atingi-lo, estando você no topo?

- Outro dia, faz um três meses, eu ouvi uma história. Na Base Alfa um Oficial entrou em luta corporal com um Soldado, isso por volta de 1970, no Vietnam, é claro. Na luta, o Oficial, mais bem preparado, derrotou o Soldado, mas o matou. O Soldado quebrou o pescoço. Era o queridinho do Batalhão e o Oficial foi sendo hostilizado até que conseguiu sua transferência para cá. No início desse ano, esse Oficial foi morto, com o pescoço quebrado. Isso não foi coincidência. Ele quebrou o pescoço em sua sala de jantar, com sua esposa e filhos, dormindo bem perto. Alguém entrou sorrateiramente e o matou. Ouvi boatos de outros casos. Homens que foram “justiçados” por crimes cometidos há muito tempo. Eu certamente estou nessa lista e devem me procurar em breve. Mas eu ainda não sei quem.

- Cal, há uma diferença. No Vietnam você fez apenas contrabando, não matou ninguém, pelo menos ninguém do nosso lado...

- Não? – respondeu com um sorriso frio nos lábios.

Donner sentiu um frio na espinha. Logo se despediram e Caldwel informou a Donner que logo conversariam sobre o assunto. Após a saída do Coronel, o advogado se esticou na poltrona e refletiu demoradamente sobre os rumos que o negócio tomava. Era preciso cautela, pois ali, não havia apenas uma relação de negócios. Parecia que algo bem mais sério preocupava seu cliente. Donner não era um homem corajoso. E ainda precisava pensar em seu filho, que em havendo problemas, precisava ser protegido. Problemas, problemas. E os investigadores que pusera em campo ainda não haviam dado notícias.

Passados três dias, seus homens ligaram informando que estavam chegando com as notícias. Caldwel foi avisado e compareceu ao escritório de Donner. Dois dos investigadores contratados por Donner já o esperavam. Foram apresentados ao Coronel pelo advogado e todos se sentaram. Um dos homens foi direto ao ponto:

- Senhor Caldwel, fomos contratados pelo senhor Donner para localizar determinadas pessoas. Assim como informar como estão vivendo, alguma coisa do que fizeram nos últimos meses e como andam suas vidas financeira e emocionalmente, é isso?

- Sim continue, continue - atalhou.

- Temos aqui um relatório completo, que podemos ler para o senhor ou simplesmente entregá-lo. Lendo, podemos resumir as partes realmente importantes. O que o senhor acha?

- Vocês conseguiram todas as informações pedidas? Perguntou Donner, já pensando que teria que pagar e queria saber se valera o preço combinado.

- Tudo que o senhor pediu. Está tudo aí.

O Coronel pegou o documento das mãos do homem e se despediu de todos, saindo. Antes se virou para Donner:

- Por favor, Al, pague aos homens. Acrescente uma gratificação e guarde o telefone deles, para uma posterior consulta.

Tinha em mãos os nomes e o destino atual daqueles que poderiam lhe fazer algum mal. Foi para sua casa onde pretendia ler com calma o dossiê.

Tudo estava contido numa pasta grossa, os nomes de cada um separados por folhas grossas, com abas para identificá-los. Saltou o preâmbulo e foi direto à ficha levantada de cada um. E foi o que leu.

- Nome: Kurt Brannagh Stevens

- Profissão: Militar. Oficial da Reserva do Exército, Coronel

- Situação: Falecido em 28 Set 77, em Nova York.

Ora, pensou, o homem está morto. Virou a página sem ler o histórico de Kurt. Tinha um problema a menos, se somado a Nelson, sob sua guarda, as possibilidades diminuíam a cada instante. Virou a página.

* Nome: Michael Pendington Roger

- Profissão: Militar. Oficial da Reserva do Exército. Coronel.

* Situação: Passou para a reserva em Ago 75. Reside em El Paso, Texas.

Anotou o endereço completo e passou ao seguinte:

- Nome: Frank Tennet Bannon

- Profissão: Militar. Oficial da Reserva do Exército. Coronel.

- Situação: Passou para a reserva em Nov 77. Reside em Toledo, Ohio.

Novamente anotou o endereço. Deu uma passada rápida de olhos no documento e verificou que todos estavam vivos, na reserva e morando nos Estados Unidos. Alan Miers tinha uma fazenda em Saint Paul, Minneapolis; Dobs morava em Jacksonville, na Flórida e Walter ainda estava na ativa, ele sabia onde estava servindo, pois fora contatado por Nelson. Bem, faria uma visita aos antigos amigos. Precisava saber tudo.

CAPÍTULO VII

VISITANDO OS AMIGOS

A primeira providência de Caldwel foi ligar para Donner. Pediu a ele que anotasse um roteiro de viagens que ele faria em uma semana. Começaria pelo Texas, El Paso e visitaria vários outros estados, indo a uma cidade em cada um deles. Donner faria um roteiro, prevendo passagens de avião, estadia, antecipando as reservas nos hotéis das localidades a serem visitadas, bem como levantando as condições de estradas em cada localidade, aluguel de carros, etc. Sugeriu que enviasse alguém antes dele, para as providências citadas. Com o roteiro esperava não ter dificuldades já encontrando as passagens, as reservas, os carros de aluguel, esperando por ele quando chegasse. Não deveria esquecer que Nelson o acompanharia. Dúvidas? Não. Estava dando uma semana para que Al providenciasse tudo, tempo mais do que suficiente, para que nada desse errado. O advogado anotou as ordens de Caldwel e informou que iria mais tarde à sua residência para se inteirar de todos os detalhes. Queria até mesmo saber se Nelson era ou não fumante, antes de comprar as passagens de avião. Mais tarde verificaria quais aeroportos ficavam mais perto do destino deles em cada cidade que visitassem. Ele lhe disse que viesse para o jantar, quando conversariam.

Por volta de oito da noite, Donner chegou à mansão de seu cliente. Foi bem recebido como sempre e tomaram um bom vinho antes de iniciar o jantar. Este transcorreu sem incidentes e somente quando tomavam café em outra sala, Caldwel resolveu tocar no assunto que o preocupara e que queria dividir com seu advogado e amigo, Al.

- Pois é, Al, eu tenho esse problema. Alguns meses atrás, através de um de nossos contatos, que como você sabe, serviram comigo no Vietnam, me veio essa historia. Você já ouviu falar da Irmandade Saigon?

- Não, nunca.

- É o seguinte: durante a guerra do Vietnam, alguns homens cometeram abusos contra seus próprios colegas. Enquanto isso ocorria entre os negros, ou envolvia Sargentos, todos fizeram vista grossa, mas quando passou a envolver Oficiais, se tornou inadmissível, segundo os próprios Oficiais. Tudo começou numa das primeiras Bases instaladas. Um Oficial se desentendeu com um praça e acabaram chegando à luta corporal. Num dado momento, o Oficial sentiu que perderia a briga, e havia homens assistindo, por isso, ele achou que precisava vencer de qualquer modo: quebrou o pescoço do recruta com o qual travara luta. Acontece que o recruta era benquisto por todos e sua morte foi muito sentida, mas o Oficial não foi punido e sequer levado à corte marcial. De algum modo conseguiram classificar a morte como baixa de guerra. Certo dia, segundo boatos, alguns Oficiais resolveram que em seus quadros não deveria haver homens com tal índole. Deviam ser castigados. E se reuniram mais tarde formando a Irmandade Saigon. Não se sabe quase nada de sua existência, mas se sabe de sua ação. Não se sabe quantos integrantes possui, mas se sabe que seu braço é longo e poderoso. Não se sabe onde se localiza, ou quem a comanda, mas se sabe que alcança qualquer um em qualquer lugar. Outro detalhe importante sobre a Irmandade é que ela restringe sua ação aos crimes cometidos no Vietnam, por Oficiais que foram absolvidos desses crimes, ou que de alguma forma, não pagaram por eles. Pesquisam os relatórios da guerra, conversam com quem esteve lá e logo que descobrem uma ação criminosa de Oficial, que está impune, vão atrás dele e o eliminam. A Irmandade tem menos de um ano de existência, até onde se sabe. É claro que nada disso foi comprovado até agora. São boatos.

- Mas Cal, o que você tem com isso? Provavelmente, mesmo que você tenha feito algo, isso está esquecido, perdoado. Não procurarão você. Não agora, depois de tantos anos.

- Al, lembra que lhe contei sobre a briga do Oficial com o Soldado? E que o Oficial foi morto no início deste ano? Foi a Irmandade que o matou. Depois de todos esses anos. Ela foi criada com essa finalidade e está cumprindo seu papel. Por isso preciso encontrar os homens com quem servi e descobrir qual deles me viu quando não deveria ver. É o único meio de me precaver. Outra coisa: entre os boatos ouvidos, está o de que um dos criadores da Irmandade pertencia à Base Charlie, onde estive sediado e onde ocorreu o fato que vou lhe contar, e me colocou na mira desta Irmandade, com certeza. Aconteceu com o Soldado Will. Ele era um excelente Soldado, estimado por todos por ser bom amigo e prestativo. No dia fatídico, um Soldado de sentinela estava ausente do posto, talvez por uma indisposição intestinal e lá foi Will substituí-lo no portão da Base. Eu havia preparado minha saída com material que iria comercializar, escolhendo os homens da guarda criteriosamente. Will não era um deles. Quando saí, fui ignorado pelos guardas, que sabiam dos meus negócios e levavam

dinheiro para agir assim. Com a entrada de Will como sentinela do portão, o esquema foi prejudicado. Eu teria que me mostrar a ele, mas não conseguiria explicar o que fazia fora da Base, à noite, passeando em meio aos vietcongs. Isso eu não conseguiria explicar e ele certamente, teria que relatar minha entrada, por escrito. Ele agia de acordo com o livro. Isso me deixaria em maus lençóis. Tudo é aceitável enquanto não é posto em papel. Havia grande chance de que Will me ajudasse e ignorasse o fato, mesmo que eu não lhe oferecesse nada em pagamento. Ele o faria por ser um bom amigo de todos. Mas acontece que eu estava tenso naquele dia. Tenso demais com as diversas operações que eu agendara para o dia seguinte; havia material a chegar, a embarcar, acertos diversos com pilotos e tripulação dos voos, falsificação de guias de embarque, falsas menções no manifesto de voo, tudo isso. Minha cabeça trabalhava em velocidade incrível. Talvez por isso, me assustei quando ao voltar para a Base, me deparei com outro Soldado de sentinela, que não aquele que eu havia escalado. Will comandou “alto!” e eu num ato reflexo, saquei a pistola. Ele em resposta preparou seu fuzil. Sem pensar e no escuro, disparei. Will morreu instantaneamente, pois o tiro pegou na cabeça. Esgueirei-me rapidamente para dentro da base, enquanto o alarme era soado. Para sorte minha, ninguém me viu, pensei de imediato. Mas depois de alguns minutos, comecei a rever a cena. Junto a um dos barracões havia alguém. Pensei na hora ser um dos meus cúmplices e que ele também me ignoraria, mas forçando a memória visual, lembrei que a figura que eu vira tinha algo brilhando na altura do pescoço, do lado. Era sem dúvida uma insígnia. Foi tudo que pude ver, mas no dia seguinte, não tendo sido apurado nada, esqueci o assunto. A morte de Will foi atribuída aos congs que rondavam a Base à noite. Em resumo, eu cometi um crime, do qual só você sabe, por ser meu advogado, e a pessoa que me viu: um Oficial da Base Charlie, de onde saíram os Oficiais que criaram a Irmandade. Você tem alguma dúvida de que eles em breve me caçarão e eliminarão?

- Não, Cal. Por tudo que você me conta, deve tomar muito cuidado. Tudo leva a crer que um desses homens que você procura, ou faz parte da Irmandade, ou viu você cometendo o delito que acaba de me contar. As chances são grandes de que o identifique, usando seus conhecimentos do serviço de informações. Talvez quem sabe fora de seu ambiente natural, eles não sejam tão inexpugnáveis a um hábil interrogatório, em ritmo de conversa informal? Ajudarei você no que puder e começo agora mesmo a providenciar todo o roteiro. Os investigadores tiveram o cuidado de colocar no fim do relatório, os telefones de cada um deles e quando e onde podem ser encontrados nas diversas horas do dia. São muito bons no que fazem e melhor: nada perguntam que não

interesse à investigação. Tenho excelentes auxiliares, mas colocarei no caso, o Stevens, um dos melhores que trabalham comigo.

- Ok, deixo os detalhes com você. Dê ao seu auxiliar os meus telefones e onde poderá me encontrar e deixe com Nelson as informações para também nós nos socorrermos dele, quanto a horários, passagens, estadias, essas coisas.

Os dois homens, depois de estudarem cada detalhe do relatório e das melhores opções ali contidas, para localizar e contatar os investigados se despediram. Donner levou consigo o relatório prometendo no dia seguinte enviar uma cópia de tudo para Cal guardar, ou consultar quando precisasse.

No dia seguinte logo pela manhã, Caldwel mandou chamar Nelson e lhe perguntou o que estava achando do serviço, do carro, das acomodações e... do salário.

- Coronel, por mim está tudo muito bem. As acomodações são confortáveis, o salário é melhor do que eu esperava e até já enviei algum dinheiro para meus pais, com o adiantamento que me concedeu. Não tenho reclamações e fico feliz que o senhor não se esqueceu da Base Charlie e dos amigos de lá...

- Bom ter mencionado isso. É sobre isso que quero lhe falar, pois preciso de um favor especial, pelo qual você será bem pago, além do seu salário, é claro.

Nelson gostou da ideia.

- Pode falar, coronel.

- Tem problemas em viajar? Não? Porque vamos viajar semana que vem.

- Sem problemas. E para onde vamos?

- Não se preocupe, as providências estão sendo tomadas e logo, logo, partiremos. Mas não vamos sair do país, por isso, não se preocupe com passaporte. Alguma pergunta?

- Não, não. Estarei pronto.

A semana passou rápido, menos para Caldwel que estava ansioso para viajar. No domingo, à noite, Donner o encontrou e entregou as passagens de avião para sua primeira escala: Texas. Uma pasta continha o nome do hotel, o endereço completo de Roger, seu telefone e os melhores horários para encontrá-lo. Caldwel chamou Nelson e o mandou sentar-se, explicando o que iriam fazer no dia seguinte. Tomariam o avião, desceriam no Texas no pequeno aeroporto de El Paso e de lá seguiriam em carro alugado até a residência de Roger. Nelson ficou olhando o patrão sem entender o que ele falava.

- Isso mesmo, Nelson, vamos visitar nosso amigo Major Roger, que agora mora no Texas.

E não deu mais detalhes. Não sabia se podia confiar no seu mordomo. Mas ele deveria ir com ele, pois ele poderia ser útil se confrontado com o homem que procurava. Quem sabe se conheciam, da Irmandade?

No dia seguinte voaram para El Paso, Texas. Lá os aguardava

um homem, com um carro tipo utilitário. O homem explicou que aquele veículo era o mais adequado para o endereço que iriam visitar, pois pegariam muita estrada de terra. O homem providenciou ainda um mapa com a localização exata do endereço que não ficava longe do aeroporto. Nelson iria dirigir. Caldwel consultou o relógio e ligou para o número de Roger, do telefone pessoal (Donner fornecera um telefone para cada região a ser visitada). A si pareceu que Roger ficara feliz ao falar com ele. Disse onde estava e perguntou se era oportuna uma visita naquele momento. Roger concordou imediatamente e disse que o estava aguardando. Perguntou se sabia como chegar e Caldwel respondeu que sim, que logo estaria lá.

Durante o trajeto, na estrada acidentada, era difícil pensar, por isso pediu diversas vezes a Nelson para que diminuísse a velocidade do carro. Planejara tão bem tudo, mas essa parte não. Apesar de especializado, não sabia como conduzir a conversa com Roger. Chegou à conclusão de que teria que agir honestamente,

|  |
| --- |
|  |

fazendo as perguntas que precisava fazer e contando que Roger fosse honesto nas respostas. Logo avistaram uma cerca que seguiram por algum tempo, até que chegaram a uma porteira sobre a qual se lia “Rancho Charlie”. Riu. Era, claro, uma espécie de homenagem à Base.

Abriram a porteira e entraram. Era um rancho, muito bem construído, com enorme varanda à frente e um curral de cavalos atrás. Bem arborizado, era um lugar tranquilo, ótimo para se viver.

Construída em local plano e espaçoso, a casa era toda em madeira e de grandes proporções. Uma enorme árvore, agora quase sem folhas, tentava jogar sua parca sombra sobre a construção. A casa era confortável e aconchegante.

Roger os viu chegando e se espantou com a presença de Nelson, a quem abraçou com evidente alegria, depois de cumprimentar Caldwel. Queria saber das novidades. Queria saber tudo.

Caldwel também. Ou pelo menos teria o prazer de rever um velho amigo.

CAPÍTULO VIII

ROGER

Mike era um velho. A vida no campo não o ajudara a manter o aspecto jovial que demonstrara na guerra e não se mantivera. Além da guerra, que envelhece a todos, a vida no campo, acordando sempre muito cedo, torrando ao sol do meio dia, se ferindo a todo o momento nos espinhos, tudo isso acaba por tornar a pele dura, feia e velha. Quase não se podia ver os olhos de Mike, sob as cerradas sobrancelhas. O corpo era curvo para frente e os óculos o envelheciam ainda mais. Calculou que no Vietnam ele teria menos de 40 anos, mas não muito menos que isso. Embora soubesse muito a respeito dele, Caldwel educadamente perguntou o que fizera após voltar e como vivia atualmente. Parecia feliz naquele fim de mundo.

- Eu lhes contarei tudo, mas antes vamos tomar algo.

Chamou uma moça que apresentou como sua filha, explicando que ficara viúvo e apenas a filha lhe fazia companhia. Pediu que ela trouxesse bebidas. Ou preferiam algo gelado? Escolheram algo gelado. Depois Mike os levou para mostrar o rancho. Um belo passeio, onde conheceram o riacho, os currais, alguns silos pequenos, a estrebaria, onde foram apresentados a alguns cavalos de raça e outros comuns e a algumas cabeças de gado. Quando finalmente retornaram à casa, sentiram o delicioso cheiro de um almoço sendo preparado.

- Vocês, é claro, vão almoçar conosco, certo?

Depois de uma deliciosa refeição. Caldwel procurou ficar à sós com Roger. Disse a Nelson que ele precisava de um cochilo após aquele almoço e apenas ele e Roger saíram da casa. Nos arredores, Mike falou sobre si:

- Sabe Cal, não me esqueço de nada daquilo tudo. Guardo cada missão, cada combate, com carinho. Fui como você, um sobrevivente. Quando saíamos, e eu pouco saí, em razão de minha função de Subcomandante, sabíamos do perigo, da insegurança que acompanhava cada patrulha. A primeira guerra, você sabe, assim como um pouco da segunda, foi travada nas trincheiras. Você aqui e o inimigo lá. Era mais fácil sobreviver. Os tiros nem sequer eram tão certeiros. No Vietnam, a guerra foi travada sem trincheiras. Não tínhamos como nos esconder do inimigo e sequer podíamos identificá-lo. Foi sangrento e repito, fomos sobreviventes. Quando pude finalmente sair de lá, aguardei somente a promoção a Coronel e como tinha tempo para isso solicitei minha saída. Com o que tinha juntado aqui, trazido de lá, comprei essa fazenda, na qual crio gado, cavalos, e vou vivendo. Com a morte de minha esposa, minha filha resolveu ficar comigo. Gosto daqui, mas não consigo tirar da cabeça aquela maldita guerra. Às vezes entro pelo mato a dentro, sem destino, e ando, ando, até ficar esgotado. Tento achar amigos mortos lá no Vietnam. Procuro meu cantil e vejo que nem fardado estou. Volto à realidade e não conto a ninguém o que fiz. Pensariam que sou louco. Meu passatempo aqui, quando o trabalho permite, é pescar, sozinho, num rio aqui perto. Fico lá o tempo que puder, preso às lembranças. Eu faria tudo, tudo mesmo, para voltar e continuar a luta. Quem sabe eu conseguisse tirar isso da minha cabeça? Quando voltei, não consegui aguentar muito tempo a vida num gabinete, ou no comando de um Batalhão qualquer. Era por demais insípido e eu não suportaria o tédio. E como você bem sabe, não existe nada que se compare a uma patrulha nas selvas do Camboja. Estamos oferecendo nossas vidas aos malditos congs e isso é difícil de esquecer quando se volta vivo. Tornei-me uma pessoa estranha e fechada. Não conseguia fazer parte de nenhum grupo e o General Halsberg insistiu que eu procurasse um médico, com o qual devia conversar. Ou pedisse baixa. Eu andava estranho e às vezes, tomava cuidado, evitando manusear qualquer arma. Eu poderia me descontrolar e começar a dar tiros – riu – Sentia-me estranho, muito estranho. Por isso tudo achei melhor sair, mas era preciso esperar pelo menos a promoção a Coronel. Depois que disse isso a Halsberg, fui promovido rapidamente – riu de novo – aí pedi pra sair. A promoção é claro, foi uma espécie de barganha que fizeram comigo: a promoção pela minha saída. Depois foi tudo mais fácil. Eu já havia tomado minhas providências para a compra da fazenda, apliquei algum dinheiro e deixei que alguém cuidasse de tudo para mim. Só então melhorei de tudo que sentia. Senti-me mais aliviado aqui, sozinho. Minha esposa me ajudou muito, até que morreu. Mas minha filha cuida bem de mim. Até que eu parta e descanse de vez.

Caldwel ouvia pacientemente. Sentira o mesmo que Mike. Também ficara deslocado quando voltou. Quem não foi ao Vietnam o olhava, uns com inveja outros com respeito, mas era difícil obter a amizade de qualquer grupo. Era difícil falar a mesma língua. Um ex-combatente sabe tudo. Como um Oficial formado recentemente pode entabular conversa com ele a não ser para aprender? Mas o orgulho profissional impedia isso. Portanto o homem que veio do Vietnam só tinha amigos entre os que também foram ao combate.

Mas Mike não havia terminado. Com sua voz calma, suave, olhando diretamente nos olhos de Caldwel, falou:

- Cal, eu o conheço o suficiente para saber que você não veio para uma visita social. Primeiro, meu endereço pouca gente sabe e você deve ter tido dificuldade de me encontrar. Segundo, você ligou há menos de uma hora para mim. Portanto já estava aqui quando ligou. Para que isso ocorresse assim você teria que ter certeza de me encontrar, eu poderia estar viajando, não? Além disso, Nelson veio dirigindo, você o trata como seu empregado e não como um colega de viagem, estou errado? Esse carro é de aluguel, conheço a firma em El Paso que os aluga. Você não alugaria um carro, sem saber que eu estava aqui, depois de uma longa viagem de avião, porque você veio de avião, certo? Completando, numa situação normal, você, após me localizar, ligaria para mim, talvez semanas antes de vir. Depois marcaria uma visita e traria bagagens para se hospedar na minha casa, e não num hotel, como você deve ter feito, pois pelo que vejo, não trouxe bagagens para minha casa. Como estou indo?

- Sempre o considerei de inteligência acima da média, Mike, por isso sua dedução não me surpreende...

- Cortemos o supérfluo. Basta que me diga o que o trouxe aqui. Sua visita foi um prazer, uma satisfação, mas não o quero aqui sob falso pretexto. Eu o considero meu amigo e estou certo de que você não vai insultar essa minha “inteligência acima da média”, esperando que eu acredite numa visita social. Seja franco e honesto, é o que espero de você.

- Muito bem, Mike, você conhece a Irmandade Saigon?

- Ouvi falar. É uma espécie de sociedade secreta, criada por Oficiais. É tudo que sei. Mas podem ser apenas boatos. E como você soube disso?

- Tenho uma carta de um amigo do Vietnam. Ela me alerta da existência da Irmandade, e diz que se tenho alguma dívida de guerra, que tome cuidado. Pensei que estivesse brincando, mas agora acho que não. Você não o conhece, pois ele servia em outra Base e chegou depois que você veio de volta. Recebi essa carta faz alguns meses e veio em resposta a outra que enviei. Foi nossa última troca de correspondência.

- Você sabe mais que eu?

- Sim, sei. Na verdade, suspeitava que você fizesse parte da Irmandade – sorriu. Mas pelo que vejo, não faz.

- Claro que não. Aliás, nem quero saber do que se trata realmente. Não sou curioso. Mas onde você e eu entramos nisso?

- Bom, a Irmandade é realmente uma sociedade secreta orientada por Oficiais, como você disse. Eu não sei quem faz parte dela. Mas ela mata ou manda matar quem ela julga ter cometido crimes contra nossos Soldados. Soube que um dos integrantes da Irmandade é oriundo da Base Charlie. Alguém na Base me viu cometer um crime. Foi você Mike?

- Cal, você é bem direto, não? Você cometeu muitos crimes e eu também. E daí?

- Um crime de morte contra um dos nossos, Mike.

- Cal, você não está falando sério. Quem você matou? Não sei nada sobre isso, eu juro.

- Então esqueça. Fui visto por um Oficial. Se ele informar à Irmandade o que fiz, eles me pegam. E as chances são muitas dele fazer parte ou ser informante da Irmandade. Eram tantos Oficiais... como vou saber quem foi? Reduzi minhas buscas aos Oficiais que me conheciam. Qualquer outro, simplesmente teria me denunciado, os que me conheciam teriam que fingir que nada viram para não sofrer pressões depois. Estes, pois, são os suspeitos que vou visitar. Você entende meu raciocínio?

- Sim, claro. Os Oficiais que não o conheciam poderiam denunciá-lo sem serem acusados de traidores da amizade. Portanto não foi nenhum deles. Os que o conheciam não puderam denunciá-lo porque correriam riscos de todo tipo. Guardaram para si o fato, mas agora têm a oportunidade de entregá-lo à Irmandade, que certamente vai procurá-lo cedo ou tarde, como certamente virá até mim, buscando informações. Entretanto, se apenas um Oficial o viu, deverá partir dele procurar a Irmandade, se resolver que você deverá ser punido. Deverá ter visto você, ter sido seu amigo e deve odiá-lo até hoje. Por que você não investiga quem o odiava a tal ponto? Mas terá que buscar um ódio escondido, oculto na aparência. Eu agradeço a sua visita, espero que você possa voltar a me visitar, mas lhe asseguro que sua visita foi infrutífera a não ser pelo fato de me excluir do seu rol de suspeitos. Sei da existência da Irmandade, mas não vi você cometer um crime de morte, portanto, em nada posso prejudicá-lo. Dou-lhe minha palavra de amigo, minha palavra de honra e minha palavra de Oficial, de que nada sei sobre isso, de que não participo da tal Irmandade e de que se for procurado por alguém se dizendo da Irmandade, ele não terá de mim, qualquer informação, qualquer dado, que o possa ajudar a pegar você. Isso é tudo que posso fazer e tudo que posso prometer.

Caldwel se calou. Mike dera sua palavra de honra. O que mais poderia pedir a um Oficial do Exército dos Estados Unidos? Honestidade? Não tinha mais nada a fazer ou dizer sobre o assunto e por isso, cumprimentou e abraçou Mike. Em seguida, voltaram até a casa, onde Nelson cochilava numa rede na grande varanda.

- Você tem tempo para ficar uns dias? Poderíamos pescar.

- É tentador, mas preciso voltar. Tenho um voo marcado para esta noite, de volta de onde vim. Devo procurar outros amigos. Devo me certificar de que todos pensam como você e ainda me têm amizade. Principalmente, preciso descobrir quem me viu naquela noite.

- Então, só me resta lhe desejar boa viagem. A você e a Nelson, nosso querido cozinheiro. Não é Nelson? – falou virando-se para o homem que começava a acordar dos poucos minutos de cochilo que tirara.

CAPÍTULO IX

FRANK

Examinando o roteiro enquanto o avião se elevava, Caldwel confirmou seu destino: era Toledo, em Ohio. Havia pedido o cancelamento das reservas no hotel de El Paso, pois resolveu ganhar tempo. Nelson tomara as providências. Agora, viajavam ao encontro de Frank T. Bannon, seu colega Capitão, comandante da Cia A. Talvez fosse este o homem que procurava.

Ao chegarem, tendo sido avisado, Donner providenciou tudo, através de seu empregado designado para isso. Stevens antecipou as reservas do hotel, verificou o cardápio, alugou o carro, deixando tudo pronto para a chegada de Caldwel.

Segundo o cronograma que seguiam, antecipado em um dia, por decisão de Caldwel, o melhor local para encontrar Frank, era em seu escritório no centro da cidade. Ele não tinha horário certo para retornar à sua residência, pois trabalhava até tarde, por isso o mais fácil era falar com ele no local de trabalho. E foi assim que ficou resolvido. Hospedados num bom hotel, descansaram depois da ceia e pela manhã, Nelson ficou dormindo até mais tarde e Caldwel dirigiu ele próprio o carro até o escritório do velho amigo.

Antes de seguir para lá, marcando uma hora com a secretária de Frank, tomou café e deu uma lida nos jornais da cidade. Aproveitou para reler o relatório sobre Frank e ficar familiarizado com o modo de vida dele. Depois pegou o carro que o esperava e foi ao seu encontro.

Frank o recebeu efusivamente, com abraços, e passaram um bom tempo falando sobre os velhos tempos. Caldwel falou sobre o que fazia, ocultando as falcatruas e depois procurou saber, por cortesia, a que Frank se dedicara depois de dar baixa. Este pediu um café para ambos e se mostrou disposto a falar de si. Caldwel o observava atentamente. E Frank tomou a palavra:

- Sabe Cal, não demorei a retornar do Vietnam. Depois esperei pacientemente as promoções e quando atingi o posto de Coronel, resolvi dar baixa, em 77. Eu já havia preparado as coisas aqui em Toledo, no caso, esse escritório, especializado em segurança industrial. Estudei bastante sobre o assunto e contratei pessoas que também conheciam a matéria. Passei a dar consultoria às indústrias da região e mesmo em outros estados. Isso dá lucro e alguma dor de cabeça, mas garante o leite das crianças. – ambos riram. E ele continuou - como você pode ver, estou bem instalado aqui. Mas e você, por que não conta o que veio fazer aqui?

- É difícil. Por que somos amigos, é difícil. Mas creio que o melhor é começar pelo início... você conhece a ...

- Irmandade Saigon?

- Mas, como? Como sabia o que eu ia perguntar?

- Cal, numa das minhas viagens encontrei Roger. Ele tem meu telefone e me avisou que se eu fosse procurado por você, que procurasse ajudá-lo porque você aparentemente estava em perigo e isso tinha algo a ver com a Irmandade Saigon. É claro que ele não precisava me pedir isso, eu faria de qualquer modo. Assim, para poupar seu tempo, vou lhe dizer tudo que sei sobre o assunto. Vamos acrescentar ao que o Roger lhe disse o seguinte: Estive em

Minneapolis uns meses atrás e encontrei um grande amigo, que você provavelmente não conhece, pois não serviu na Base Charlie. Mas esteve no Vietnam, como nós. Ele me disse que estava marcado para morrer, por duas razões. Primeiro porque havia acidentalmente disparado contra nossos próprios Soldados e matado um deles. Segundo porque sabia o que era a Irmandade e era assim um arquivo vivo e perigoso. Logo depois soube que ele foi morto. O fato de saber que ia ser assassinado o levou a se abrir comigo, seu amigo, sobre o assunto.

Caldwel estava curioso. Tivera sorte por encontrar alguém que finalmente lhe daria informações sobre a Irmandade que talvez o ajudassem a se defender dela.

- É claro que ao contar isso a você estou me expondo, mas confio em que você jamais mencionará meu nome, não é correto?

- Fique tranquilo. Manterei em sigilo nossa reunião de hoje. Mas fale, estou ansioso, confesso. – Deu um riso forçado.

- A Irmandade realmente teve origem na Base Charlie. Nossa Base. Entretanto, apenas o embrião se formou lá. Um Oficial chegou à conclusão de que a impunidade dos Oficiais que cometiam crimes contra os próprios Soldados deveria receber punição exemplar: a morte. Mas não levou sua ideia adiante. Alguém que não sabemos quem, muitos anos depois, retomou a ideia de vingar os militares mortos pelos nossos no Vietnam. Muitos anos depois. Conseguiu reunir mais três ou quatro colegas e se organizaram (embora isso sejam suposições). Esse grupo passou a ser o cérebro da Irmandade, mas seu braço armado ocupa todo país. Disparada a ordem, é imediatamente cumprida. Acredito que essa sociedade secreta não tenha mais de trinta e cinco homens. O cérebro da sociedade busca, através de antigos contatos no Exército, documentos ou testemunhos que levem a identificar o Oficial, que cometeu um crime desse tipo e ao qual fizeram vista grossa. Então o executam. O Oficial de que lhe falei assumiu uma metralhadora e disparava contra um grupo de congs, ocultos na selva, a metralhadora era uma “ponto cinquenta” e tinha tripés. Ele tropeçou no tripé e a arma se virou para a direção oposta, atingindo vários Soldados, pois ele se esqueceu de liberar o gatilho. Feriu alguns Soldados, mas um deles morreu. Era uma situação de combate, quando é difícil apurar responsabilidades, por isso ele foi apenas repreendido, depois de ouvido. O Soldado foi considerado baixa de combate. Acontece que nesse caso, ficou registrado na ficha do Oficial que ele havia sido repreendido. Uma análise acurada dessa ficha acaba levando o pesquisador a concluir o que houve, depois de somar os depoimentos de alguns contemporâneos do Oficial envolvido. Ele foi morto recentemente, com um tiro na cabeça.

- Mas ele pode ter sido morto por qualquer um, não?

- Existe a Irmandade. Existe o crime que ela pune. Não houve roubo. Então me diga por que ele foi morto. Acredito que o homem que primeiro teve a ideia da Irmandade, não a levou adiante. Acredito que outra pessoa o fez, provavelmente um grande amigo ou parente desse homem. Acredito que agiu assim para vingar esse mesmo homem. Em outras palavras, descubra que Oficial foi injustamente condenado, punido ou morto no, ou logo após o Vietnam. Descubra quem eram seus amigos mais chegados ou os parentes mais íntimos. Esse é o seu homem.

- Isso não será fácil. Terei que pesquisar muito, procurar muito e não sei se tenho tempo.

- Existe algo que não falei, por ser uma opinião minha. Quer saber o que acho?

- Claro. Diga.

- Suponha que na rua onde você mora tem um sujeito que você detesta. Você não pode simplesmente matá-lo. Acontece que ele sempre usa uma camisa amarela. Suponha que você crie um grupo de extermínio, dê a ele o nome de “sociedade secreta”, por exemplo. Essa sociedade terá como finalidade matar todos que usam camisas amarelas, pois é uma cor horrível. Muito bem, depois de matar três ou quatro, você finalmente “localiza” o tal vizinho, que usa camisa amarela. O grupo decide matá-lo. Pronto, você realizou sua vingança, através de outros. Logo depois disso, o grupo acaba, por sugestão sua.

- Aonde você quer chegar?

- Alguém criou a Irmandade Saigon por interesse próprio. Quer realizar uma vingança, mas se o fizer abertamente, as investigações levarão a ele. Assim, cria um grupo secreto, mata algumas pobres vítimas e finalmente, mata quem realmente quer matar e em seguida dissolve o grupo.

A cabeça de Caldwel dava voltas. Em tudo que dissera Frank, havia uma pista. Ela vinha e voltava à sua cabeça. Sabia que havia uma coincidência em algum lugar, mas não atinava qual era. Ela não se apresentava claramente. Parte da resposta estava em algo que Frank dissera. Anotara tudo que ouvira, para mais tarde analisar com calma. Mesmo assim...

- Cal. Cal. O que acha? – chamou Frank. Caldwel parecia absorto.

- Desculpe. Estava pensando no que você disse...

- É apenas uma ideia, mas pode conter a verdade. Com quem falta você falar?

- Só falei com você e Roger. Ah, lembra do Nelson, o cozinheiro? Ele trabalha comigo e o deixei no hotel para que ficássemos mais à vontade.

- Sim, é claro que lembro. Como ele não deve ser suspeito, você

deveria discutir esse assunto com ele. Seria uma cabeça a mais procurando solução. E uma cabeça que esteve na Base Charlie. Mas isso é com você. Vamos descer e almoçar. Você almoça comigo, certo? Não aceitarei uma recusa.

Comeram num restaurante próximo e depois de trocarem recordações do tempo da guerra, se despediram. Frank lamentou que o amigo estivesse nessa situação e se propôs a ajudar como pudesse ao velho companheiro. Caldwel agradeceu, mas disse que aquele problema era pessoal e que ele teria que resolver sozinho. Agradeceu por Frank não ter se mostrado curioso sobre o que ele fizera na Base, que o tornara alvo da Irmandade. Disse que embora nada restasse escrito sobre o fato, um Oficial o havia visto. Ele o sabia por que no escuro, vira o brilho das insígnias na gola da roupa de um vulto que se esgueirou e sumiu na noite.

- Esse homem que o viu não o quer morto. Não o denunciou na ocasião, não o mataria agora, tantos anos depois. E se ele nada sofreu por sua causa, nenhum amigo ou parente dele iria procurar matá-lo por vingança. O caminho é outro. No entanto, ele pode ter contado a alguém o que viu e esse alguém pode ter colocado você na lista de “assassináveis”, a qual está usando para chegar ao homem que quer efetivamente destruir. Quem descobriu sobre você, descobriu através desse misterioso homem. Quem seria? E a quem teria contado? E por que motivo?

- Frank, mais uma vez, obrigado. Você me ajudou bastante. - Se abraçaram mais uma vez e Caldwel voltou para o hotel.

Sabia muito, mas avançara pouco. Quem sabe Dobs...

CAPÍTULO X

DOBS

Caldwel passou parte da tarde explicando a Nelson tudo que estava acontecendo. Avisou que corria perigo e quem estivesse com ele também. Nelson ignorou isso. Explicou o que sabia e o que faltava saber. Ficaram o resto do dia por ali, dormiram e no dia seguinte seguiram destino para a Flórida. No avião, examinou mais uma vez a pasta contendo o relatório sobre as pessoas que iria visitar. Na parte dedicada a Mark A. Dobs havia observações no mínimo estranhas. Ali se dizia que ele era Capitão da reserva. Como, Capitão? Depois de todos esses anos? Outra coisa que chamou atenção foi a observação de que estivera internado em hospital e vivia sozinho em Jacksonville, sem família, sem qualquer atividade visível. Ali constava o telefone dele, mas segundo o relatório, o homem tinha problemas não exatamente detectáveis pelos investigadores.

Chegaram à Jacksonville por volta das onze horas e Caldwel ligou para Dobs com o objetivo de marcar um encontro com ele, ou melhor, fazer uma visita. Não entendeu nada do que ouviu ao telefone, mas lhe pareceu que Dobs o receberia. Dirigiu-se ao endereço constante do relatório. Pelo menos saberia por que Dobs titubeava em recebê-lo.

O local era sombrio, lúgubre. Construções antigas em ruas estreitas, com prédios de no máximo quatro andares. O de Dobs ficava à direita, número par. Subiu até o primeiro andar e tocou a campainha do número 112. Ninguém atendeu. Insistiu duas, três vezes. Ouviu passos. A porta se entreabriu.

A cabeça que surgiu na porta entreaberta era a de um homem de certa idade, quase sem cabelos, olhos grandes, vermelhos, com enormes olheiras a emoldurá-los, cachecol enrolado no pescoço e um suéter cinza, com aparência de ser velho. A corrente na porta impedia que esta se abrisse totalmente.

- Quem é você? – perguntou o homem assustado.

- Seu amigo, Caldwel. Não se lembra de mim, Dobs?

- Claro, claro. O que quer?

- Apenas falar com você. Por alguns minutos. Você está bem?

O homem tirou a corrente e abriu a porta. Caldwel entrou e estendeu a mão para o velho amigo.

- Quem é você, mesmo? – falou, ignorando a mão estendida do visitante.

- Dobs, eu sou Caldwel. Coronel Caldwel, da base Charlie. Não se lembra do seu velho amigo?

- Sim, claro. Sente-se. Sou o Capitão Dobs.

- Eu sei, Dobs. Como você está? Está doente, precisando de alguma coisa?

- Estou me lembrando. Você é Caldwel. Kurt viu você. Ele viu. Ele me contou e pediu segredo.

Kurt! Fora Kurt, o próprio comandante da Base, quem o vira naquela noite. Ou Dobs estaria errado? Estaria delirando e o que dizia não fazia sentido?

- Dobs, procure se lembrar. Eu sou Caldwel. O que foi que Kurt viu e depois contou a você?

- Ele viu você. Ele me contou. – o homem não tirava os olhos do chão. Às vezes, olhava para os lados, mas sempre de cabeça baixa.

- E o que foi que ele viu, Dobs? Conte-me.

- Caldwel, você precisa me ajudar. Os congs estão por aqui. Estão disfarçados. Outro dia vi um deles. Parecia o jornaleiro, mas não era, era um cong. Eles estão atrás de mim. Mas não fui eu que atirei. Não matei Will. Kurt sabe, ele viu tudo.

Caldwel arqueou os ombros. Não havia dúvida. Dobs estava louco, mas se lembrava dele e de Kurt. E se lembrava de que Kurt o vira. E associava isso à morte do Soldado Will. Estava claro. Kurt o vira e contara a Dobs, como uma possível testemunha. Tentou continuar a conversa com Dobs, mas era difícil, pois o homem não falava coisa com coisa. Entretanto, nos pedaços do que dizia estava a informação preciosa de que fora Kurt o Oficial que o avistara, quando atirara em Will. Maldito.

Resolveu deixar Dobs com seus devaneios, sua neurose de guerra e finalmente entendera porque no relatório aparecia como Capitão Dobs, e não Major ou Coronel. Ele não fora promovido porque ficara louco. O Vietnam mexera com sua cabeça de tal modo que ele via congs em todo lugar. Iria lentamente mergulhando em sua loucura até que não mais conseguisse separar o pesadelo da realidade. Poderia enviar um médico para cuidar do velho amigo. Curado, ele se lembraria do crime. Não, melhor deixar como estava.

CAPÍTULO XI

ALAN

O encontro com Dobs o deixara abalado. Saber que fora visto por Kurt, logo o Comandante da Base, fora demais para ele. Voltara triste para o hotel. Contou a Nelson sobre o estado de Dobs e este ficou boquiaberto, ele que conhecera tão bem o Cap Dobs. Foram dormir e se preparar para a última visita: Alan B. Miers. Residência: Saint Paul, Minneapolis.

Saíram cedo do hotel, para o aeroporto. De lá, voaram direto a Saint Paul e seu pequeno aeródromo. Um carro os esperava e um homem se encarregou das bagagens e os conduziu ao Saint Paul Hotel, o melhor da cidade. Acomodados, Caldwel reviu o relatório e os dados sobre Alan. Chegara a General, o único de seu tempo a chegar a esse posto. O que estaria fazendo?

O relatório dizia que se dedicava à apicultura. Difícil vê-lo fazendo algo tão “doce”, depois do Vietnam. Ligou para o número constante dos documentos e foi atendido pelo próprio Alan.

- Bom dia senhor. Coronel Caldwel pede uma audiência com vossa excelência.

- Como? Quem fala mesmo?

- Alan, é o Caldwel. Da Base Charlie. Câmbio.

- Ora, ora, por onde anda meu rapaz? – já falava como General. – Precisa de apoio aéreo? Não temos, - ambos riram.

- Estou em Saint Paul e gostaria de visitá-lo se isso não importunar suas abelhas. – ambos riram.

- Excelente. Venha para o almoço. Meio-dia.

- Estarei aí, Alan. – e desligou.

Apicultor. Incrível.

Avaliou a distância entre o hotel e o endereço de Alan e saiu em horário que o permitiria chegar por volta da hora marcada. Novamente lhe foi destinado um utilitário. Sabia que tinha estrada ruim pelo caminho. Mas a viagem, pequena, transcorreu normalmente. Chegou pontualmente ao meio-dia.

Alan morava numa espécie de chácara, bem arborizada, como gostam as abelhas e com muitas flores. Por onde se andava, para onde se olhava, havia flores. Apesar do inverno rigoroso batendo à porta de todos.

Alan veio até a entrada da chácara e Caldwel teve que segurar de todo modo, uma gargalhada. Todas as partes visíveis de Alan tinham marcas de picada de abelhas. Sempre fora desastrado. Não seria depois da saída do Exército, que iria melhorar. Devia ter despertado a ira de todas as abelhas locais.

Conversaram animadamente sobre o que haviam passado juntos e Caldwel quis saber como ele chegara a General. Alan explicou que não havia mais ninguém, então o chamaram – deram gargalhadas seguidas. Alan estava contente com a visita do velho amigo. Depois de muitas explicações sobre apicultura, seguida de uma rápida visita ao local onde Alan havia instalado os apetrechos para coleta de mel, rotulagem, etc. finalmente partiram para o almoço.

- Caldwel, embora não pareça, o comércio do mel é lucrativo, além de ocultar o que eu trouxe da guerra. Todos gostam de mel, posso vendê-lo em potes, para as indústrias locais como complemento aos seus produtos, posso obter variações infinitas para o uso do mel. No final, dá um bom lucro e pago a poucos empregados. Trabalho em casa e não tenho despesas com material, a não ser licenças de venda, vidros, rótulos, tampas especiais, e algum material de proteção. O resto é aplicar os conhecimentos que adquiri em livros e cursos bem curtos.

Caldwel não conseguia olhar para Alan sem ter uma enorme vontade de rir. O homem tinha picadas por todo corpo visível.

- Alan, fico feliz por você ter chegado a General. E fico feliz por ver que você faz algo de que gosta e tem lucro nisso. Entretanto, minha visita é por necessidade. Creio que estou correndo risco de vida e estou visitando todos os amigos do Vietnam que me possam dar informações, que usarei na minha proteção. Você conhece a Irmandade Saigon?

- Nunca ouvi falar. Alguma sociedade de ajuda a vietnamitas?

- Não, uma sociedade secreta, que germinou desde a Base onde eu e você servimos.

- Nunca ouvi falar.

- E Kurt? Lembra algo sobre ele?

- Nem quero. Você sabe que sempre o detestei. Eu o achava um pusilânime, um incompetente. Nem procurei saber dele depois que saí de lá. Soube apenas da corte marcial, mais nada.

- Nada sei sobre corte marcial. O que houve?

- Ele foi à corte marcial. E ai termina o que sei. Não sei a razão ou mesmo o que ele fez. Também não sei se ele se deu bem nessa corte. Ou se foi condenado.

Caldwel constatou que Alan estava alheio ao mundo que o cercava. Olhava apenas para as abelhas e sempre se esquecia de se proteger. Segurou o riso.

Logo procurou se despedir, prometendo uma visita com mais calma. Afinal, Alan sequer perguntara o que o ameaçava e se podia ajudar. Despediram-se formalmente e Caldwel voltou para o hotel.

Restava agora juntar todas as informações que tinha e tentar identificar seu carrasco. Fez a viagem de volta a Boston pensando nisso. Analisou suas anotações buscando uma resposta. O que tinha obtido até aquele momento?

A ideia primitiva da Irmandade Saigon surgiu na Base Charlie, pela cabeça de Kurt. Depois foi esquecida por quase vinte anos. Então, alguém trouxe a ideia à tona e a pôs em prática. Por que? Para essa pergunta há mais de uma resposta. Alguém resolveu punir os Oficiais que cometeram crimes de guerra contra nossos homens, no Vietnam. Esse alguém, ou esteve lá, ou era amigo ou parente de alguém que esteve. Criou a Irmandade para se vingar de alguém que vitimou um conhecido seu, um parente seu, algo assim. Teria o Soldado Will um parente Oficial, ou amigo Oficial? Mas mesmo que assim fosse, como esse Oficial descobriu que ele matou o Soldado Will? Somente Kurt sabia. E se Dobs, enquanto lúcido, contou a alguém? Mas esse alguém teria que ser parente ou muito amigo de Will. Complicado. E quem seriam os cabeças da Irmandade? O que os uniu? Complicado. A tese de Frank sempre vinha à sua cabeça. A de que a Irmandade poderia ter sido criada apenas para facilitar a vingança de alguém, sendo depois dispersada. Era possível. Uma cortina de fumaça.

A dura verdade é que Caldwel estava num beco sem saída. Não conseguia administrar tantas variáveis nessa equação, principalmente porque sua vida estava ameaçada.

Stevens os esperava com o carro no aeroporto e os conduziu à residência de Caldwel. Perguntou se havia alguma mensagem para Donner ou alguma providência que ele mesmo poderia tomar. Mas Caldwel relutava nas decisões. Sentia-se vazio, sem perspectivas e sem caminhos. Nelson não o ajudava em nada, pois mal podia assimilar tudo que lhe fora contado. Tinha mesmo é que voltar para a cozinha. Chegou a pensar em fazer uma longa viagem, Europa, talvez. Mas poderia ser encontrado e morto lá, ou seria morto ao voltar. Como na guerra, não se pode combater quando não se conhece o inimigo. Impossível prever de onde virá o ataque fatal, ou quando. Uma situação difícil de contornar.

Mesmo assim, precisava voltar à realidade do seu trabalho. Por isso desferiu algumas ordens a Stevens:

- Anote aí: quero falar com Donner na segunda, pela manhã. Gostaria que você me trouxesse a pasta dos contratos pendentes com a construtora Wilson e a cotação das ações que adquirimos da Ectel e das Indústrias Almor, amanhã de manhã. Quero estudá-los. Que ele coloque em alerta os investigadores que utilizamos há alguns dias. Quero falar com esses homens.

Embora houvesse passado as ordens para o homem à sua frente, ligou logo para Donner:

- Seu auxiliar está enviando algumas ordens minhas, mas gostaria de informar a você que descobri muito pouca coisa. Gostaria de falar de novo com os investigadores. O mais rápido possível. Os documentos, peça ao seu auxiliar, o Stevens, que os traga no domingo. Se os investigadores puderem vir no sábado seria o ideal. Tenho livres somente este dois dias, portanto...

- Não se preocupe. Eles o procurarão no sábado. Mandarei toda documentação que pediu, pelo Stevens, no domingo. – despediu-se.

CAPÍTULO XII

CRIME



Sábado pela manhã Caldwel recebeu a visita dos investigadores. Na verdade apenas um apareceu. Tocou e Nelson o fez entrar indicando a biblioteca, onde o patrão aguardava. Ele o cumprimentou e pediu que se sentasse. Mandou trazer o que ele quisesse beber e o homem aceitou um café puro. Passou a pasta com os relatórios a ele dizendo que fora um trabalho muito bem feito, mas...

- Senhor, fizemos um trabalho meticuloso e...

- Não, o senhor me entendeu mal. O que quis dizer é que apesar de ter sido bem específico, o relatório não me permitiu identificar o homem ou homens que procurava. Através dele cheguei aonde precisava chegar, mas não encontrei o que me salvaria.

- Senhor Caldwel, eu sou advogado. Se o senhor me contratar, poderá me falar tudo o que quiser e isso será um segredo entre o cliente e seu advogado. Minha licença é válida para Boston. – riram ambos.

- Serei direto. O senhor está contratado como meu advogado, pelos honorários que costuma cobrar usualmente. Além disso, quero contratá-lo como investigador para descobrir quem vai tentar me matar. Ambos os contratos deverão ter duração de seis meses.

Caldwel pegou o telefone e ligou para a casa de Donner. Este atendeu e foi informado de que deveria contratar o senhor ...

- Michael Kevin, senhor. – ajudou o investigador.

-... Michael Kevin, como advogado e como investigador, serviços pelos quais será pago conforme ele próprio informará. O contrato terá duração de seis meses, renováveis se for o caso. O início do contrato terá data deste sábado e isso é importante, pois quero utilizar os serviços de Michael hoje. Está tudo claro?

Donner anotou as ordens do chefe e informou que Michael deveria comparecer ao seu escritório na segunda-feira para assinar o contrato que ele aprontaria em seguida. Caldwel se desculpou por ligar no sábado, e para a casa do amigo, mas este o tranquilizou, dizendo que estava tudo bem.

- Meu caro Michael, meu advogado. A história em que você deverá mergulhar como investigador é a seguinte: Na Base Charlie, no Vietnam, um homem, eu, atirou e matou um Soldado. Fui visto por alguém, que depois descobri ser o próprio Comandante da Base. Soube muitos anos depois, que aquele Oficial havia pensado em criar uma sociedade secreta, chamada Irmandade Saigon, para punir com a morte, Oficiais que tivessem cometido crimes no Vietnam. Soube que alguns Oficiais já haviam sido assassinados e que a irmandade existia há menos de um ano. Soube que era formada por cerca de cinco homens no comando, mas que possuía braços armados em todo país, num total aproximado de trinta e cinco homens espalhados em vários estados. Havia suspeita de que a Irmandade fora criada recentemente para uma vingança pessoal, para matar apenas um homem e que após isso, ela seria desfeita. É possível, mas não há provas de que seja assim. O que quero de você é que descubra o que puder sobre a Irmandade e evite novos crimes, principalmente contra mim. Tenho me cercado de cuidados, altero meus trajetos, tenho guardas no portão da casa e os empregados são meus conhecidos. Como os de Trotsky.

Michael ouvia com interesse o que Caldwel lhe contava.

- Agora vou lhe passar tudo que descobri, as pessoas com quem conversei e o que apurei delas. – e passou a relatar sua viagem pelos diversos estados, suas conversas com os velhos amigos e as poucas informações que recebera deles.

Michael agora estava fazendo várias anotações. Sempre que um ponto chamava sua atenção, ele o anotava. Quando Michael terminou, lhe disse:

- Senhor Michael, o senhor conseguiria descobrir isso?

- Senhor, faço investigações há muitos anos. Melhor: tenho trânsito fácil no meio militar. Estive cinco anos nas Forças Especiais e embora não tenha passado por nada parecido com o Vietnam, me preparei caso houvesse uma volta àquele lugar. Considero a investigação uma coisa séria e sou aplicado no que faço ou recusarei seu dinheiro. Portanto, o senhor nada tem a perder, me contratando. Porei homens em sua segurança a partir de segunda feira, vou “grampear” seus telefones, caso receba alguma ameaça e vou fazer levantamento sobre todos os homens constantes do relatório, mais esse Coronel Kurt, e seu mordomo, o Nelson, pois ele também esteve lá e mesmo sem saber, pode nos ajudar a descobrir algo. Verei os detalhes da corte marcial de Kurt. Verei quem são os melhores amigos de todos do relatório, mais os de Kurt e de Nelson e tanto quanto possível, vou tentar rastrear o dinheiro de todos eles. Porei todos os meus homens nessa empreitada e acredito que em menos do que os seis meses do contrato, eu lhe trarei algo realmente importante, vital. Enquanto isso, o senhor deverá se cercar de todo cuidado possível. Pelo que me contou, há realmente alguém que vai tentar matá-lo. Não saber quem é pode ser fatal. Sem a sua promessa de que seguirá minhas orientações, dificilmente teremos sucesso. Mais: o senhor fará o que eu pedir sem discutir, pois tudo que eu fizer será no intuito de preservar sua vida. Outra coisa: o senhor me descreveu o Major Dobs como um homem mentalmente doente, certo?

Caldwel estava estupefato com a clareza de ideias de Michael. Assentiu com a cabeça.

- O senhor sabia que no tempo de academia militar, ele integrava a equipe de teatro, que apresentava seguidas peças para os outros alunos? Que era um ótimo ator?

Caldwel se deixara enganar pela representação de Dobs! Estava representando e certamente sabia mais do que disse. Miserável.

- Durante os levantamentos que fizemos, em alguns casos, procuramos levantar parte da vida do sujeito, para justificarmos seu comportamento atual. O General Alan sempre se interessou por abelhas, desde a época da academia. Portanto, o que faz atualmente deve ser uma ocupação legítima. Mas olharemos isso de novo. É nosso trabalho. Alguma pergunta?

Caldwel permanecia de boca aberta. Estava muito satisfeito por ter contratado o homem. Michael era bom, muito bom mesmo. Suas chances de escapar com vida dessa embrulhada aumentavam.

Após se despedir de Michael alertando para que ele procurasse Donner na segunda-feira, tomou um banho e saiu. Precisava conversar com Judith, a ex-mulher da qual realmente não se separara, pois não pedira o divórcio. Resolveram que fariam isso quando encontrassem alguém. E o sábado finalmente mergulhou na noite para esperar o domingo. E a neve caiu sobre a cidade.

O domingo apareceu gelado sobre a mansão dos Caldwel. A neve salpicara levemente as árvores em torno da casa durante a noite. A campainha tocou uma, duas, três, quatro vezes, antes que o sonolento Nelson viesse até a sala e quase que Mary, a copeira toma sua frente e abre a porta. Mas Nelson se adiantou e a olhou com desdém. À porta estava o Dr. Stevens, congelando e trazendo sua pasta de couro numa das mãos enluvadas. O frio começou a invadir o local e Nelson mandou o visitante entrar rápido. Stevens entregou o sobretudo à Mary e súbito, olhou para Nelson e este falou:

- Que barulho foi esse?

- Foi lá em cima. – Stevens falou olhando para o alto da escada.

- O quarto do Coronel. Vamos! – completou Nelson..

Ambos começaram a subir rápido as escada em direção ao quarto de Caldwel seguidos por Mary. Stevens parou e se virou para ela:

- Rápido, vá chamar alguém.

Mary jogou o sobretudo numa uma poltrona e correu em direção à cozinha. Lá encontrou o cozinheiro, Lopez, e Elma, sua ajudante.

- Venham depressa. Houve algo com o Coronel. - Os três então correram escada acima e entraram no quarto do patrão.

O Coronel Caldwel estava no chão, olhando para o teto com os olhos mortos. De joelho ao seu lado, Stevens tentava tomar seu pulso. Nelson examinava a janela e a sacada, onde viu uma escada de madeira apoiada no parapeito. Depois correu até ao banheiro e em seguida, abriu rápido todos os armários. Ninguém.

- Por Deus, chamem uma ambulância. – gritou Stevens. E Mary correu desesperada para o telefone do quarto do patrão. Mas Stevens a deteve: - não toque em nada nesse quarto. Ligue lá de baixo.

E todos ficaram ali, olhando o corpo do patrão. Da base do crânio saía muito sangue, que sujava o grosso carpete, e se podia ver que no pescoço do Coronel fora cravada uma pequena picareta, com violência. Podia-se ver a ponta da ferramenta aparecendo sob o queixo. Ele fora atacado por trás, tivera tempo de se virar e depois caíra de costas, ficando com os olhos abertos, olhando fixo o teto do quarto. Com carinho, Stevens cerrou os olhos do homem. E todos ficaram ali, em silêncio, apenas olhando o corpo do patrão. Então, todos desceram e ficaram nas poltronas do hall de entrada, aguardando.

Logo a casa era invadida por policiais, investigadores, peritos, médicos, repórteres, etc. O policial perguntou se alguém havia mexido na cena do crime, quem achara o corpo, quem chamara uma ambulância e depois a polícia. Isolaram o quarto e o policial tomou notas, pegando os nomes de todos os presentes para testemunharem mais tarde sobre o que tinha ocorrido. Michael estava presente, chamado pelo amigo policial, e olhava tudo.

Em seguida, todos foram liberados enquanto os policiais levavam a efeito a perícia. Stevens ligou para Donner e este para Judith a ex-mulher de Caldwel. Sua filha estava na Universidade e Stevens se encarregou de ir buscá-la com a má notícia.

Valerie custou a acreditar que o pai tivesse sido assassinado. Chorou copiosamente nos ombros de Stevens e veio com ele para a mansão. Donner providenciara contato com o médico da família e Valerie foi medicada e posta em repouso. Embora não estivesse o tempo todo com o pai, não havia dúvidas de que ele a tratava carinhosamente e lhe dava tudo que ela pedia. Havia enorme compreensão entre eles, além de respeito e admiração. A morte do pai dava uma guinada de 180 graus na vida da moça. Ou viveria só na mansão ou iria morar com a mãe, a qual igualmente amava, embora não pudesse vê-la tanto quanto gostaria.

Judith lamentou a morte do marido, mas aceitou passivamente o acontecimento, como algo inevitável. Sua vida seria também bastante alterada com o falecimento de Caldwel.

CAPÍTULO XIII

JUDITH



O sepultamento foi adiado para terça-feira, para que todos pudessem ser avisados e comparecer. Como sempre tudo ficou a cargo de Donner que, com sua habitual eficácia tomou todas as providências que envolvem tragédias assim. Acionou seu “staff” para ligar para todos os amigos de Caldwel, mandou comprar flores e preparar o local do sepultamento com toda pompa que o Coronel merecia. Até mesmo o cardápio foi examinado por ele. O escritório de Donner tinha uma agilidade essencial nesses casos. Ao fim do domingo, quase tudo já estava providenciado. Na segunda bem cedo tudo seria desencadeado e no dia seguinte, quem estivesse convidado poderia estar presente, pois fora avisado a tempo.

A neve caía suavemente quando o corpo de Caldwel desceu à sepultura. À sua volta, podia-se ver Judith, Valerie, Donner, Stevens, Nelson, os outros empregados da mansão, os quais foram avisados de que não perderiam o emprego e os militares avisados por Donner. Assim, lá estavam Roger, Dobs, Alan, Frank e Walter. Seu irmão Charles trouxera toda a família para o enterro. James Donner, o filho do advogado, circulava entre todos, verificando os menores detalhes. Como sempre acontecia nos eventos promovidos por Donner, tudo saiu perfeito. Mesmo os que não puderam ou não quiseram retornar aos seus estados, receberam acomodações e passagens de avião para o dia seguinte. Mas foi uma cerimônia fria de um dia frio. Todos se retiraram silenciosamente e Donner procurou a senhora Caldwel para dar os pêsames, mas aproveitou para marcar com ela uma hora, quando daria os detalhes do testamento de seu marido. Ela o procuraria na quinta-feira.

Judith nascera e vivera em Nova York, lá estudara e se formara. Dedicava-se inteiramente à propaganda e se tornou excelente publicitária. Algumas ideias suas acabaram por ser notadas e uma grande agência de Boston a convidou a visitá-la e a conversar. Judith procurou saber tudo da agência e quando chegou lá, estava preparada para qualquer coisa. E mostrou que conhecia seu trabalho: tinha e apresentou ideias para cada conta que aquela agência possuía. Seu trabalho era claro e objetivo e naquela época a propaganda estava engatinhando. Foi contratada a peso de ouro. E deu o troco alçando a agência ao topo do ranking das agências de propaganda. Seus trabalhos eram vistos na televisão e em out doors. Revistas publicavam não somente seus anúncios mas as entrevistas com ela. Era disputada descaradamente por outras agências, mas não a deixavam sair, aumentando sempre seu salário e participações. Em razão de seu carisma passou também, além da criação, ao agenciamento de clientes e foi quando conheceu Caldwel.

Caldwel naquela época estava um pouco fragilizado e o vigor dela, o brilho dos olhos, o conquistaram. Conversaram muito sobre a conta da agência, mas na verdade Caldwel relutava em assinar o contrato, pois não veria mais Judith e isso o incomodava. Por fim tomou coragem e a levou para jantar, depois dançar e em poucos meses estavam casados. Judith era muito íntegra para os padrões dele, por isso foi sempre mantida um pouco no escuro quanto aos negócios do marido. Ajudava muito seu envolvimento com seu próprio trabalho, não deixando tempo para que pensasse no que o marido realmente fazia. Por isso ela nunca soube inteiramente de nada.

Agora, com a morte de Caldwel, ela teria que se pôr à frente dos negócios.

Chegou pontualmente às nove no escritório de Donner e este já a esperava. Pediu que se sentasse, ofereceu qualquer coisa e ela aceitou apenas um café puro. A mesa de Donner estava abarrotada de papéis e pastas.

- Senhora Caldwel, por favor, desculpe essa desarrumação, mas foi tudo muito repentino e precisei recolher muitos documentos antes que a senhora nos procurasse. Mas está tudo aqui e podemos passar aos detalhes que são do seu interesse. Antes queria saber se a senhora gostaria de continuar utilizando nossos serviços, pois dependendo de sua resposta, eu tomarei ou não determinadas providências.

- Senhor Donner, até onde sei, meu marido confiava inteiramente no seu escritório e não vejo porque ele não poderia continuar a cuidar dos nossos negócios. Apenas gostaria de me inteirar deles, coisa que nunca fiz.

- Senhora, conheço sua capacidade, entretanto, há negócios do seu marido que eu sugiro sejam vendidos imediatamente. São negócios particulares dos quais ele cuidava pessoalmente. Caso seja seu desejo, podemos transformar todos esses negócios em “cash” e posteriormente em terras, imóveis, ações, etc. Eu informaria passo a passo tudo que fizesse. Também sou encarregado, como testamenteiro do Coronel Caldwel, e sei que ele deixou tudo que tinha para a senhora e sua filha, em partes iguais, sendo a senhora gestora do patrimônio dele. Em outras palavras a senhora poderá se dedicar ao que tanto gosta, a publicidade, mas nunca precisará se preocupar com dinheiro. Farei uma prestação de contas mensal ou bimensal à senhora, além de prover os fundos de que necessitar sempre que for solicitado. Segundo me informou o Coronel, a senhora jamais se preocupou com dinheiro e isso fez com que ele a respeitasse muito, pois mesmo depois da separação, nem ele nem a senhora se preocuparam em efetivar um divórcio, tal era o bom relacionamento entre vocês. Ele sempre me mandou efetuar depósitos mensais em sua conta bancária, mas até onde sei, a senhora nunca tocou nesse dinheiro, simplesmente por não necessitar dele.

- Realmente, senhor Donner, aliás, nem sei quanto tenho nessa conta que Cal abriu para mim. Mas, continue.

- Se for de seu agrado, meu escritório pode continuar a cuidar de tudo, encerrando negócios os quais a senhora teria dificuldade de gerir, ampliando outros que estejam dando lucro e persistindo nas aplicações em bolsa. Como a senhora exprimiu claramente o desejo de continuar a utilizar nossos serviços, gostaria de tranquilizá-la de que seus rendimentos estarão sendo sempre bem administrados, podendo ser consultadas a qualquer momento as posições de aplicações, ações, e tudo mais no que estiver empregado o dinheiro.

- Como lhe disse de início, senhor Donner, desejo apenas me inteirar dos negócios de meu finado marido. Preocupa-me, por exemplo, a questão do fisco. Qual minha posição nesse caso?

- Senhora Caldwel, por favor, não deve se preocupar com nada disso. Cuidaremos de tudo. Pelos meios legais, tudo que pertencia ao seu marido passa para a senhora, isso será declarado normalmente e pago, na medida e no tempo em que render um centavo a mais. A senhora estará a todo o momento, quites com o fisco. E não se esqueça de que pagamos religiosamente todas as taxas e tarifas referentes aos negócios, além das obrigações sociais decorrentes da utilização de pessoas, nas diversas áreas abrangidas pelos negócios de seu marido. A senhora pode ficar tranquila e após assinar algumas autorizações, tudo que for feito de bom ou ruim, não será responsabilidade sua, mas da firma que a senhora contratou, ou seja, nosso escritório. Em, no máximo uma semana, terei tudo pronto, com os documentos que requeiram sua assinatura prontos e os editais de venda preparados. Caso queira poderá nos apresentar um advogado de sua confiança para verificar item por item, tudo que a senhora tiver que assinar.

- Não, não. Não será necessário. O senhor tem razão, não quero realmente ter que me envolver nos negócios de Cal, pelo menos por enquanto. Por isso, deixarei tudo a seu cargo. Mas lembre-se de que ao me consultar sobre alguma coisa, precisará antes me colocar a par do assunto e seus meandros, antes que eu possa opinar, autorizar, etc.

- Sim, mas não a deixarei no escuro. Gostaria que ficasse à vontade para ligar para mim aqui, em casa, ou em qualquer lugar. Nos dias de expediente normal, ou nos fins de semana ou feriado. Sou seu advogado em tempo integral. Como o fui de Caldwel.

CAPÍTULO XIV

MICHAEL ENTRA NO CASO

Terminada a reunião com a esposa de Caldwel, Donner se preparava para reunir seu pessoal e disparar dezenas de ordens desde comprar até aplicar, sobre os bens do Coronel. Foi quando alguém o avisou de que um dos investigadores o procurava. Era Michael. Fez com que entrasse e se sentasse, depois ofereceu um drink, ou café. Michael aceitou café puro.

- Creio que havia um negócio pendente entre você e o Coronel Caldwel, não é? Creio que ele pretendia contratá-lo por seis meses como advogado e como investigador. Depois que você o deixou, ele me ligou para que preparasse os contratos. Parece que agora, isso deixou de ter importância, certo? Meu amigo está morto e a própria polícia achará os criminosos.

- Senhor Donner, eu gostaria de continuar no caso. Gostaria de investigar pelos seis meses que ele me pediu, tentando achar quem o matou ou mandou matar. Talvez o senhor não concorde em pagar meus serviços, mas nesse caso eu gostaria de seu apoio no contato com certas pessoas, nas facilidades que seu escritório poderia me proporcionar nessa investigação particular.

- Mas qual seria seu interesse, supondo que eu não lhe pagasse para realizar o serviço?

- Eu não tenho uma resposta precisa. Não sei exatamente, mas talvez seja uma simples curiosidade minha. Não me conformo que um homem seja morto por vingança, por algo tão antigo quanto à guerra do Vietnam. Isso é insano e eu gostaria de pôr a mão no culpado. Mas eu gostaria de ter sua aprovação e apoio. Embora eu tenha um bom trânsito na polícia, pois eles sabem que o que faço os ajuda e não atrapalha, preciso de um suporte para entrar em certos locais e participar do conhecimento que a polícia obtiver. Ou seja, que eles dividam comigo o que puderem apurar, o que me ajudaria na minha investigação. Sei da sua influência com eles e com sua participação, meu serviço seria sem dúvida, facilitado – propositadamente, Michael deixou de mencionar seu livre trânsito no Departamento Policial de Boston.

- Humm ... – Donner estava pensativo. Até que finalmente se decidiu - muito bem, eu contrato você nas mesmas bases de Caldwel, além disso, vou lhe fornecer o que puder para ajudar a elucidar esse crime. Você terá um adicional por despesas, passagens de avião, etc. Tenho certeza de que a senhora Judith aprovará minha decisão, pois tenho que informar a ela sobre isso. Portanto, você está contratado, Michael. Existe algo que deseje de pronto?

- Conheço o investigador encarregado do caso. Mas quero algo oficial me permitindo participar das investigações como uma espécie de observador da família Caldwel.

- Sem problemas. Amanhã o tal investigador vai se reunir na mansão, com alguns envolvidos no caso, a ex-esposa, a filha e você poderá participar. Vou providenciar junto ao Departamento de Polícia.

- Bem, então estamos resolvidos. Desculpe tomar seu tempo, mas eu precisava esclarecer isso. Estou em campo.

- Boa sorte, Michael.

Os dois se despediram e Michael prometeu passar a Donner, como principal interessado, tudo que descobrisse e que fosse relevante ao caso. Informou que faria o mesmo trajeto de Caldwel e que ele achava que o fato dele ter procurado aquelas pessoas deve ter apressado seu assassinato.

Michael era um homem elegante, porte atlético, olhar inquisidor e bastante simpático. Com 1,80m de altura, conseguia intimidar muito valentão com quem teve que se haver. Além de advogado, prestara o serviço militar e fizera questão de tentar as Forças Especiais. Nesses Batalhões especializados aprende-se tudo que é necessário para uma sobrevivência em condições difíceis. O que agora era quase desnecessário, aos 45 anos de idade.

No Batalhão de Forças Especiais, Michael aprendeu a dirigir qualquer tipo de veículo, a fazer qualquer tipo de explosivo, a abrir qualquer tipo de cofre, lutas marciais diversas, a se orientar em qualquer selva, a falar pelo menos quatro idiomas, além do seu. Além de instrução especial, aprendeu as técnicas que utilizava no seu escritório de investigações, depois de sair do Exército.

A especialidade que mais o encantou no Exército foi o paraquedismo, por isso passou a praticá-lo por esporte, nos fins de semana, o que não ocorria com o mergulho, para o qual também estava preparado. Michael era um homem completo, saudável e inteligente. Resolveu muitos casos sem sair do próprio escritório apenas pensando e concluindo. E chegou à conclusão de que no caso de Caldwel deveria fazer o seguinte: primeiro saberia da opinião da polícia, a que conclusão chegara. Depois faria seus próprios levantamentos. Falaria com cada um dos homens, tiraria deles o que pudesse e pintaria um quadro em cores vivas da atuação de Caldwel, de como ele se encaixava no quadro. E finalmente quem o retirara de lá. Não faria pelo pagamento, mas por uma promessa feita a um homem, às vésperas dele ser morto.

Pensar. Esse era o forte de Michael. E pensou sobre tudo que sabia sobre o caso. Quem eram os suspeitos? Todos? Quem poderia ser retirado da lista? A esposa? Nelson? Alguns dos antigos amigos do Vietnam? Algum amigo ou parente de alguém prejudicado por Caldwel? Um parente do Soldado Will? Quem sabe um amigo de Kurt, a quem ele tivesse contado o que viu? Mas vinte e tantos anos depois? Difícil, mas ainda era cedo. Havia tempo.

Stuart Trenton estava encarregado do caso e logo cedo na sexta-feira recebeu ordens de seu chefe direto para permitir a Michael acompanhar o caso e ajudar no que fosse possível e que ele deveria em contrapartida oferecer a Michael informações pertinentes ao caso, que o ajudassem a elucidá-lo. Sem dúvida, Donner andara mexendo os pauzinhos.

Stuart conhecia Michael e recebeu a ordem de bom grado. Gostava do investigador, pois era seu amigo, embora seu chefe não soubesse. Michael já o tirara de muitos apertos, em diversos casos e ligou para ele o convidando a estar na mansão por volta das dez horas, quando passaria aos interessados as conclusões a que a polícia chegara, até aquele momento. Michael agradeceu o convite e aproveitou para marcar com Trenton uma pescaria para o fim de semana. Trenton exultou. Como Michael, gostava muito de pescar. Só não aceitava os convites de Michael quando estes envolviam aeroportos, aviões, etc.

Dez horas da manhã. Mansão dos Caldwel. Sexta-feira. Presentes Judith, a viúva, Valerie, a filha, Nelson, o mordomo, Mary, a copeira, Lopez, o cozinheiro e Alma, sua auxiliar. Também foi chamado Stevens, do escritório de Donner. Trenton se apresentou formalmente a todos e explicou porque estava ali, tendo ao seu lado Michael, como observador e investigador particular. É que a polícia, depois de algumas investigações e de ter interrogado os presentes no dia do crime, chegara a uma conclusão sobre como fora morto o Coronel Caldwel. Trenton explicou:

- Verificamos primeiro que o muro lateral da casa tem vestígios de ter sido escalado por alguém. Há marcas de sapato no local e nas paredes do muro. Foi encontrada uma escada encostada ao parapeito da sacada do quarto do Coronel. Essa escada normalmente fica deitada junto ao pequeno jardim que orna os lados da casa, entre a calçada e as paredes. Também nessa escada os degraus estavam meio encobertos pela neve. Deduzimos que o criminoso saltou o muro, colocou a escada, que é leve, de pé apoiada na sacada e subiu por ela. Aguardou até que o Coronel estivesse na posição em que pudesse ser abordado por trás, sem ser visto, e desfechou o golpe fatal. A arma foi uma pequena picareta de jardim e o assassino deve tê-la apanhado nos arvoredos que circundam a casa onde pode ter sido deixada por algum serviçal ou jardineiro. Ao receber o golpe, o Coronel ainda conseguiu se virar e ver quem o matara. Depois ele foi caindo para trás e nesse movimento, auxiliou a penetração da picareta em sua nuca quando caiu ao solo, produzindo um baque surdo, ouvido pelos senhores Nelson e Stevens, que estavam embaixo. O homem voltou rapidamente para a sacada, desceu pela escada, provavelmente apenas escorregando por ela e se ocultou nos arbustos para chegar ao muro, por onde se evadiu. Nossa investigação começou pelo interrogatório de alguns vizinhos que podem ter visto algo suspeito. Vamos também verificar quais eram ou se havia pessoas que tivessem pendengas com o Coronel, pois a possibilidade de ser apenas um ladrão está afastada. Nada foi retirado de seu quarto, segundo a senhorita Mary e Valerie, que examinaram o aposento mais tarde. Segundo concluímos o objetivo do homem era apenas matar o Coronel e se evadir.

Judith chorava e Valerie também. Todos estavam abalados e Trenton lamentou que tivesse por dever seu, que informar isso aos interessados. Lamentou a morte de Caldwel e agradeceu a presença de todos, prometendo continuar investigando até identificar o criminoso. Michael não saiu com ele. Preferiu ficar e conversar com as testemunhas, se elas quisessem. Enquanto Judith se acalmava, ouviu Mary contar o que acontecera, depois ouviu Nelson e em seguida Stevens. Valerie nada sabia dos negócios do pai, portanto, era dispensável. Mas Judith poderia ter algo a dizer, por isso Michael esperava que ela se recompusesse para falar com ele.

- Senhora Caldwel, poderíamos conversar um pouco? – Michael se condoía da dor dela, que parecia genuína. Ela jamais odiou realmente o marido. Apenas não o amava mais e nem ele tampouco a desejava, como no início. Tantos anos separados e nunca se preocuparam em pedir o divórcio um do outro. Davam-se muito bem e muitos negócios de Caldwel estavam em nome dela, tal a confiança que tinham um no outro. Ele jamais a prejudicaria, nem à filha deles, Valerie.

- Pois não, senhor Michael.

- Me chame apenas de Michael. Eu gostaria de fazer algumas perguntas sobre o Coronel.

- Não sei se posso ajudá-lo, mas pode perguntar o que quiser. Também eu quero saber o que houve e se puder fazer algo...

- A senhora conhecia algum amigo do seu ex-marido, além é claro, de Donner e seu filho?

- Não, ninguém mais. Víamo-nos raramente e não frequentávamos os mesmos círculos o que, aliás, foi uma das razões de nossa separação. Eu era sempre procurada por Donner ou seu filho para assinar algum documento, contrato, de negócios que Caldwel colocou em meu nome por razões fiscais. Nada mais.

- Ultimamente, houve algo diferente entre vocês, ou no seu relacionamento com Donner? Algum negócio não ia bem?

- Não, em ambos os casos. Não aconteceu nada ultimamente que pudesse chamar minha atenção. Nenhum telefonema estranho, nenhum documento suspeito, nada.

- Bom, é como eu esperava. Se permite, uma pergunta pessoal:

como a senhora está? Mais calma, depois de tudo?

- Michael, Donner me informou que você ficaria investigando o caso por algum tempo, buscando esclarecer tudo. Dei, é claro, meu aval à sua atuação e espero que você consiga realmente descobrir o assassino. Quanto a mim, estou bem e agradeço por perguntar, mas a propósito disso, ele me contou que você se reportaria a ele, a cada descoberta de fato importante. Você se importaria de se reportar também a mim, embora eu deva estar no seu rol de suspeitos?

- De modo algum. Pensei que Donner a informaria...

- Prefiro ouvir de você. Não quero mal entendido. E pode me chamar de Judith. Não sou senhora Caldwel há muitos anos, embora entenda a delicadeza de me chamarem assim. Estamos combinados?

- Estamos combinados... Judith – ofereceu a ela seu melhor sorriso.

Michael pensou como era difícil parar de olhar para Judith. Ela tinha uma suavidade que poucas vezes se encontra em mulheres ditas executivas. Por isso havia prolongado a entrevista com ela, para poder ficar mais tempo ao seu lado. E ela fora extremamente gentil e cordata.

- Caso aceite, podemos jantar na próxima semana e aproveitarei para informá-la em que pé estamos no caso. Que acha?

- Ótima ideia, ficarei aguardando seu convite. Leve meu cartão. Tem meu telefone pessoal, fica mais fácil me encontrar.

Michael deu a ela seu cartão e se despediram. Michael estava feliz pela oportunidade de poder vê-la novamente.

CAPÍTULO XV

PROCURANDO O ASSASSINO



Em seu apartamento, Michael colocou à sua frente o relatório que havia feito para Caldwel, sobre seus amigos da época do Vietnam. As fotos de todos eles, que ele havia anexado ao relatório e às quais o cliente nem prestara atenção, as anotações que Caldwel fizera sobre o assunto, suas próprias anotações e o relatório da polícia sobre como o crime havia ocorrido.

Primeiramente, como sempre fazia, imaginava o que poderia estar errado com as conclusões da polícia. Geralmente achava aí os furos que evidenciariam as falhas. Nesse caso, a descrição de Trenton do que havia ocorrido batiam com as possibilidades. Portanto, se poderia dizer que o crime ocorreu daquela forma descrita por Trenton. Assim sendo, pôs de lado essa parte, que a princípio parecia ser a certa. Passou então a verificar as variantes da parte policial. Coisas do tipo: estava chovendo? Havia neve? Um só homem levantaria a escada de madeira? Coisas assim. Novamente tudo se encaixava. Então analisou a cena mentalmente. Viu como tudo ocorreu desde a chegada de Stevens, recebido por Mary e Nelson. Ele poderia ter circundado a casa e... não. Quando Caldwel morreu, ele estava com Nelson e Mary no hall de entrada da casa. Estavam, pois, fora da investigação, por enquanto, Nelson, Mary e Stevens. O cozinheiro e a ajudante também estavam fora, por motivos óbvios: eles foram chamados para ver o que estava acontecendo. Mas na cena que Michael visualizava havia um erro, que ele não conseguia definir. Assim como Caldwel sentira algo estranho ao conversar com um dos amigos que visitou, depois de ouvir palavras que deveriam alertá-lo, mas sem conseguir definir o que seria, da mesma forma, Michael via a cena várias vezes em sua mente, mas não podia definir onde estava o erro. E esse erro podia mudar toda a história do crime. O que estava errado? Deixou para pensar nisso depois. Conhecia bem a si próprio, sabia que mais cedo ou mais tarde tudo viria claramente à sua mente. E ele como sempre, se recriminaria por não ter pensado naquilo antes. Reviu o relatório policial detendo-se nas descrições feitas e nas fotos.

Tudo na vida de Caldwel passara a fazer sentido depois que ele esteve no Vietnam. Michael podia estar errado. Já errara antes, mas segundo pensava, somente no Vietnam encontraria as respostas para suas perguntas. Entre elas estava o nome do mandante ou do assassino de Caldwel. Portanto, de volta ao Vietnam, através dos amigos. E por que não começar com Nelson?

O Soldado Nelson fora cozinheiro durante o conflito no Vietnam. Sabia e vira muita coisa. Conversara muitas vezes com Caldwel no Rancho, bebera com ele. Fizera trabalhos escusos para ele, participara como auxiliar no contrabando que corria solto sem que o Comandante fizesse alguma coisa. Teria sido isso que o levara à corte marcial?

Mas o Coronel Kurt estava morto. Por que seu cérebro insistia em pensar nele? Tinha era que se concentrar em Nelson, conversar com ele, arrancar o que pudesse.

Foi à mansão no sábado pela manhã, depois de ligar e avisar que gostaria de conversar com o mordomo. Mary prometeu dar o recado e ele compareceu. Ao chegar teve a grata surpresa de se deparar com Judith. Estava linda, radiante como sempre. Olhava os estragos que a neve fizera nos poucos arbustos que circundavam a casa e imaginava que quando acabasse o inverno, eles vicejariam novamente. Assim esperava.

Mas o investigador era obrigado a concordar com Trenton em que os poucos arbustos dali poderiam facilmente esconder um homem, apesar da neve e do estado das plantas. Resolveu cumprimentar a senhora Caldwel.

- Bom dia, Judith.

- Michael! Você acorda cedo, não? Visita social, espero.

- Lamento, vim falar com Nelson. Como você está?

- Estou bem. Valerie precisou ser medicada para conseguir dormir. Eu fiquei por aqui. Creio que alguém vai precisar cuidar da casa e de Valerie. Vai ser bom ficar um pouco mais com ela. Tanta coisa a ser feita...

Entraram juntos na casa e ficaram conversando no hall de entrada enquanto Nelson não aparecia. Judith era uma mulher excepcional. Já não era uma jovem, mas sua pele era de um frescor insuperável. Tendo vindo de fora, seu rosto estava lívido devido ao frio e Michael desejou muito acariciar sua face. Distraiu-se olhando embevecido para o rosto dela e foi apanhado em flagrante.

- Êi, está procurando alguma coisa?

- Por favor, me desculpe. Me distraí...

- Se distraiu com que?

- Com sua beleza. Desculpe, mas você é adorável e não me tome por um reles galanteador. É a pura verdade.

- Ora, Michael, que mulher se ofenderia com um olhar de admiração? Não pense nisso.

- Fui indelicado, eu sei, mas a culpa é sua.

- Ah, então eu é que sou culpada, por você me devorar com os olhos? – riu gostosamente. Dentes perfeitos.

- Apenas admirava você. Não quero devorá-la, você é melhor inteira...

- Humm, como estamos, hein? – sorriu olhando Michael nos olhos. Profundamente.

Foram interrompidos pela chegada de Nelson. Não parecia muito à vontade. Cumprimentou a patroa e esta respondeu e se retirou, não sem antes oferecer algo a Michael, que recusou. Ficou olhando-a subir as escadas, silenciosamente. Só então se deu conta da presença de Nelson.

* Senhor Nelson...
* Apenas Nelson, por favor.

- Certo. Você se importaria de responder a algumas perguntas sobre você, seu patrão, Vietnam, etc.? Informo que você não tem qualquer obrigação de responder. Não tenho autoridade policial para lhe fazer qualquer pergunta, portanto, caso prefira não falar sobre isso, eu vou entender. Quero apenas descobrir o que puder sobre seu patrão e antigo Comandante.

- Não, ele não era meu Comandante. Apenas mais um Oficial da Base Charlie. Quanto a responder as perguntas, não vejo nada de mal e se houver algo que eu prefira não responder, eu digo.

- Ótimo. Vejo aqui pelos relatórios que tenho que você nasceu em 1954. Entrou para o Exército com 18 anos, é isso?

- Sim. Entrei em 72. Fui logo enviado para o Vietnam porque não tinha qualquer qualificação especial, era apenas cozinheiro.

- Entendo. Como cozinheiro, você não precisou de nenhum treinamento especial, podendo ser mandado bem cedo para o Vietnam, certo?

- Certo. Fiquei até que todos foram retirados e permaneci no Exército até 86. Então pedi baixa.

- Humm, você serviu por 14 anos e depois saiu. Pode me dizer por que não completou seu tempo e se aposentou?

- As coisas não iam muito bem. Eu tinha saudade dos meus pais, do resto da família, enjoei daquilo tudo...

- Nelson, você enjoou depois de 14 anos. Porque não saiu antes, ou depois? Por que exatamente aos 14 anos de serviço você saiu? O que determinou essa data?

- Havia vários problemas. Eles começaram a rebuscar fatos envolvendo o pessoal do Vietnam, depois do julgamento de Kurt e eu vi que se ficasse, mesmo depois de tantos anos após a morte dele, poderiam me envolver no contrabando de armas e de entorpecentes. O Senado americano quando começa a rebuscar não para mais até que haja uma eleição e eles sossegam. Achei que era mais seguro cair fora, eu realmente estava enjoado do Exército e da cozinha do Exército. Eu podia ser cozinheiro em qualquer lugar e no Exército, curiosamente, eu não me sentia seguro.

- Como não se sentia seguro?

- Existem pessoas más e vingativas. Em todo lugar. Eu não tinha culpa, mas alguns achavam que como eu estivera no Vietnam, poderia ter feito algo. Descobri que a esmagadora maioria dos que lutaram no Vietnam, logo que puderam sair sem prejuízo do Exército, o fizeram. Uns conseguiram ficar porque eram especializados. Outros se esconderam em quartéis ou repartições nas quais ninguém sabia que haviam lutado lá. Interessante como pouca gente sabe como são tratados os militares que voltam do Vietnam.

- E como são tratados?

- Ora, se esteve na guerra, você sabe mais que eles todos, como acha que isso vai afetar seus superiores, que olham e veem em você uma ameaça à sua autoridade? Certa vez eu preparava um lanche para um grupo de militares que assistiam a uma preleção de um General pomposo. Um Sargento se levantou e disse que o General estava equivocado. Que as coisas se passaram assim e assim. Foi constrangedor. O Sargento havia participado da batalha a que o General se referia e podia, melhor que o General, dizer cada ponto, cada local, onde estavam as armas e os homens. Porque algumas coisas são impossíveis de esquecer. O general o convidou a ir até onde estava e pediu que ilustrasse tudo que ele dissera e corrigisse os pontos onde os relatórios haviam falhado. Foi uma saída estratégica e depois disso, eu soube, antes de cada palestra envolvendo combates no Vietnam, o palestrante deveria ser avisado se haveria alguém na platéia que houvesse lutado lá.

- Digamos então Nelson, que você saiu porque de certa forma o cerco sobre ex-combatentes do Vietnam, ainda na ativa, se fechava e você quis, mesmo sem culpa, ficar fora disso, certo?

- Exato. Fui procurar minha família e fiquei com eles um tempo. Aliás, nunca mais os deixei. Apenas procurei alguns empregos, mas nada que garantisse meu futuro. Por isso cheguei à conclusão de que deveria recorrer aos antigos amigos. No caso, o Coronel Caldwel. Eu havia pensado primeiro no Major Roger, mas

não sabia dele fazia tempo. Então me lembrei do Sargento Walter, a quem recorri, e ele me conduziu a Donner. Assim cheguei ao Coronel Caldwel. Ele me ofereceu o emprego que tenho e que, segundo Donner, devo manter.

Michael ficou pensativo durante algum tempo e depois olhou nos olhos de Nelson, de modo casual perguntou:

- No dia do crime, por que você demorou a atender à campainha quando Stevens tocou?

Nelson ficou de boca aberta, olhando para Michael.

- Como...?

- Pode responder a isso?

Nelson não sabia o que dizer. Ficou olhando para Michael, sem saber como agir. Estava pronto para qualquer pergunta, nunca para essa pergunta. Finalmente disse:

- É que eu estava...

Michael o interrompeu:

- Esquece. Pode deixar. Foi apenas algo que pensei. Esquece.

Agradeceu a Nelson por ter falado com ele e disse que ele o ajudara bastante, deixando o homem preocupado quanto ao que dissera e mais pensativo ainda.

Quanto à Michael, acertara em cheio sobre o que queria de Nelson: deixá-lo confuso. Tinha algumas ideias na cabeça, mas deveriam ficar para mais tarde. Havia mais com que se preocupar e ele tinha muitas perguntas a fazer, antes de concluir o que tinha imaginado. A chave eram as ligações entre os integrantes do círculo de amizades de Caldwel. Melhor seria dizer círculo de relações, pois amizade é outra coisa.

Seu escritório ficava próximo de Tower Plaza e seu apartamento no final da Avenida Prudence, perto da ponte. Depois de ler atentamente os relatórios e anotações suas e de Caldwel, colocou tudo numa pasta e foi para sua casa. O melhor lugar para organizar suas ideias era o sofá principal da casa, ao som de boa música clássica. Michael tomou um demorado banho e depois colocou uma roupa quente, preparou um conhaque. Acendeu a lareira e acomodou-se no sofá, com uma mesinha em frente onde depositou toda documentação que trouxera.

E fez uma das coisas que melhor fazia: pensar, deduzir. Michael praticara memorização, necessária às forças especiais e por isso, guardava com facilidade tudo que ouvia ou que lia. Começou por refazer o conteúdo de tudo que obtivera, do que dissera Caldwel, das anotações, etc. Em resumo partiu do início.

A Irmandade Saigon foi primeiramente pensada no Vietnam, por um Oficial da Base Charlie e depois foi esquecida. Quase 25 anos depois ela foi criada por um homem, que se associou a outros. Por que foi criada e por quem? Hipóteses: ela foi criada por alguém, amigo ou parente de um Oficial que serviu no Vietnam e que foi morto, ou ferido. Teria por finalidade vingar esse Oficial, justiçando todos aqueles que cometeram crimes contra os seus camaradas. Ou foi criada por um homem, com intuito de vingar alguém, mas com o objetivo de matar uma única pessoa. Vários seriam mortos, até que se chegasse a quem era o alvo principal, depois seria dissolvida. É claro que nesse caso essa pessoa seria alguém muito, muito, doente. No primeiro caso seria apenas um grupo vingador. No segundo caso, uma incrível maquinação de alguém visando atingir um alvo definido, mas criando uma cortina de fumaça sobre o crime, chamado Irmandade Saigon.

Segundo as anotações de Caldwel, algo o atingira de algum modo, numa das entrevistas, mas ele não conseguia definir o que seria. Com quem ele falava e o que disse a pessoa?

Michael revirou a documentação até achar o que queria. Fora na entrevista que o Coronel tivera com Frank. E o que dissera Frank, levando Caldwel a pensar? Releu atentamente o que o Coronel Caldwel anotara sobre o encontro. Viu então o que lhe parecera interessante: “descubra quem eram seus amigos mais chegados ou parentes mais próximos. Esse é o seu homem.”

Fazia sentido e Caldwel fora alertado pela declaração de Frank naquela ocasião. O criador da Irmandade era alguém muito amigo ou parente chegado, de um Oficial injustiçado, perseguido, morto ou gravemente ferido. Não importam aí as razões da criação da Irmandade. Parece claro que a motivação foi essa, pois um simples ato de loucura não traria comparsas, normais, à Irmandade. Era um louco ardiloso, hábil, inteligente. Era impossível localizar esse homem, por enquanto, por isso, era preciso descobrir e isso daria trabalho, quem fora morto ou injustiçado no Vietnam. Desses, quem deixara amigos íntimos ou parentes, filhos talvez, que resolveram planejar por anos uma vingança contra os que prejudicaram um seu ente querido, ou o matara. Parentes de Will por exemplo.

Precisava estudar atentamente tudo sobre o Vietnam, mas como Caldwel fora uma das vítimas da Irmandade, podia restringir sua pesquisa ao tempo em que Caldwel serviu no Camboja. Seria ali, ou dali pra frente.

Pensou também sobre o crime em si. Era realmente viável o modo como foi cometido o crime? Como o assassino sabia que conseguiria uma ferramenta para usar contra Caldwel? Como saberia que ele estava no quarto? Como saberia qual era o quarto? E a escada? Ele sabia da existência dela? Que estaria ali esperando por ele? Teria um cúmplice? As coisas ao contrário de ficarem confusas, pareciam se encaixar suavemente em algo que Michael pensara. Quem sabe?

O calor da lareira e do conhaque fez com se sentisse aquecido e confortável. Então pensou em Judith. Que sorriso lindo. Estava gostando realmente dela. Ele sempre procurara alguém assim, equilibrada, sem vícios, mas também inteligente e bela. Era gostoso apenas ouvi-la falar. Mas, arre! Precisava voltar o pensamento para o serviço. Afinal, logo a encontraria para conversarem e ele não a deixaria sair tão fácil de sua vida. Definitivamente não.

No caso da morte de Caldwel, havia muitas coincidências que eram inaceitáveis. Ou não teria ocorrido daquele modo?

Irmandade Saigon... um plano de um homem, envolvendo inocentes úteis, com o propósito de matar... Caldwel; para vingar a... quem? Uma boa hipótese, com duas perguntas: quem era o homem a ser vingado e quem praticara a vingança. Mas havia uma terceira pergunta e essa responderia talvez, as duas primeiras. O que fizera Caldwel a esse homem (se foi realmente ele o causador da criação da Irmandade)? Ele o fizera ainda no Vietnam? Depois? Precisaria investigar. Quem vira Caldwel matar Will? Kurt. A quem ele contara? A Dobs. Anotou: falar com Dobs. Mas falaria com ele em outra língua. Não se deixaria enganar pela representação de Dobs. Ele não era louco. Rápido localizou nas anotações o endereço de Dobs. Passaria pelo escritório no dia seguinte e em seguida: Jacksonville, Flórida. Pegou o telefone e marcou passagem de avião para lá, no dia seguinte, à tarde.

Terminou o conhaque e se deixou adormecer ali mesmo, envolto no robe e ao calor da lareira. Seu último pensamento foi para Judith. Dormiu profundamente.



CAPÍTULO XVI

DOBS FALA

Michael avisou ao seu pessoal que viajaria à tarde e informou seu destino. Logo que chegasse informaria hotel e o telefone de onde estava, caso o telefone pessoal não o alcançasse lá. Deu algumas ordens relativas ao trabalho diário e assinou alguns documentos. Em seguida reuniu seus pertences e partiu. O voo foi tranquilo e ele chegou no horário. Ligou imediatamente para Dobs e marcou um encontro para o mesmo dia.

Dobs o recebeu e antes que começasse sua representação, Michael o impediu:

- Capitão Dobs, estou investigando o assassinato do Coronel Caldwel e gostaria de sua ajuda. Mas antes gostaria que soubesse que o senhor não é louco. Sabemos que tem problemas mentais e até o senhor mesmo sabe disso, o que nos mostra que o caso não é grave. O senhor tem lapsos de memória e esquece às vezes o nome das pessoas, nada mais que isso. Sua representação para Caldwel foi um modo de evitar perguntas, mas algo dentro de si o obrigou a falar de Kurt, o que certamente o senhor não pretendia fazer. Não sei ainda o que o levou a agir daquele modo, mas lhe garanto que, conversemos ou não, o senhor agirá normalmente comigo. O que me diz?

- Senhor...

- Pode me chamar de Michael.

- Pois é, Michael. Não sei se sabe, mas sou um bom ator...

- Eu sei. Sei de suas atuações no teatro da Academia. O senhor sempre gostou de representar.

- Pois bem. Eu não gostava muito de Cal e foi o modo que arranjei de confundi-lo. Não queria contar histórias bobas da guerra, dar informações, essas coisas. Entretanto, me senti no dever de informar a ele quem o tinha visto. Kurt me procurou pouco depois, com enorme drama de consciência. Estava fazendo uma ronda pela Base, quando se deparou com a cena de Cal atirando no Soldado Will. Não sabia o que fazer e procurou meu apoio. Kurt tentava sair ileso do Vietnam, mas isso ficava cada vez mais difícil. Os problemas se avolumavam, por culpa principalmente de Cal, que fazia as maiores remessas de contrabando para os Estados Unidos. O sofrimento maior de Kurt era pelo filho, um Tenente ruivo que poderia ir para o Vietnam e passar pelo mesmo que ele: conviver com a roubalheira, sem no entanto, poder fazer nada. Veja bem, se Kurt denunciasse Cal, teria toda a base contra ele. Cal comprara todos, todos ganhavam quando Cal ganhava. Além disso, jamais conseguiria provar o que acontecia. Todos acobertavam as operações que eram cada vez mais sofisticadas. Para que você tenha uma ideia, Cal conseguiu transformar equipamentos do avião, de modo que acomodassem diamantes, armas, sei lá, tudo que coubesse. E de que modo Kurt provaria que determinadas armas não haviam sido perdidas para os Congs? As patrulhas voltavam sem elas. Ele tinha que pedir outras, mesmo sabendo que estava cometendo um erro. Kurt chorou suas mágoas comigo e eu nada pude fazer. Pouca gente não concordava com o que ocorria, incluído aí o Sargento Walter.

- Mas Dobs, vamos esquecer Kurt por alguns momentos. Fale de você. Por que você nunca foi promovido?

Dobs deu uma gargalhada.

- Você precisava ver a cara de Cal com a minha representação. Ele parecia assustado, quando eu fingia não conhecê-lo. Foi muito divertido. Pena que você já sabe que eu não sou louco. Mas tem gente que pensa que eu sou. Você sabia que há congs por aqui? Não? Mas eles estão por aí. Vieram do Vietnam e se fingem de tintureiros, donos de lanchonetes, coisas assim, mas são congs, tenho certeza. Por isso pouco saio de casa.

- Dobs, você não é louco. Não se faça de louco.

- Claro que não. Foi o que eu disse a eles quando voltei, mas não adiantou. Eles não me promoveram, apenas me enviaram a uma casa de repouso, para que eu me recuperasse. Diziam que eu tinha uma neurose de guerra. Tentavam me convencer que os enfermeiros não eram congs disfarçados. E não me permitiram ficar com minha arma. Contei-lhes o que houve com o Soldado Cornell: ele se separou da patrulha e logo foi encontrado. Estava amarrado a uma árvore, com a garganta cortada e com o pênis enfiado na própria boca. Era uma visão horrível, mas não consegui evitar que os homens vissem aquilo. Alguns vomitaram. Eu não conseguia pensar. Por mais que me esforçasse eu não conseguia pensar e o Sargento, não lembro quem, assumiu o comando do destacamento e nos trouxe de volta. Foi tolice minha querer acompanhar uma patrulha, mas achei que a área estava num perímetro de relativa segurança. Foi um erro meu. Kurt me disse que eu não deveria voltar a fazer isso. Precisava de mim como uma possível testemunha. Cheguei a participar da corte marcial a que ele foi submetido, mas logo fui retirado porque me sentia mal quando eram lidos alguns relatos.

- De que Kurt foi acusado, afinal?

- Ele recebeu a culpa por tudo que houve de errado na Base. Desde a morte do Soldado Will, até o incontrolável contrabando de armas, diamantes e pó. A corte levou alguns meses e Kurt foi condenado, mas não cumpriu pena, apenas foi colocado no ostracismo, o que é a mesma coisa. A corte não pode condenar um Coronel que lutou no Vietnam. Depois de algum tempo, Kurt se suicidou.

- E o filho dele? O que foi feito do filho dele?

- Filho? Não lembro. Falei em filho? É, Kurt tinha um filho. Ele sumiu. Aliás, eu nunca o conheci pessoalmente. Mas creio que ele não chegou a ir para o Vietnam, como o pai.

- Sabe o nome do Tenente?

- Você está confundindo a minha cabeça. Não conheço nenhum Tenente.

- E a Irmandade? O que você sabe sobre isso?

Dobs deu uma gargalhada.

- Michael, você está no caminho errado. – riu de novo. – A Irmandade não existe. Você ainda não descobriu isso?

- Não. Explique pra mim.

Subitamente, Dobs baixou a cabeça e começou a representar ou então, voltara a um de seus ataques. Não se lembrava de nada, não queria conversar e finalmente, perguntou quem era Michael e o que fazia ali.

Michael achou que nada mais conseguiria dele. Deixou anotados num bloco de notas seu nome, seus telefones e o endereço de seu escritório em Boston. Pediu para chamar um táxi e Dobs lhe deu o número. Após ligar pedindo o táxi ele saiu e ficou na calçada folheando o relatório, suas notas, até que o carro chegasse. Voltou para o hotel.

Retornaria no dia seguinte para Boston. No hotel reviu suas notas e concluiu que em pelo menos uma ocasião Dobs lhe mentira. Mas por que dissera que a Irmandade não existia? Como poderia saber disso?

Chegou a pensar numa segunda visita à Dobs, mas achou melhor esquecer o assunto. Dormiu e no dia seguinte bem cedo tomou o primeiro avião para Boston.

Chegou e foi imediatamente até ao Distrito Policial, onde encontrou o amigo, mas foi Trenton quem falou primeiro:

- Michael, você está com problemas. Você me disse que iria ontem visitar o Capitão Dobs. Isso é correto?

- Sim. E falei com ele...

- Pois é. Ele foi morto ontem. Levou um tiro na testa. O que houve, vocês discutiram?

- Trenton, o que você está dizendo? Eu o deixei bem. Voltei para o hotel e...

- Calma, meu amigo. Está tudo bem. Você deixou seus telefones e endereços na casa de Dobs, chamou um táxi de lá, foi visto na calçada, lendo alguma coisa e depois embarcando no carro. Somente depois disso é que alguém ouviu o tiro e foi até ao apartamento de Dobs e o encontrou morto ou morrendo. Claro que se você houvesse atirado nele, não deixaria seu endereço num bloco de notas, nem chamaria um táxi dali mesmo, nem ficaria na calçada esperando ser visto depois do crime. Falei com meus amigos do Distrito Policial de Jacksonville e dei sua ficha a eles. Expliquei que sabia aonde você iria e o que iria fazer. Limpei sua barra e eles podem encontrar você a qualquer momento, portanto, não há com que se preocupar, a não ser com o fato de que alguém matou Dobs pensando que ele ainda não tivesse falado com você, ou tentando incriminá-lo.

- Pouca gente sabia aonde eu ia. Por favor, me dê o telefone do Distrito de Jacksonville e o nome do encarregado da investigação da morte de Dobs. Quero me colocar à disposição dele caso precise de mim.

Trenton anotou as informações e as passou a Michael. Perguntou a ele se havia conseguido algo, mas obteve resposta negativa.

Michael retornou ao seu escritório, ainda pensando no que havia acontecido. Chegou à conclusão de que a Irmandade Saigon havia acabado com a morte de Caldwel, agora, o psicopata estava eliminando aqueles que poderiam pôr em risco o que fizera e Dobs era um deles. Provavelmente, mataria outros. Mas apenas aqueles que tinham real conhecimento das ações da Irmandade e quem era seu mentor. Tudo parecia confuso, mas ele tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde a pista principal lhe cairia nas mãos, com a resposta a todas as suas perguntas.

CAPÍTULO XII

PISTAS

Michael saiu com Judith para jantar, mas era impossível que não conversassem sobre o crime e as investigações. Judith contou como conheceu Caldwel, sobre o casamento e depois a separação sem traumas, apenas um afastamento, quando os dois permaneceram amigos. Michael falou de seu passado, de como chegou a servir ao Exército e como se preparou para a vida civil, para onde retornou quando se sentiu em condições de ter seu próprio escritório de investigações. A família de Michael era tradicional e rica, por isso ele nunca teve problemas financeiros, mas atualmente e por muito tempo, já vivia dos seus próprios meios. Bastante conceituado, respeitado e com amigos nas Forças Armadas e na polícia local, sempre obtinha êxito nas investigações que realizava. Da mesma forma, dezenas de vezes auxiliou a polícia indo aonde ela não podia ir, por problemas de jurisdição. Fez e manteve amigos com os quais sempre podia contar, como era o caso de Trenton, a quem conhecia há mais de dez anos. Contou tudo isso a Judith com certo orgulho, pois não queria que ela o imaginasse um pobre coitado, vivendo mal, comendo mal e ganhando pouco. Essa não era a realidade de Michael.

Depois de muitas trocas de palavras carinhosas e sinceras, Judith quis saber como estavam as coisas e o que Michael poderia lhe contar. E como forma de reavivar na memória os dados que possuía, ele foi lhe contando o que sabia, o que Caldwel havia apurado e finalmente, a conclusão até o momento:

- Na verdade tudo começou no longínquo Vietnam, na década de 70 onde, numa base denominada Charlie, havia um comandante, chamado Coronel Kurt. Esse Coronel teve que conviver, contra sua vontade, com o contrabando de pedras preciosas, armas e entorpecentes de todo tipo, para os Estados Unidos. Havia na época uma conivência total de todos os envolvidos: Comandantes de Companhia, Oficiais subalternos, Sargentos e praças. Também eram coniventes os pilotos dos aviões que chegavam e saíam da Base. Havia também os contatos no destino final do contrabando, bem como uma infindável variedade de modalidades de contrabando, com trucagens de todo tipo para esconder a mercadoria. Kurt sofria muito com isso e viu ainda muitos militares serem mortos ou feridos gravemente, pelos próprios companheiros, só que em algumas ocasiões, isso era feito de forma proposital, para eliminar concorrências, tomar pontos de contato com os vietnamitas ou com os vietcongs. Isso mesmo, havia intensa comercialização de drogas e diamantes entre os militares e os congs.

- Michael, isso é incrível – assustou-se Judith.

- Mas é verdade. Há dezenas de depoimentos confirmando tudo isso. E adivinha quem era o maior contrabandista da Base Charlie?

- Não faço ideia.

- Seu ex-marido, o então Capitão Caldwel. Chegou à Base demonstrando toda dignidade possível a um Oficial, mas rapidamente foi envolvido pelos outros e acabou assumindo toda a operação realizada na Base. Era ousado, audacioso e de uma ganância sem par. O Capitão Caldwel chegou ao ponto de alterar a estrutura dos aviões para que nos seus mecanismos pudesse ocultar material, como diamantes ou tóxicos. Os pilotos muitas vezes chegavam à Base desarmados, voltando com uma arma na cintura, como se fosse a sua. Era contrabando. Armas eram constantemente “perdidas” durante as patrulhas e Kurt era obrigado a pedir novas armas, embora soubesse que tais armas estavam escondidas ou já haviam sido entregues aos congs em troca de pedras, ou pó.

Michael olhou carinhosamente para Judith, que o olhava da mesma forma:

- Estou entediando você com essas histórias, não? Vamos mudar de assunto?

- Não, conta mais. Gosto de ouvir sua voz – sorriu para ele.

Michael continuou:

- Quando Caldwel sentiu que tinha arrancado o suficiente daquela guerra, começou a mexer os pauzinhos até que conseguiu sua transferência para cá. Aguardou tranquilo até que suas promoções fossem saindo e quando chegou a Coronel, pediu baixa. Tinha o tempo necessário para sua passagem para a Reserva do Exército, portanto, aí também nada perdeu. Caldwel chegou aqui e usando você depois e o irmão primeiro, construiu o império que agora é seu. É por isso que muita coisa dele foi colocada em seu nome.

- Ele me dizia que o objetivo era diminuir a carga fiscal... mas eu não sabia que havia algo de desonesto nisso.

* Na verdade não havia. A desonestidade era o modo como as

coisas haviam sido obtidas, não no modo como eram administradas. Mas Caldwel conseguiu através dos escritórios de Donner que tudo aparecesse de forma nebulosa a qualquer observador menos atento. E havia o grosso suborno aos fiscais que o procuravam. Afinal, não estamos na época de Elliot Ness, não é?

Judith riu. Seus dentes alvos eram uma visão deliciosa, emoldurados que estavam por lábios claros, perfeitos, sedutores. Os olhos eram uma promessa. Michael esperava vê-los bem de perto, mais tarde.

- Assim, Caldwel fez render sua fortuna e a vida seguiu tranquila. Bem antes disso, em outro ponto do país, o coronel Kurt era levado à corte marcial, para dor e sofrimento de seu filho, por sua conduta no Vietnam, na Base Charlie. Kurt carregou nos ombros a culpa de todos, principalmente de Caldwel. Ele não possuía qualquer prova contra o subordinado, por isso, não podia acusar Caldwel. Julgado, não foi condenado à prisão, por que não ficaria bem ante a opinião pública. Deu-se tanto quanto possível o mínimo de divulgação à realização da corte marcial, e ao final dela, Kurt foi punido, mas não condenado. Isso durou alguns meses, com marchas e contramarchas, e depois Kurt foi lançado ao ostracismo. O homem acabou se suicidando, de vergonha. Imagino como seu filho deve ter ficado...

Michael parou de falar. O filho de Kurt. A quem ele odiava mais que todos? Caldwel. Só podia ser ele o criador da Irmandade. O filho de Kurt. O cérebro por trás da Irmandade. O homem que depois de tantos anos, fizera valer sua vingança, quem sabe uma promessa ao pai, de eliminar o causador de sua desgraça? O filho de Kurt era a escolha certa para ter como suspeito. Dobs o conhecia, ele dissera: “o filho de Kurt, um Tenente ruivo...” para logo depois dizer que não conhecia o filho de Kurt. Ele mentira porque conhecia o homem. E por isso foi morto! Pois se Dobs podia identificá-lo para Michael, era porque Michael o conhecia. Senão, não faria sentido esconder isso. Michael o conhecia! Só precisava saber quem era a pessoa. E isso seria descoberto numa visita à última Unidade onde servira ou descobrindo onde residira pela última vez, ou procurando sua viúva. Seu escritório faria isso rapidamente. Estava chegando lá.

- Michael...

Santo Deus! Esquecera de Judith. Perdido nos seus pensamentos, parara de falar e ficara pensando. Judith sorria para ele:

- Esqueceu de mim ou se lembrou de algo mais importante?

- Judith, por favor, me perdoe. Creio que enquanto conversava com você, uma pista caiu no meu colo.

Ambos riram e continuaram a jantar. A noite estava agradável, parara de nevar e bem agasalhados, num restaurante aconchegante, Michael saboreava o prazer da companhia da linda mulher e o da descoberta de que estava no caminho certo, para achar o criminoso.

E a noite terminou como queriam ambos, ele a levou até a mansão, onde ela morava por enquanto, e o convidou para um último drink. No hall, Michael notou que o assoalho era todo em grosso carpete e quando Judith pediu licença e subiu para colocar uma roupa mais confortável, ele notou que as escadas eram todas forradas também de carpete.

Uma ideia tomava forma em sua cabeça. Ele podia ver o que acontecera. Os personagens ainda estavam envoltos numa bruma, mas ele podia divisar suas figuras se movendo e viu o que faziam. E como faziam. Se isso fosse realmente possível, ele já sabia como Caldwel havia sido morto. E não foi do modo que Trenton descrevera. Deduziu isso ao ver que o assoalho da casa era de carpete grosso.

Judith voltou e tornaram a se sentar. Judith então perguntou a Michael o que ele queria fazer. Queria continuar falando sobre as investigações? Michael a puxou para si e se beijaram. Subiram abraçados para o quarto dela e ela não o decepcionou. Passaram juntos a noite, embora Michael pretendesse a princípio retornar depois de deixá-la. Não conseguiu. Os olhos dela, seus cabelos, seu sorriso maravilhoso, o prendiam irremediavelmente. E ele se sentia muito bem nessa prisão.

Tomaram o café da manhã, providenciado por Nelson, no jardim. A neve ainda podia ser vista sobre os galhos das árvores e sobre os arbustos, mas o sol já se insinuava por entre as poucas nuvens, no prelúdio de um dia esplendoroso. Era preciso reunir toda a força de vontade para voltar ao trabalho. Mas era preciso. Durante algum tempo, se distraiu olhando para o mordomo, e este ficou um pouco confuso com esse olhar insistente. Michael sabia porque estava olhando tanto para Nelson. Sentiu-se brilhante com seu raciocínio lógico, quase matemático, da situação. Não obstante, tudo que pensava fazia sentido, explicava muita coisa.

Não precisaria procurar os antigos colegas de Caldwel. Procurara o único que realmente sabia algo, por isso fora morto. Os outros formavam uma cortina de fumaça. As visitas de Caldwel aos antigos colegas da Base Charlie foram apenas um passeio, o homem que ele procurava estava aqui, perto dele.

Olhou para Judith e desejou que no natal que se aproximava, ela estivesse com ele, trocariam presentes e passariam a noite juntos. Seria muito bom. Ela também o olhava e os dois pareciam distantes do mundo.

Naquele mesmo dia, mais tarde, Michael ligou para Trenton e o convidou para almoçar. Trenton aceitou e sabia que Michael tinha algo para ele, geralmente era assim que funcionava a parceria. Eles se encontravam e trocavam informações, geralmente levando à solução do caso em que um dos dois estivesse trabalhando. Pegou Trenton no Distrito e foram para o Hurley’s Club, onde costumavam almoçar sem muita confusão. Eram quase duas da tarde.

Depois de se sentarem, pediram o cardápio e Trenton, sempre previsível, pediu costeletas de carneiro. Michael, faminto depois de uma noite agitada, comeria um assado. Trenton estava ansioso e não demorou a perguntar a Michael quais eram as novas.

- Sua dedução de como ocorreu o crime de Caldwel tem algumas incorreções sob o aspecto lógico.

- Certo. Então antes que você me diga como foi, ou podia ter sido, aponte as incorreções.

- Creio que se alguém pretende cometer um assassinato. Deve pelo menos levar o instrumento com o qual vai agir. Ninguém se dirige a um muro com intenção de saltar sobre ele, sem saber o que o espera do outro lado: cães, plantas espinhosas, homens da segurança, obstáculos de toda espécie, como pequenos lagos, ou edificações entre o muro e a casa. Mas vamos supor que ele conhecesse o lugar. Ainda assim, teria que saber onde achar uma escada, a qual pudesse erguer, teria que saber onde dormia Caldwel e a certeza de não seria interceptado no caminho.

- Puxa, Michael...

- Entretanto, o que me chamou mais a atenção foi o fato de que o assassino não levou a arma do crime. Como se ele tivesse se resolvido a matar o Coronel apenas depois de encontrá-lo o que não é aceitável, já que ele entrou de forma furtiva no quarto do homem.

- Tudo isso faz sentido, entretanto, não vejo outro modo de alguém entrar e cometer o crime, depois sumir misteriosamente, sem que fosse pelo modo como descrevi. Lá estão as marcas no muro, mostrando que alguém pulou por ali...

- Ou foram marcas feitas para que pensássemos isso?

- Sim, é possível. – chamou o garçom. – por favor, quero estas costeletas mais tostadas, sim? – detesto costeletas brancas, sem vida... mas, eu dizia, lá estava a escada na posição correta para alcançar o quarto do Coronel, a ferramenta de jardim, são indícios fortes que mostram que o assassino pegou a arma no quintal da casa, não?

- Talvez o assassino quisesse que pensássemos assim.

- Michael, quem matou Caldwel? E como?

E Michael contou a Trenton a conclusão a que chegara. Tinha uma certeza quase absoluta sobre quem e como o crime fora cometido, mas era preciso provar. Era preciso encurralar o criminoso, fazê-lo contar tudo. E isso precisava ser feito com método, para que não ocorresse um erro, que o livrasse das suspeitas. A ele ou eles... Michael pediu a Trenton ordens judiciais para investigações e buscas que precisavam ser feitas e este prometeu providenciar no dia seguinte.

Trenton devorava as costeletas com enorme disposição e conversou com Michael sobre como fariam e o que fariam, para colocar o criminoso contra a parede. Apontar, acusar, provar. Seria difícil, mas era possível fazer o que propunha Michael, entretanto, era preciso primeiro confirmar as suspeitas dele com relação à identidade do criminoso, onde estava naquele momento e como colocá-lo na cena e na hora do crime.

Terminado o jantar, ambos tomaram café e saíram para a tarde fria de Boston. De sobretudo e com mãos enluvadas, Michael levou seu carro até o Distrito Policial onde deixou Trenton, depois, seguiu para seu escritório e verificou se as investigações que pedira pela manhã, tinham dado em algum ponto interessante. Tinham. Seus eficientes funcionários fizeram rápidos levantamentos nos assentamentos do Coronel Kurt, através de amigos no Exército e conseguiram dessa forma, apurar quase tudo que houve com ele, sua volta do Vietnam, sua corte marcial, o ostracismo a que foi relegado e finalmente seu suicídio. Sua esposa morrera e o filho saíra da Força para a vida civil, mas não seria difícil encontrá-lo, pelo número do seguro social, pelo número da carteira de motorista, coisas assim. Era apenas uma questão de tempo.

CAPÍTULO XVIII

O FILHO DE KURT

Mais dois dias se passaram e os homens de Michael finalmente lhe trouxeram boas notícias. Tinham os dados sobre o filho de Kurt. Michael estava ansioso. Pediu que relatassem tudo.

- Michael, a história é a seguinte: nós conferimos, como sempre, todas as fontes e duplicamos os meios de pesquisa. Desse modo, cada informação tem uma confirmação de pessoa ou documento. Podíamos levar isso a um tribunal e teríamos um caso. O Coronel Kurt Brannagh Stevens serviu no Vietnam de 1972 a 1973, quando os homens começaram a ser evacuados de volta para o país. Mas como a importância da guerra terminara, os tribunais resolveram mostrar serviço, julgando e condenando alguns militares. Os de baixa patente tiveram julgamento público e foram condenados a penas suaves, como uma satisfação ao povo americano. Os de posto mais elevado tiveram julgamento secreto, ou sequer foram julgados. Mas quando as denúncias eram graves e extensas, era preciso que houvesse algum tipo de sanção disciplinar, um corretivo qualquer. No caso de Kurt as denúncias eram de omissão, falta de comando, quebra de hierarquia, não cumprimento de ordens expressas (não confraternizar com os nativos – não comprovadamente inimigos) e contrabando, sendo que neste último item Kurt aparecia como conivente, agente passivo de ação criminosa. Seus advogados suaram a camisa para manter Kurt acima das acusações e por isso, ele sequer foi condenado, entretanto, restou a vergonha das acusações. Pelas acusações, somadas, tivessem os juízes obtido uma comprovação delas, Kurt pegaria perpétua. Por sorte ou benevolência (a guerra acabou, deixa prá lá...), Kurt se safou da condenação, mas foi relegado a postos cada vez mais não condizentes com sua situação de Coronel e de ex-combatente do Vietnam.

Michael ouvia atento essa história da glória e derrota de um homem. Lutara e sobrevivera à guerra do Vietnam e agora seus compatriotas o massacravam e por algo que ele não fizera, efetivamente. Apenas deixara acontecer. Não foram levadas em consideração as condições das bases do Vietnam nem as condições da tropa, em farrapos. Sequer se levou em consideração que Kurt nada poderia fazer contra o que acontecia em todas as bases. Seria um homem contra todos. Todos armados. Hierarquia? Quando um Capitão e um Soldado têm que se esconder no mesmo buraco, até que um grupo de congs passe? Ambos com medo? Não tiveram pena de Kurt, isso é certo, porque nenhum deles havia estado lá, não sabiam como tinha sido e se alguém dissesse como era, eles duvidariam. O auxiliar de Michael continuou a ler o relatório:

- Em 1977 finalmente, com a morte da esposa, Kurt não resistiu à solidão imposta pelos colegas de farda, ao isolamento a que ficou restrito e à vergonha de ter um filho Oficial, a quem não podia olhar nos olhos. Suicidou-se. Dizem que deixou extensa carta ao filho, contando tudo que aconteceu no Vietnam, relacionando os culpados por sua desgraça e os motivos de ter se matado. Mas essa parte, da carta, não confirmamos ainda.

- Muito bom. Agora eu quero saber o que temos sobre o filho dele. O que temos?

- Muito bem, vejamos. Ah, sim, está aqui. O filho de Kurt se chamava Daniel.

- Nome completo, por favor – insistiu Michael.

- Daniel Brannagh Stevens. Doutor Stevens, para ser mais exato. O rapaz nasceu em 1956, fez Academia militar e em 1976 já era 2o. Tenente. Em 1977 foi promovido a 1o Tenente e nesse ano seu pai se matou e ele abandonou o Exército. Terminou a Universidade e se bacharelou em direito. Exerceu durante mais de vinte anos a profissão e ultimamente tem trabalhado pouco, pois presta apenas alguma ajuda ao escritório de Donner. É muito competente segundo me disse Donner. Mas usa outro nome, ainda não sabemos por quê. Seu nome na firma de Donner é apenas Joe Stevens. Não demos informação alguma a Donner, porque não sabíamos o quanto poderia interferir em nossa investigação, por isso, até que você lhe conte, Donner pensará que Joe é Joe e não Daniel. Segundo ouvimos, sem confirmação ainda, o maior desafeto de Kurt era justamente Caldwel. Foi por acobertá-lo que sua vida militar naufragou e ele se matou. Há uma informação muito importante, relevante, sobre Daniel Stevens. Ele se internou várias vezes em clínicas psiquiátricas e segundo apuramos, teve conversas com o Cap Dobs, cujo nome aparece em nosso relatório

anterior para o Coronel Caldwel, enquanto internado. A troca de nome foi, provavelmente, para evitar que sua atuação como advogado pudesse ser posta em dúvida. Afinal um louco defendendo alguém num tribunal não é coisa que se queira. Mas ele não faz nada de estranho. Tem hábitos normais onde vive e os vizinhos não têm queixas dele. Mora numa casa ampla, com belos jardins e é sempre visto cuidando de suas plantas, nos fins de semana.

- Bom trabalho, amigos.

- Que nada, estamos lhe devendo pelo menos três confirmações: sobre a carta que Kurt teria deixado para o filho, sobre a mudança do nome de Daniel e sobre se Caldwel era realmente o maior desafeto de Kurt. Ainda podemos apurar isso, mas levaremos um pouco mais de tempo.

- Creio que não vai ser necessário. Tenho os dados de que preciso. Jill, ligue para Trenton, preciso falar com ele agora. – a secretária se apressou a fazer a ligação. Falando com Trenton, Michael contou tudo que obtivera e o amigo ficou pasmo com as informações. Então o assassino fora Daniel... mas, como ele fez isso? Foi ele quem atendeu ao Coronel, quando este foi atingido e caiu mortalmente ferido. Como?

- Trenton, já lhe adiantei muita coisa. Agora preciso de um tempo para armar algo para o maldito vingador. Providencie as autorizações judiciais que lhe pedi, para algumas buscas, por favor - e o policial o informou que tudo já havia sido providenciado.

Desligou o telefone e se trancou no seu escritório. Mentalmente resumiu todo o caso: Kurt fora prejudicado por Caldwel. Sua situação o levou ao suicídio. Seu filho recebe uma

carta dele contando tudo que Caldwel fizera e pedindo vingança ao filho. Este abandona o Exército, se forma em direito e com o histórico clínico dele, planeja uma vingança a longo prazo. No hospital, ainda como Tenente, tem com Dobs a confirmação de que seu pai foi levado à corte pelo que Caldwel fizera no Vietnam. A carta perde importância, ou é confirmada pelo que lhe conta Dobs. A vingança não teria graça se ele não maltratasse a vítima antes de matá-la. Por isso, Daniel espera. Dez, vinte anos. Então, relendo a carta do pai, lembrando o que lhe contou Dobs, resolve que é chegado o momento. Provavelmente tinha afastado da cabeça essa ideia de vingar o pai, mas seu estado mental trouxe de volta o problema. Ele sentia que devia isso ao pai, mas queria fazer isso de forma teatral, primeiro assustar e depois matar e ficar impune. Por isso criou a fictícia Irmandade Saigon, sim porque essa sociedade secreta nunca existiu na verdade, fora apenas uma ideia plantada por ele e da qual Dobs tinha conhecimento. Apenas ele era a sociedade. Não havia outros envolvidos. Ele cometera os crimes, para encobrir talvez o principal objetivo: Caldwel. Quem mais sabia que a sociedade não existia: Dobs. Sim, Dobs. O homem era louco e o fato de ter se encontrado com Daniel pelos corredores do hospital psiquiátrico e ter falado demais, se tornou um perigo à segurança de Daniel. Falou sobre Kurt e ao saber que Daniel era filho dele, contou sobre o que havia ocorrido entre Caldwel e o Comandante. Quando os boatos da Irmandade surgiram, ele logo fez a ligação. Conhecia Kurt, sabia e chegara a participar do início de sua corte marcial, conhecia o filho de Kurt, sabia que era um doente mental, como ele, só que com instintos homicidas. Sabia que Kurt odiava Caldwel, e que esse ódio passara para o filho demente. Sabia demais e por isso morreu.

O mais difícil era provar o envolvimento de Stevens e talvez o simples susto da acusação, o fizesse confessar. Mas seu cúmplice precisava ser colocado em idêntica situação. Segundo deduzira Michael, o assassino conhecera seu cúmplice há algum tempo, no escritório de Donner e se chegara a ele, vendo que ambos tinham interesse comum: destruir Caldwel. O planejamento fora de Daniel, seguido pelo cúmplice, sem o qual não conseguiria seu intento. Devem ter ensaiado dezenas de vezes o que fariam e quando fariam. E quase deu certo. Mas acontece que Michael tinha alguns trunfos, que apenas ele conhecia. Ele os poria na mesa no momento certo.

Reunir os envolvidos e jogar suas cartas. Era o que precisava fazer. E faria.

CAPÍTULO XIX

EXPONDO OS CRIMINOSOS



Almoçou com Judith e conversou demoradamente com ela sobre o que havia descoberto acerca de Caldwel. Falou de suas suspeitas, mas não disse tudo que sabia. Apenas quis dela a autorização para reunir algumas pessoas na sua casa, no dia seguinte. Ela concordou, mas quis saber por que e, sobretudo, queria participar do que fosse ocorrer. Michael explicou que precisava detalhar alguns depoimentos e precisava que isso fosse feito na mansão, para ele ter como demonstrar o que concluíra. Quanto à presença dela, não havia problemas, afinal, ela estava em sua própria casa.

O dia seguinte era uma quinta-feira fria, enevoada, e todos estavam bem agasalhados. Os primeiros a chegar foram Trenton e seu auxiliar “Duffi”, o rechonchudo auxiliar do policial. Logo chegaram os advogados Donner, seu filho e sócio James e Stevens. Na sala esperavam Judith e Michael, sempre conversando animadamente. Michael pediu a todos que se sentassem e Judith mandou que Nelson servisse a todos uma bebida. Michael conversou rapidamente com Donner. Da cozinha vieram Mary, a copeira, Lopez, o cozinheiro e Elma, sua auxiliar. Todos foram convidados a sentar e quando Nelson trouxe as bebidas, Michael lhe pediu que se sentasse também.

Judith olhou para Michael, pois não entendera o pedido dele. O que Nelson tinha a ver com a história? Nelson olhou para a patroa e se sentou, timidamente. Enquanto tudo isso ocorria, Stevens conversava animadamente com James, seu colega de escritório e filho de Donner. Todos pareciam animados, com exceção de Nelson, que parecia pouco à vontade no meio de toda aquela gente. Trenton começou dizendo que cometera um erro na sua avaliação do modo como o crime fora cometido. Informou que Michael, numa investigação independente, colhera novos e surpreendentes dados sobre o fato e ele os exporia a todos os presentes, de um ou de outro modo, interessados ou que participaram do que houve.

Michael se levantou dando lugar a Trenton, pediu a “Duffi” que fizesse o exame que lhe pedira. “Duffi” subiu pesadamente a escadaria para o andar superior. Ninguém entendia nada do que pretendia Michael.

- Quando a polícia esteve aqui naquele fatídico domingo, fez um levantamento rápido da área, verificou as possibilidades e aparentemente, a coisa teria se dado daquela forma, entretanto, depois de um exame mais apurado feito por mim, no mesmo dia, descobri detalhes importantes que podem nos levar a outras conclusões.

Michael fitou a todos demoradamente e no silêncio que se seguiu, deu um sorriso:

- Ouviram algo?

Todos responderam que não.

- Eu também não ouvi nada. Mas continuemos.

Judith era a mais confusa. O que Michael dizia parecia sem sentido. O que eles poderiam ter ouvido? Um tiro? Um grito?

Michael parou, colocou a mão num dos ouvidos e perguntou:

- Ouviram algo agora?

Novamente todos responderam negativamente. O que queria o detetive, afinal?

Então ele começou finalmente a falar.

- Como eu dizia, naquele fatídico domingo houve aqui um crime. As evidências apresentadas pela equipe policial esbarraram em algumas circunstâncias que nos levaram a imaginar que o assassino utilizou a escada de madeira, encostada à casa, para chegar ao quarto do Coronel. Se nos lembramos bem, naquela noite nevou e as poucas marcas encontradas pela polícia no muro, estavam meio encobertas por essa neve. Ora se alguém entrou por ali de manhã, suas marcas ficariam acima da neve, nunca meio encobertas por ela. O assassino convenientemente encontrou uma escada de madeira que utilizou para chegar ao quarto do Coronel. Outro erro, aliás, dois: primeiro, havia neve na escada, portanto, ela estava ali desde a noite anterior, não fora colocada pelo assassino para chegar ao quarto do Coronel. Segundo: o quarto degrau está solto, não suportaria o peso de um homem. Quem colocou a escada quis dar essa ideia, mas não previu a neve que cairia durante a noite e não verificou se a escada estava em boas condições. Eu fiz isso. Portanto, podemos concluir que o assassino não pulou o muro, a não ser que o tenha feito na noite anterior e aguardou no jardim até o dia seguinte. Mas teria que estar bem agasalhado, pois não há proteção em torno da casa, que não seja visível do interior casa. Ele poderia se proteger do frio, mas não da visão dos outros. Além disso, se não utilizou a escada e pretendia fazê-lo, o Coronel estaria vivo. Ou havia mais de um assassino, entrando por outro lugar? A escada não foi utilizada. Embora a polícia tenha achado indícios da entrada de alguém, pulando o muro. Não procurou e se procurasse não acharia, indícios de uma pessoa saindo por sobre o muro. Há um ressalto na parte interna, naquele local, que certamente seria utilizado para alcançar o topo do muro. Ali não achei marcas. O assassino teria saído pelo portão principal? Por que não saiu por onde entrou?

Michael olhou novamente para todos.

- O que temos? O assassino não usou o muro para chegar à casa. O assassino não usou a escada de madeira para chegar ao quarto do Coronel. E o assassino não saiu por onde poderia ter entrado. Estaria ele aqui dentro o tempo todo?

- Mas só nós estávamos aqui – se apressou a falar o cozinheiro Lopez.

- Não fomos nós – completou Mary. – não faríamos isso.

- Mas só pode ter sido alguém que já estava aqui dentro. Concordam?

Todos se olharam. Donner estava um pouco confuso, pois não entendia a razão de sua presença ali. Seu filho também. “Duffi” descia a escada e fez um sinal para Michael, que continuou:

- Creio que ninguém discorda disso. Esclarecido que o assassino não passou pelo muro e não chegou ao quarto pela escada de madeira, concluímos que o assassino estava aqui na casa no dia do crime e acredito que esteja nesta sala.

- Isso é uma tolice. – ponderou Stevens – nós corremos em auxílio do Coronel. O encontramos morto. O que você está dizendo é uma tolice. Uma tolice.

- Será? – completou Michael. Então vamos reconstituir o que ocorreu aqui naquele dia.

Todos se acomodaram melhor nas poltronas. Sem, dúvida o que viria a seguir era muito importante. Todos os presentes tinham de algum modo relação com o Coronel Caldwel. Havia relações de empregados versus patrão, relações de advogados e clientes e ainda relações ex-esposa com ex-marido. Sem contar que Nelson entrava em duas categorias: empregado e amigo antigo. Michael iniciou:

- Naquele domingo, por volta das 0900 horas da manhã, o Dr. Stevens tocou a campainha da mansão. Como não o atenderam, tocou mais três vezes. Foram quatro toques de campainha até que alguém viesse atender a porta. Conversei com Mary a respeito disso. Nelson, você poderia nos dizer por que a demora em atender à porta?

- Eu... creio que estava ocupado.

- Fazendo exatamente o que?

- Não me lembro.

- Ora, faça um esforço. O Dr. Stevens tocou quatro vezes. O que o impedia de atender à porta?

Donner:

- Mas que importância teria o fato dele demorar a atender a porta? O que isso tem a ver com o assassinato?

Michael o ignorou:

- Você estava ocupado, Nelson. Então me diga o que fazia naquela hora, que o impediu de abrir a porta logo que ouviu o toque.

- Eu estava arrumando umas coisas, não lembro bem. Custei a ouvir a campainha. Mas quando ouvi, atendi.

- Nelson, ou nós ouvimos ou não ouvimos. Se você não ouviu o primeiro toque, por que ouviria o último? Não há diferença de tonalidade entre os toques, você não estava se movimentando pela casa, portanto, se ouviu o primeiro, ouviu o último. Ou não ouviu nenhum deles. O que me diz?

- O senhor está me confundindo. Eu atendi a porta, não foi? Portanto, o que mais o senhor quer saber?

- Você não teria um motivo para se demorar a abrir a porta? Procure se lembrar. Você não devia abrir ao primeiro toque, nem ao segundo, não é?

- Não sei do que o senhor está falando...

- De qualquer modo, quando Nelson veio atender à porta, Mary já estava próxima a ela, tanto assim que pegou o sobretudo do Dr. Stevens. Mas ele permaneceu com sua pasta na mão, não foi, Mary?

- Sim senhor, foi nessa hora que ouvimos o barulho lá em cima.

- Ouvimos? Quem ouviu? – Insistiu Michael.

- Bem, eu não ouvi, mas o Dr. Stevens e Nelson ouviram e olharam para cima, saindo em direção à escada. Eles acharam que o barulho viera do quarto do Coronel.

- E você o que achou?

- Eu não ouvi nenhum barulho, por isso não achei nada. Apenas segui os dois escada acima.

- Até aonde você os seguiu?

- O Dr. Stevens me pediu que chamasse alguém. Aí fui à cozinha e chamei Lopez e Elma. E nós três subimos juntos.

- Dr. Stevens, pode me dizer o que ouviu?

- Eu e Nelson ouvimos o ruído de um corpo caindo. Então corremos escada acima. Pedi a Mary que chamasse alguém.

- Não entendi. Por que chamar mais alguém?

- Bem, na hora achei que era bom ter outras pessoas para ajudar.

- Mas o senhor não sabia o que havia ocorrido. Por que precisava de mais gente? Não teria sido mais lógico deixar que Mary os acompanhasse e se fosse necessário, usá-la para chamar os outros? O senhor não teria se antecipado?

- Sim, talvez, mas não pensei nisso.

- E por que, na sua opinião, Mary nada ouviu? Apenas o senhor e Nelson?

- Isso eu não sei lhe dizer...

- Será que houve realmente algum barulho? Será que o senhor e Nelson realmente ouviram algo?

- Claro que ouvimos – interpelou Nelson.

- Durante nossa conversa, perguntei a todos se tinham ouvido algo. Todos responderam que não. Que nada tinham ouvido. Mas nosso amigo “Duffi” estava lá em cima, no quarto do Coronel. Ele pesa cerca de 120 quilos. “Duffi”, pode nos dizer o que fez no quarto do Coronel?

- Sim, claro. Entrei no quarto, fechei a porta e caí no chão. Esperei alguns instantes e caí de novo, mas antes, abri a porta. Então retornei para cá.

- Mas ninguém ouviu sua queda.

- Mas me joguei com força ao solo do quarto, sobre o carpete.

- Nelson, você ouviu o corpo do Coronel caindo ao solo? Tem certeza disso?

- Bem, ouvi, mas o Dr. Stevens deve ter ouvido melhor...

- Ora, Nelson, não seja tolo – ambos ouvimos – corrigiu o Dr. Stevens.

- Dr. Stevens, quando o senhor subiu as escadas levou sua pasta?

- Não me lembro, realmente.

- Ele levou a pasta com ele quando subiu as escadas – Mary reavivou a memória de Stevens.

- É, tem razão, levei a pasta comigo. Não tive tempo de deixá-la em algum lugar.

- Entendo – Michael continuou – o senhor tirou o sobretudo e entregou a Mary, mas continuou com a pasta na mão. Não teria sido mais fácil entregar a pasta e só depois tirar o sobretudo, em vez de ficar trocando a pasta de mãos enquanto tirava o agasalho?

- Ora... não sei. Não sei como as coisas se passaram realmente.

- Mas como não? Sabemos que o senhor tirou o sobretudo, entregou-o a Mary, mas não fez o mesmo com a pasta.

- É que na pasta havia documentos que eu deveria mostrar ao Coronel Caldwel. É isso.

- Mas o Coronel Caldwel não desceria do seu quarto para ver esses documentos? Então eles poderiam ter ficado na sala de entrada, não é? Ou o senhor preferiu subir com a pasta?

E continuou:

- Talvez houvesse nela algo que Nelson pudesse precisar ao chegar ao quarto do patrão – e virando-se para Nelson – Não foi isso Nelson? O que havia na pasta do Dr. Stevens e que você precisou ao chegar ao quarto do Coronel?

- Não. Eu não toquei na pasta de Stevens.

- Dr. Stevens, você quer dizer.

- Sim, claro, desculpe. Não toquei na pasta do Dr. Stevens.

- Então não foi você.

- Não. Não fui eu.

- Mas então... foi o Dr. Stevens, não é assim?

Stevens sentiu que as coisas iam mal:

- Sr Michael, se tem algo contra mim ou Nelson, fale logo. Se não tem, acabemos com essa conversa comprida.

- Sim, Dr. Stevens, acabemos com isso. Primeiro eu demonstrei que Nelson não tinha uma razão aceitável para não abrir a porta de imediato. Era porque você, Dr. Stevens, e você, Nelson, precisavam de uma testemunha que os visse subindo ao quarto do Coronel Caldwel. Só que a testemunha não podia acompanhá-los até lá. Vocês deveriam chegar lá sozinhos. Nelson distraiu o Coronel, colocando-o de costas e você Dr. Stevens, ou melhor, Daniel Brannagh Stevens, o golpeou com a pequena picareta que levava na pasta. Mary, nesse momento, estava na cozinha chamando o cozinheiro e a outra empregada, Elma. Quando os três subiram, o Coronel já estava caído no carpete, sangrando pela nuca e você, abaixado ao lado do corpo, fingindo que tomava seu pulso. Enquanto o corpo do Coronel caía ao solo, Nelson correu até a janela e a abriu, para dar a impressão de que alguém entrara por ali, subindo pela escada que ele, Nelson, havia colocado na noite anterior ao crime, do mesmo modo que fez marcas no muro. Mas esqueceu que a neve cobriria em parte as marcas e de verificar a escada de madeira, que estava com um dos degraus quebrados.

- Você jamais poderá provar nada disso – alarmou-se Stevens.

- Mais um engano seu. Investigamos você e sabemos que tem em casa um jardim, do qual cuida pessoalmente. Foi lá que você pensou em usar aquela pequena picareta contra o Coronel. Só que a ferramenta faz parte de um conjunto comprado algum tempo atrás por você. E quando verificamos sua garagem, com ordem judicial, descobrimos o conjunto de ferramentas e adivinha qual estava faltando?

- Qualquer um poderia ter um conjunto igual. Qualquer lugar vende essas ferramentas. Isso não prova...

- Prova sim. A ferramenta que você usou estava suja de terra e fertilizante, que foram comparados com os de seu jardim. São os mesmos. Aliás, sua pasta tem restos do mesmo tipo de terra. Você esqueceu-se de limpar a ferramenta antes de pô-la na pasta. Esqueceu-se que ela estava suja quando a usou contra o Coronel, preocupado apenas em cometer seu crime usando luvas, no que o frio daquele domingo ajudou. Não creio que você possa continuar negando. São evidências demais, e sendo você um advogado, dos bons, sabe que elas valem tanto quanto provas. Além disso. Nelson não matou, portanto, vai depor contra você, pois não é idiota de se confessar seu cúmplice, podendo ser indiciado como omisso, uma simples testemunha, que pode alegar que nada sabia e que você o ameaçou de morte se falasse algo. Não é assim Nelson?

- Sim. Foi tudo ideia dele – saltou Nelson.

- Cale-se idiota. Ele não tem nada. – Stevens tentava conter a enxurrada de confissões que Nelson se preparava para fazer.

Mas era tarde. Michael pegara Stevens através de Nelson. Tinha provas circunstanciais e talvez com elas Stevens se safasse, mas Nelson não sabia disso e nem se arriscaria. O detetive descrevera perfeitamente tudo que fizeram no dia do crime. Como negar? Nelson não tinha experiência nem inteligência para saber que bastava deixar a Michael o ônus da prova e estaria salvo.

- Cale-se você, Stevens. Não vou cair junto com você. Foi tudo ideia sua. Foi você que me abordou no escritório de Donner e fez amizade comigo. Foi você que acabou me convencendo de que o Coronel merecia pagar por tudo que fez. Ainda me ofereceu muito dinheiro apenas para que o ajudasse. Eu não teria que fazer nada.

- Seu idiota. Ele só tinha provas circunstanciais. Você é um idiota, eu jamais deveria ter lhe feito a proposta. Você é um imbecil.

Michael conteve Stevens, que tentava se atracar com Nelson. O negro se esquivava, se escondendo atrás de Mary.

- Stevens, sente-se. Não há mais nada a dizer. Queremos apenas que você nos conte onde erramos. Ou não erramos?

- Por causa de Nelson e de sua enorme boca. Em razão de tudo que você disse, não posso mais negar. As coisas se passaram como você disse. Esse idiota do Nelson ainda não sabe que é tão culpado quanto eu. Pensa que sua confissão o salvará. Não salvará. Direi que ele sempre concordou com tudo. Tudo acabado. Tive que cometer outros assassinatos para encobrir esse e nada adiantou.

Trenton algemou Stevens e Nelson e chamou o policial que aguardava junto à porta. Michael explicou que precisava de testemunhas, por isso pedira a Donner que viesse. Nada mais havia a dizer. Trenton apertou a mão de Michael e lhe endereçou o mesmo sorriso agradecido que ambos sempre trocavam nesses casos e saiu. Donner se despediu de todos e saiu com o filho, ainda chocado com o fato. Mas agradeceu a Michael pelo que fizera.

CAPÍTULO XX

DOMINGO



Definitivamente parara de nevar. O natal estava perto e o presente de Michael estava lindo. Judith e ele passeavam pelas ruas de Boston procurando móveis e objetos para o apartamento onde iriam morar. Valerie aceitara finalmente a morte do pai e ao saber de tudo que ele fizera, entendera que ele merecia um castigo. Só que não deveria ela, também, ser castigada. Por isso resolveu esquecer e viver, simplesmente. Continuou a estudar e ia bem na Universidade.

De mãos dadas, caminhavam pela Prudence olhando as vitrines ornamentadas para o natal. Michael estava feliz e nos olhos de Judith se notava que o mundo para ela era uma festa. Michael definitivamente estava nos seus planos. A todo momento se apoiavam um no outro, na calçada escorregadia. E riam, riam.

Por eles passou um indivíduo, de certa idade, com um agasalho dos tempos do Vietnam. Olharam para ele e não puderam deixar de se perguntar se aquele era mais um dos abnegados que lutaram pela paz e pela democracia, ou apenas mais um que se aproveitou do conflito...

E os dois foram se afastando pela calçada, sempre trocando olhares de promessas, sorrindo e trocando segredos. E Boston parecia, para eles, o paraíso na terra.



F I M

ÍNDICE

Prólogo, 3

Cap I Chegando ao Vietnam, 6

II Descobrindo o Segredo, 13

III Caldwel Entra no Esquema, 22

IV De Volta à Civilização, 26

V Todos Voltam para Casa, 31

VI Para Onde foram os Amigos, 42

VII Visitando os Amigos, 46

VIII Roger, 54

IX Frank, 60

X Dobs, 66

XI Alan, 70

XII Crime, 75

XIII Judith, 81

XIV Michael Entra no Caso, 86

XV Procurando o Assassino, 93

XVI Dobs Fala, 103

XVII Pistas, 109

XVIII O Filho de Kurt, 117

XIX Expondo os Criminosos, 122

XX Domingo, 133

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_